



PROFHISTÓRIA

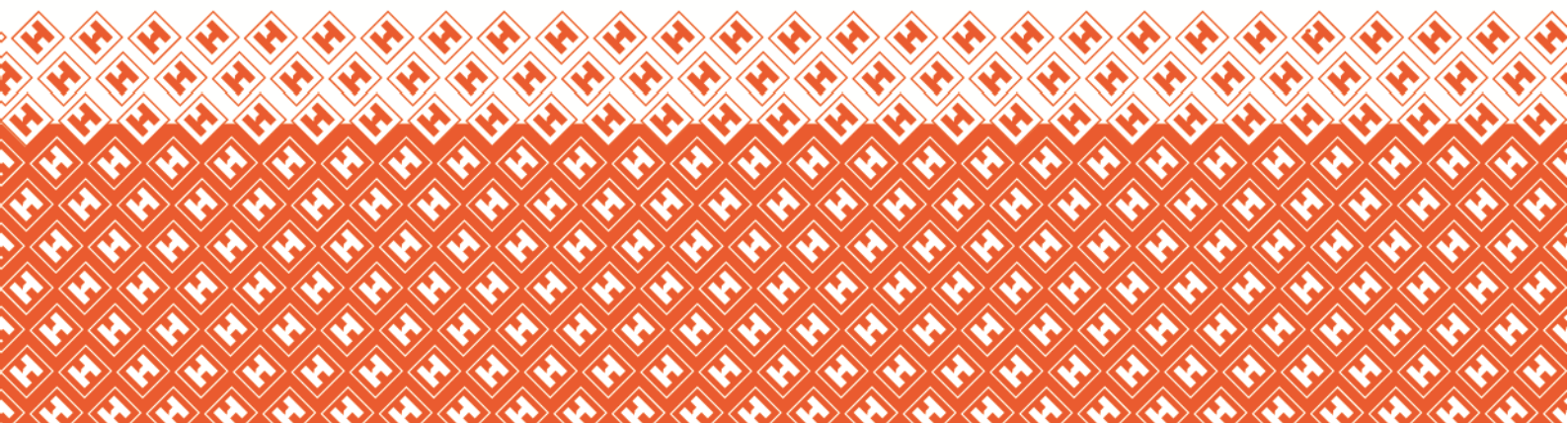
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANA PAULA DA SILVA SANTOS

“Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Novembro / 2018



ANA PAULA DA SILVA SANTOS

**“FESTA DO LIXO” NA FAZENDA GRANDE DO RETIRO, SALVADOR-BA.
UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E SEU CARÁTER POLÍTICO-
PEDAGÓGICO**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino de História, da Universidade
do Estado da Bahia, para obtenção do título de
Mestre em ensino de História.**

**Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de
Andrade Leal.**

SALVADOR-BA

2018

ANA PAULA DA SILVA SANTOS

**“FESTA DO LIXO” NA FAZENDA GRANDE DO RETIRO, SALVADOR-BA.
UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E SEU CARÁTER POLÍTICO-
PEDAGÓGICO**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino de História, da Universidade
do Estado da Bahia, para obtenção do título de
Mestre em ensino de História.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Andrade Leal PROFHISTÓRIA/UNEB

Prof^a. Dr^a. Mônica Martins Silva PROFHISTÓRIA/UFSC

Prof^a. Dr^a. Luciana Conceição de Almeida Martins/UCSAL

Dedico este trabalho à minha família e a todos aqueles que me apoiaram nesta difícil trajetória.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de inspiração e sabedoria. Sem Ele, não teria sido possível chegar até aqui. A Meishu-Sama meu Mestre que me ensinou o valor da verdadeira educação e por ter me fortalecido diariamente com seus ensinamentos. Aos meus familiares, que sempre me incentivaram a estudar e a alcançar meus sonhos. Em especial a minha, Almerinda Ferreira que compreendeu a minha ausência ao seu lado quando mais precisou de mim. A meu esposo Alan e meus filhos Alana e Artur por terem compreendido a minha falta de tempo para brincar e cuidar deles, devido às minhas idas a campo, às leituras, à escrita, a um regime de quarenta horas semanais em sala de aula, além da preocupação e angústia de ter tido minha mãe desenganada pela medicina e ter perdido uma tia muito querida. A minha sogra, Nivalda pelas orações para Deus me fortalecer. A minha amiga Nivia que sempre me transmitia palavras de encorajamento e calma. À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Andrade Leal pelas orientações e atenção. Aos meus colegas de curso, que durante dois anos compartilhamos alegrias, tristezas, desesperos, a quem buscamos conselhos e orientações. À Banca Examinadora, que também participou do Exame de Qualificação e ajudou no desenvolvimento do trabalho com indicações teóricas e metodológicas. Aos guardiões da memória da “Festa do Lixo”, obrigada por me deixar fazer parte de suas vidas e fazerem parte da minha por um breve período de tempo. Obrigada pelos depoimentos sinceros e emocionados, pela troca, pela construção mútua da fonte de pesquisa e por acreditarem que a educação transforma vidas. Meu muito obrigada aos educandos que coparticiparam da construção desse trabalho, sem eles eu não seria nem mesmo professora. Aos que não citei aqui, mas que, de um jeito ou de outro, contribuíram para o meu crescimento humano e intelectual durante esse processo de pesquisa.

[...] Aquele que nunca desiste, com uma forte determinação para realizar o seu trabalho - mesmo cometendo falhas ou sendo ridicularizado pelos outros – certamente crescerá bastante. Eu próprio trabalho com essa atitude. Entretanto, aquelas que desistem após o primeiro fracasso não servem, de fato, para o trabalho. [...].

Meishu-Sama, 1950.

RESUMO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória, do Programa PROFHISTÓRIA - Mestrado Profissional em Ensino de História, tem como tema a Educação Patrimonial e o Ensino de História, visando identificar a “Festa do Lixo” como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, em Salvador - BA, valorizando-a como instrumento de ensino e aprendizagem nas aulas de História. Nessa perspectiva, o uso das fontes históricas: jornais, entrevistas orais, documentos de arquivos públicos e a pesquisa bibliográfica permitiram responder a questão central da dissertação: como ensinar para a valorização do patrimônio cultural e da memória, vinculados a experiência da comunidade e ao cotidiano dos discentes. A trajetória investigativa pautou-se pela Pesquisa Participante, por refletir acerca de uma realidade sem dissociar a teoria da prática, envolvendo os sujeitos pesquisados: os estudantes e os “guardiões da memória” da “Festa do Lixo”, a partir da metodologia do Círculo de Cultura que valoriza o diálogo existente entre os vários saberes, científico, escolar e popular, percebendo o educando como sujeito histórico. A importância social deste trabalho dá-se por ser um meio de problematizar a prática pedagógica no Ensino de História, que por muito tempo privilegiou os “grandes heróis” e a memória oficial atrelada a uma concepção de patrimônio histórico ligado aos bens de “pedra e cal” – imóveis tombados. Os resultados dessa investigação possibilitam aos educadores de História um ensinar e aprender com sentido e na medida em que os educandos vão reconhecendo um passado construído pelas pessoas que chegaram à comunidade antes deles instalasse um sentimento de pertencimento entre eles.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação Patrimonial. Círculos de Cultura. “Festa do Lixo”. Memória. Patrimônio.

ABSTRACT

The present work is part of the Historical Knowledge in Different Spaces of Memory research line of the PROFHISTÓRIA Program - Professional Master's in History Teaching. Its theme is Patrimonial Education and History Teaching, aiming at identifying the "Garbage Festival" as Intangible Cultural Heritage of the district of Fazenda Grande do Retiro, in Salvador - BA, valuing it as an instrument of teaching and learning in History classes. In this perspective, the use of historical sources: newspapers, oral interviews, public archives and bibliographical research allowed us to answer the central question of the dissertation: how to teach for the valorization of cultural heritage and memory, linked to community experience and daily life of the students. The research trajectory was guided by the Participant Research, for reflecting on a reality without dissociating the theory of practice, involving the subjects surveyed: the students and the "guardians of memory" of the "Garbage Festival", based on the methodology of the Circle of Culture that values the existing dialogue between the various knowledge, scientific, school and popular, perceiving the student as a historical subject. The social importance of this work is given as a way of problematizing the pedagogical practice in History Teaching, which for a long time privileged the "great heroes" and the official memory linked to a conception of historical heritage linked to the "stone and lime" - real estate. The results of this investigation enable history educators to teach and learn meaningfully and to the extent that learners recognize a past constructed by the people who came to the community before they established a sense of belonging among them.

Keywords: Teaching History. Patrimonial Education. Circles of Culture. "Garbage Party". Memory. Patrimony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Casarão construído no século XIX	20
Figura 02: Rua Melo Moraes Filho, 1960 a	20
Figura 03: Rua Melo Moraes Filho, 1960 b	21
Figura 04: Fachada principal da Escola Dom Avelar Brandão Vilela.....	22
Figura 05: Pátio da escola.....	23
Figura 06: Quadra da escola.....	23
Figura 07: Cantina da escola.....	23
Figura 08: Sede da EGBA (Empresa Gráfica da Bahia).....	27
Figura 09: Docentes e discentes em círculo na roda de conversa.....	68
Figura 10: Fachada principal da Escola Dom Avelar Brandão Vilela na Fazenda Grande do Retiro.....	77
Figura 11: Fachada principal da Escola Estadual Bento Gonçalves na Fazenda Grande do Retiro.....	77
Figura 12: Fachada principal da Escola Estadual 2 de Julho na Fazenda Grande do Retiro.....	78
Figura 13: Professora Ana Paula Santos e educandos, culminância do Projeto Conhecendo o bairro da Fazenda Grande do Retiro, amostra de vídeos.....	79
Figura 14: Estudantes da turma Eixo V C.....	80
Figura 15: Estudantes da turma Eixo V B, noturno.....	81
Figura 16: Estudantes da turma Eixo V B, noturno.....	82
Figura 17: Professora, estudantes e convidados na Roda de Conversa.	88
Figura 18: Encerramento da primeira Roda de Conversa, da esquerda para a direita: professora Nadir Torres, professora Nivaldina Amaral, Sociólogo Ailton Ferreira, cantora Laurinha Arantes, professoras Ana Paula Santos e Christiane Barroso.....	93
Figura 19: Encerramento da segunda Roda de Conversa, da esquerda para a direita o aluno Gabriel Silva, Dalmo Santos, Valdenor Cardoso, professora Ana Paula e Waldemar Oliveira.....	94
Figura 20: Estudantes e convidados na segunda Roda de Conversas.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARENA- ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL

BA- BAHIA

BANEB- BANCO DO ESTADO DA BAHIA

CEB- COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

CELAM- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

CF- CONSTITUIÇÃO FEDERAL

CNBB- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

DOPS- DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

EGBA- EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA

EJA- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

GEAFRAGA- GRUPO DE TEATRO ENGAJADO DA FAZENDA GRANDE DO
RETIRO

IGHB- INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

IPHAN- INSTITUTO BRASILEIRO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL

IPM- INSPETORIA DE MONUMENTOS NACIONAIS

MDB- MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

PC DO B- PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

PDS- PARTIDO DEMOCRÁTICO SOCIAL

PMDB- PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

PT- PARTIDO DOS TRABALHADORES

SEDUR- SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO

SEFAZ- SECRETARIA DA MUNICIPAL DA FAZENDA

SEPROMI- SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

SPHAN- SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

UNE- UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

UNEB- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FAZENDA GRANDE DO RETIRO E A “FESTA DO LIXO”: DANÇANDO AO SOM DE UM MOVIMENTO SOCIAL	19
1.1 Conhecendo o espaço de onde nasce a pesquisa: bairro e escola.....	19
1.2 A festa do lixo: a história de um movimento social de bairro.....	24
1.3 O cenário brasileiro e a “Festa do Lixo” – enfraquecimento e silenciamento	37
2 A “FESTA DO LIXO”: ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	46
2.1 A “Festa do Lixo”: um patrimônio cultural imaterial da Fazenda Grande do Retiro....	46
2.2 Memória, Patrimônio e ensino de história: “Festa do Lixo” na perspectiva político-pedagógica	56
3 RODAS DE CONVERSA, UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA NO “CHÃO DA SALA DE AULA”	65
3.1 Pressupostos norteadores para elaboração das rodas de conversa.....	65
3.2 Percursos práticos na construção de uma metodologia para o ensino de história.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	107
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

A minha trajetória docente teve início em 1992 com 15 anos de idade, quando iniciei o curso de Magistério, na Escola Estadual Dr. José Marcelino de Souza, localizada na minha cidade natal, Nazaré, no interior da Bahia. Foram durante aqueles três anos de formação que aprendi a ser professora.

Após a conclusão do curso, em 1995 comecei a lecionar em escolas primárias, hoje Ensino Fundamental I (1º ao 5º), por três anos. Em 1998 ingressei no curso de Licenciatura em História pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e, durante os quatro anos de formação, continuei lecionando, no ginásio, que corresponde atualmente ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º), em estágios remunerados, em escolas de cidades circunvizinhas à Universidade localizada em Santo Antonio de Jesus-BA.

Ao concluir a graduação iniciei, no ano seguinte, em 2002, o curso de Especialização em História Regional pela UNEB-CAMPUS V, na mesma cidade onde fiz a licenciatura e, nesse mesmo ano, fui aprovada no concurso público do Estado da Bahia para lecionar História em Salvador, onde permaneço atualmente, o que totaliza uma experiência de vinte e três anos de sala de aula ininterruptos.

Com base na minha trajetória, como aluna de escola pública, negra, pobre, filha de uma doméstica analfabeta e registrada pelo pai aos dezesseis anos, tenho fundamentos necessários para estimular meus alunos e alunas, principalmente do turno noturno, com experiências semelhantes, a acreditarem que a educação transforma vidas e que só através dessa conscientização poderão mudar a realidade em que estão inseridos.

Ao concluir o curso de licenciatura, ficamos ansiosos para colocarmos em prática nossas teorias pedagógicas, pois achamos que temos soluções para “salvar a educação”, e se a disciplina que estamos preparados a ensinar for da área de humanas, essa ideia ganha um reforço maior. Mas, logo percebemos o quanto a realidade é desafiadora e que precisaremos responder perguntas simples e ao mesmo tempo complexas e significativas: Para que serve a história? Por que preciso saber sobre o passado dos romanos? O que vai mudar na minha vida conhecer sobre o passado? Até parece que os estudantes leram Bloch, Hobsbawn, Le Goff etc, antes de nós. E assim começa a nossa jornada diária, a fim de encontrar respostas para essas e outras inquietações que continuam a existir no “chão da sala de aula”. Nesse chão são

desenhadas outras referências que quase não lemos, mas de inestimável significância para aquela comunidade, para aqueles estudantes.

Como posso adequar o ensino da História com o cotidiano dos meus estudantes? O que fazer para tornar as aulas de História mais significativas? Essas e outras inquietações nos incomodam diariamente. Frente a essas demandas e outras de ordem pedagógica, é que emergiu a decisão de participar do processo seletivo do Mestrado Profissional. Nesse momento, a ideia era desvelar a necessidade de discutir acerca das práxis do ensino de história, tomando como referência a história e memória que fazem parte do espaço onde ensinamos e aprendemos a cada dia. E, sobretudo, que o ensino de história se aproxime dos estudantes e seja percebida e reconhecida como elemento de mudança social.

Entretanto, após a aprovação e inserção no presente curso, fomos entendendo que não encontraríamos respostas prontas e definitivas, as quais sanassem todas as nossas angústias, mas que poderíamos incentivar a pesquisa, a criatividade, o diálogo e a crítica, além de escolher a Educação Patrimonial como uma concepção de ensino e mais um caminho possível para ensinar História, valorizando as experiências dos sujeitos do lugar em que a escola está inserida.

A partir desse entendimento, iniciamos a busca pelo nosso objeto de estudo. Já sabíamos das nossas prioridades, que é o de ensinar a partir de algo concreto, próximo dos estudantes para que possam perceber que a História é parte da sua realidade. A primeira postura foi o de fazermos uma pesquisa de sondagem na Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, onde leciono a dez anos, situada no bairro da Fazenda Grande do Retiro em Salvador, Estado da Bahia, para percebermos o interesse dos docentes e discentes acerca da história do lugar em que a escola está inserida, sensibilizando-os a fim de desenvolverem uma consciência para conhecerem, registrarem, preservarem e valorizarem sua própria história.

A referida escola tem seu ato de criação registrado em 13 de abril de 1981¹ e publicado no Diário Oficial da Bahia nº 234581. Atualmente é considerada de médio

¹ De acordo com as informações de uma funcionária da secretaria, moradora do bairro há 40 anos, D. Aurelice, a escola foi construída no ano de 1976, no governo de Roberto Santos, tendo recebido o nome de Escola Vila Natal, já que sua criação foi para atender ao pedido dos moradores do Conjunto Residencial Vila Natal, localizado atrás da escola. Entretanto, na década seguinte, pelo fato de Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo da Bahia naquela época, ter intercedido diante do governo pela reforma da escola, os moradores pediram que a escola recebesse o seu nome, a fim de homenageá-lo.

porte para a Secretaria da Educação e funciona nos três turnos com o Ensino Fundamental II no diurno e com a Educação de Jovens e Adultos no noturno.

Durante a semana pedagógica, em fevereiro de 2017, lançamos a ideia para os docentes analisarem a proposta e todos apoiaram e decidiram incluir o estudo sobre o bairro da Fazenda Grande do Retiro no projeto da escola intitulado “Conhecendo a Bahia”, que já acontecia na escola há cinco anos, mas que não contemplava o entorno da escola, o meio em que os discentes estão inseridos cotidianamente.

Para isso decidimos realizar um trabalho interdisciplinar de sensibilização do tema, envolvendo os três turnos da escola, em que cada disciplina iria trabalhar um aspecto do bairro de acordo com seus objetivos. Assim os docentes de história optaram por trabalhar com a memória, como patrimônio local.

Começamos pesquisando sobre a trajetória da localidade para identificar seus principais marcos, em bibliotecas públicas da cidade, na fundação Mário Leal, na Fundação Gregório de Matos, no Arquivo Público do Estado da Bahia, na Conder (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), no IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia), na EGBA (Empresa Gráfica da Bahia), escritório da União Fabril, na SEDUR (Secretaria de desenvolvimento urbano) e na SEFAZ (Secretaria da Municipal da Fazenda). Nesse momento, identificamos raras referências de eventos do bairro em livros e recortes de jornais.

Decidimos, também, realizar algumas entrevistas com moradores do bairro. Para realizar as entrevistas preparatórias não adotamos critérios pré-estabelecidos de seleção dos entrevistados e entrevistadas, mediante aspectos como etnia, gênero ou grau de escolaridade, mas a partir dos debates realizados em sala de aula com os discentes a respeito do tema, sendo citados nomes de moradores e moradoras que “sabiam tudo sobre o bairro”. O importante era obter informações necessárias para organizarmos um projeto e termos uma ideia inicial do que pretendíamos fazer.

No dia 23 de agosto/2017, com a culminância do projeto, os discentes apresentaram uma amostra de vídeos como resultado da dedicação, compromisso e envolvimento com a pesquisa. Essa experiência foi fundamental para definirmos o objeto da presente pesquisa. A partir de um dos trabalhos apresentados, passamos a ter conhecimento sobre uma festa de caráter político que fora realizada durante dez anos no bairro, a “Festa do Lixo” (1975-1985).

Percebemos a riqueza desse acontecimento e o dever de analisar, interpretar e registrar as memórias dessa história como patrimônio cultural e social, por ter sido um movimento social de bairro e ser uma temática que favorecia a construção de um ensino comprometido com a formação do cidadão. Todo esse processo foi fundamental para passarmos a valorizar a Educação Patrimonial, não daquele patrimônio de pedra e cal ou de monumentos criados pela elite, tombado sem a participação popular, mas das experiências vividas pela comunidade, suas produções culturais e relações sociais.

Após a culminância do projeto interdisciplinar, durante as nossas aulas, no turno noturno com os estudantes do EJA², continuamos valorizando o ensino pela pesquisa e apresentamos a proposta de pesquisarmos sobre esse evento que tanto nos chamou a atenção: a “Festa do Lixo”. Diante da aceitação e interesse pelo tema, pudemos perceber o quanto estavam desejosos por algo que os ajudassem a descobrir quem são, auxiliando-os na formação de suas identidades. A escolha pelos estudantes desse turno e modalidade de ensino ocorreu devido ao envolvimento no projeto e o interesse demonstrado em conhecer, através da pesquisa, a história do bairro.

A presente pesquisa buscou responder a algumas questões relativas a: como ensinar para a valorização do patrimônio cultural e da memória, vinculados a experiência da comunidade e ao cotidiano dos discentes; como ensinar valorizando a pesquisa e a dialogicidade; de que forma pode-se priorizar a Educação Patrimonial como uma concepção de ensino-aprendizagem, dialógica, reflexiva e crítica; como preparar o discente a “ler o mundo”, sua realidade, reescrevê-la e transformá-la.

Para tanto, nosso objetivo geral foi o de identificar a “Festa do Lixo” como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, valorizando-a como conteúdo de ensino e aprendizagem no ensino de História. Elencamos como objetivos específicos, no desenvolvimento da pesquisa: a) compreender de que forma diferentes fatos históricos podem ser utilizados como recursos para dinamizar o ensino de História na sala de aula a partir da Educação Patrimonial; b) buscar documentos (escritos e orais) que legitimassem a “Festa do Lixo” como patrimônio imaterial do bairro Fazenda Grande do Retiro; c) destacar o caráter político e pedagógico da “Festa do Lixo”, enquanto movimento social; d) incentivar a criatividade, o diálogo e a crítica no processo de ensino e aprendizagem através dos Círculos de Cultura, possibilitando a

² Educação de Jovens e Adultos, estudantes acima de dezoito anos, que geralmente trabalham durante o dia no comércio ou como diaristas em trabalhos domésticos e estudam à noite.

sua renovação a cada ano letivo com novas pesquisas e abordagens; e) compreender de que forma, no contexto da Ditadura civil-militar no Brasil, (1975-1985), jovens de um bairro da periferia de Salvador-BA conseguiram organizar e sustentar a “Festa do Lixo”, uma festa de protesto e reivindicações, durante dez anos consecutivos.

Em se tratando do referencial teórico para a constituição dessa pesquisa, consideramos várias discussões, entre as quais destacamos sobre memória: Pollak (1992), Bosi (2003) e Nora (1993). Já para analisar o ensino de história e suas possibilidades, priorizamos: Bitencourt (2009) e Caimi (2015). Como suporte para as discussões sobre História Oral utilizamos os conceitos de Montenegro (1994). Quanto a Educação Patrimonial encontramos suporte em Abreu (2009), Fernandes (2006), Horta (1999) e Machado (2004). Ademais, Paulo Freire nos ancorou em todas as etapas da pesquisa, principalmente na aplicação dos círculos de cultura, e da pesquisa participativa com Demo (1999). Além desses por hora citados, dialogamos com outros autores com ideias afins ao nosso tema, todos citados nas referências desse trabalho.

A pesquisa se insere na concepção da Nova História Cultural, na medida em que priorizamos a construção histórica a partir das manifestações culturais dos silenciados, moradores de bairros periféricos de Salvador, através da visão de uma história plural. Havendo, portanto, uma aderência do objeto de estudo com a linha de pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória, e compreendendo que a sala de aula não é o único lugar de se ensinar e aprender História, uma vez que esse processo é dinâmico e acontece nos mais diversos espaços sociais, como na rua, no trabalho. Para garantir a existência e a proteção da identidade de um povo, precisamos conhecer entender, respeitar e preservar as suas raízes, valorizando primeiramente a sua história.

Metodologicamente, para a execução e aplicação da pesquisa, utilizamos dos Círculos de Cultura³ e da História Oral. A fim de romper com as barreiras que dificultam a aprendizagem de história, reinventamos a metodologia dos Círculos de Cultura de Paulo Freire com a experiência das “rodas de conversas”. Nas nossas rodas de conversas foram priorizadas as experiências vivenciadas por alguns dos participantes da “Festa do Lixo”, para mobilizar o interesse pela pesquisa, interpretação e pelo diálogo com estudantes, professores e convidados, privilegiando o estudo do meio e do

³ Metodologia criada por Paulo de Freire e aplicada pelo autor em 1963, na alfabetização de adultos, na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte.

patrimônio local, além de estimular e desenvolver a capacidade crítica, fundamental no exercício da cidadania.

O modelo dos Círculos de Cultura foi utilizado por valorizar e fazer revelar sujeitos anônimos que, ao serem visibilizados, apresentam-se protagonistas e construtores da história. Essa metodologia possibilita que todos os participantes sejam ouvidos, respeitando uns aos outros, exponham suas práticas e vivências, consigam construir de forma dialógica e coletiva o conhecimento.

Através dessas “rodas de conversas” o educador, mediador, sistematiza o objeto de estudo e cria situações significativas para que aconteça um diálogo problematizador em conexão com os conteúdos escolares. No caso da “Festa do Lixo”, abriu-se um “leque” para se discutir acerca da Ditadura Militar; movimentos sociais e Patrimônio Cultural, possibilitando aos educandos a compreensão da realidade vivida, a condição social, política, econômica e cultural em que estão inseridos.

Buscamos, nesse sentido, na presente pesquisa, aproximar as discussões sobre memória, demonstrando a relevância de incluir as vozes dos sujeitos organizadores da “Festa do Lixo” na construção da História do bairro e da cidade, ao observar de que forma descrevem suas experiências com a “festa” e como esse fato ficou registrado em suas memórias.

As fontes orais não foram supervalorizadas como verdades absolutas e altamente confiáveis, para não cometermos os mesmos erros que os historiadores tradicionais cometiam com as fontes escritas. Tomamos alguns cuidados reconhecendo que toda fonte possui limites às nossas indagações. Além de utilizar fontes bibliográficas, analisamos notícias de jornais referentes ao movimento social em questão.

Procuramos entender nos relatos de como os entrevistados interpretam o processo histórico da “Festa do Lixo” em suas memórias. Quais elementos desse processo foram priorizados ou esquecidos por eles. Vale ressaltar que entre as cinco pessoas convidadas para compartilharem suas lembranças sobre a festa com os estudantes da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, quatro não residem atualmente no bairro. Por motivos diversos se mudaram há pouco tempo, entretanto mantém fortes laços com o bairro. Ademais, todas as pessoas que participaram da pesquisa, estudantes, moradores, ex-moradores, funcionários da escola e docentes, consentiram em registrar

seus nomes no texto dissertativo, devido à relevância atribuída por todos ao movimento da “Festa do Lixo”.⁴

O advogado Waldemar Oliveira, 73 anos, nasceu e viveu no bairro da Fazenda Grande do Retiro até seus 68 anos. Já o senhor Valdenor Cardoso, 66 anos, também advogado, quando interrogado sobre o tempo em que lá viveu, disse que na verdade nunca havia saído definitivamente do bairro, pois ainda tem casa lá e seus pais continuam morando no bairro. Assim como Waldemar, afirmou não conseguir ficar longe por muito tempo.

Outro depoente foi o sociólogo Ailton Ferreira, 60 anos. Ao contrário de Waldemar Oliveira e Valdenor Cardoso, ele não nasceu na Fazenda Grande, mas foi morar no bairro aos dezessete anos. A depoente Laura Arantes, 60 anos, nos chamou atenção pelo fato de nunca ter morado no bairro, mas, como sua avó materna morava na Fazenda Grande do Retiro, desde a sua infância ela passava finais de semana e férias no bairro, onde fez amizades que perduram até os dias atuais, a exemplo de nosso único depoente que nasceu e permaneceu morando no bairro até os dias atuais, o vice-presidente da Associação Beneficente e Recreativa Unidos da Fazenda Grande do Retiro, Dalmo Santos, 53 anos.

Considerando a natureza da pesquisa e do objeto e com base nos pressupostos de Paulo Freire (1984), adotamos o método da pesquisa participante, na qual pesquisamos e ao mesmo tempo educamos e somos educados. E voltando ao espaço pesquisado para colocar em prática os resultados da pesquisa, pesquisamos outra vez, em um permanente e dinâmico movimento de pesquisar e educar.

Inicialmente, a pesquisa foi intitulada: História e memória da Fazenda Grande do Retiro em Salvador-Ba: perspectivas de Educação Patrimonial e Ensino de História, mas durante o seu desenvolvimento sentimos a necessidade de mudar o título para “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político pedagógico. A mudança ocorreu devido ao reconhecimento da “festa” como um patrimônio local, por parte dos estudantes, à medida que iam pesquisando e conhecendo a sua história. Ademais, elaboramos outros objetivos geral e específicos em consonância a essa nova perspectiva da pesquisa.⁵

⁴ Todos assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), fornecido pelo comitê de ética da UNEB, o modelo está em anexo.

⁵ Essas mudanças ocorreram após a pesquisa ter sido cadastrada na Plataforma Brasil e submetida à análise do comitê de ética da UNEB, tendo recebido parecer favorável (em anexo) no dia 09 de maio de

Este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado “Fazenda Grande do Retiro e a “Festa do Lixo”: dançando ao som de um movimento social”, mostra que a presente pesquisa nasceu na escola para atender nossas inquietações com o desinteresse dos estudantes diante do ensino da história e, para enfrentar o desafio de despertar tal interesse, o bairro em que a escola está inserida, a Fazenda Grande do Retiro, foi apresentado como elo mobilizador de conhecimentos. Também nossos cinco depoentes foram acionados para que, a partir de suas memórias, fosse possível reconstruir e entender a história da “festa do lixo” como um movimento social de bairro no período de 1975 a 1985, além de situá-lo no cenário brasileiro do contexto da ditadura civil-militar (1964-1985), explicando sobre o enfraquecimento e silenciamento do movimento de acordo com a intervenção do poder do Estado para acabar com a organização de um povo que estava consciente de seus direitos.

O segundo capítulo “A Festa do Lixo: Ensino da História e Educação Patrimonial” aborda questões relacionadas ao papel da História, da Memória e do Patrimônio como elementos constitutivos tanto da pesquisa histórica quanto do Ensino de História. Para tanto, traz elementos fundamentais para o reconhecimento da “Festa do Lixo” como um Patrimônio Cultural Imaterial da Fazenda Grande do Retiro e seu caráter político e pedagógico desde a sua origem e com a possibilidade de ser integrado ao currículo escolar das escolas do Bairro.

O terceiro capítulo “Círculos de cultura”, uma metodologia participativa no “chão da sala de aula” foi construído para subsidiar os educadores da disciplina de história a partir de uma metodologia de ensino-aprendizagem no desenvolvimento da educação patrimonial, na escola Dom Avelar Brandão Vilela, e em outras escolas espalhadas nos diferentes bairros da cidade. Assim, fica demonstrado que é possível promover momentos de aprendizagens acerca do processo cultural local e, a partir de suas manifestações singulares, despertar o interesse para com o conhecimento histórico e a importância do protagonismo cidadão na construção de histórias significativas, as quais influenciam todos a manifestarem o desejo de solucionar questões cotidianas que impactam na qualidade de vida dos educandos e das diferentes comunidades.

1 FAZENDA GRANDE DO RETIRO E A “FESTA DO LIXO”: DANÇANDO AO SOM DE UM MOVIMENTO SOCIAL

1.1 Conhecendo o espaço de onde nasce a pesquisa: bairro e escola

Como fora explicado na introdução, a presente pesquisa nasceu a partir da Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, do nosso lugar de trabalho, de nossa prática profissional, pela necessidade de desenvolver um ensino da História que contribua no processo de conscientização política dos educandos.

Dentro dessa dinâmica, faz-se necessário apresentarmos o bairro onde está localizada a referida escola.

O território atual do bairro da Fazenda Grande do Retiro em Salvador configura-se como um local esparsamente habitado desde o período imperial do Brasil. Com sua área dividida entre a União Fabril Fiais⁶ (lado direito no sentido largo da Argeral para o largo do Retiro) e a Prefeitura Municipal de Salvador (lado esquerdo), que tomou posse num processo de desapropriação movida pela Câmara Municipal em 1855⁷, por falta de pagamentos tributários.

⁶ Não está entre nossos objetivos transcorrer acerca da história da empresa. Algumas informações constam no endereço:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_reuso_patrimonio_industrial.pdf

Sobre o surgimento da empresa, ainda como fábrica têxtil, podem ser encontrados relatos em publicações acerca do início da atividade fabril em Salvador, notadamente no Subúrbio Ferroviário. Mais tarde as Companhias União Fabril da Bahia e a Progresso Industrial da Bahia formaram a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, de propriedade da família Martins Catharino. A atividade fabril não durou muito após a união das empresas, tendo se transformado em agente imobiliária, seguindo a lógica de crescimento econômico da época, após o declínio dos lucros nas fábricas.

⁷ Fonte: Secretaria da Fazenda do município- certidão nº 13473939/0001-15- Cartório de Imóveis- Em 21 de março de 1964 foi registrada no livro 3-Z às fls. 251 sob nº de ordem 29.842, a Certidão passada pelo Cartório do 1º Ofício de Registro Especial de Títulos e Documentos, da Carta de Arrematação passada em data de 09 de agosto de 1855, pelo Escrivão Joaquim dos Reis Lessa e subscrita pelo Dr. Francisco Marques de Araújo Góes, Juiz de Direito da Fazenda Pública, pela qual a Câmara Municipal de Salvador, houve por arrematação, na ação movida contra Ludovina Josefa do Sacramento e demais herdeiros de Joaquim Bernardino Falcão de Gouveia, a propriedade denominada Engenho do Retiro, com suas terras, no subdistrito de Santo Antonio, zona urbana desta Capital, que divide-se por um lado com as terras de São Caetano e de outro com terras do Desembargador Junqueira contendo 231 tarefas de terras.

Figura 1: Casarão construído no século XIX⁸



Fonte: Ana Paula Santos, 23 abr. 2018

Por aproximadamente um século, essa área foi ocupada por pequenos agricultores, arrendatários de lotes da União Fabril, apresentando, até as primeiras décadas do século XX, aspectos semelhantes à vida no interior, como nos relatou em entrevista o senhor Waldemar Oliveira⁹: “aqui no bairro nós não tínhamos a infraestrutura dos bairros do centro da cidade, mas era bom viver aqui, brincávamos nas ruas, a maioria das pessoas se conheciam, subíamos em árvores, tenho saudades daquela época.”

Figura 2: Rua Melo Moraes Filho, 1960a



Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos-Salvador-Ba, pasta/caixa - 510

⁸ Ainda existe no largo da Argeral na Fazenda Grande do Retiro o casarão que, segundo os moradores, foi um escritório da União Fabril Fiéis, datado de 1843.

⁹ Entrevista concedida no dia 11 de maio de 2018, em seu escritório de advocacia localizado no bairro da Fazenda Grande.

Figura 3: Rua Melo Morais Filho, 1960b



Fonte: Arquivo da Fundação Gregório de Mattos, Salvador-BA, pasta/caixa – 510

Em meados dos anos de 1940, um de seus proprietários Justino Farias de Souza dividiu-a em lotes e iniciou uma negociação de terras que acompanhou a tendência dos bairros que avançavam na zona norte de Salvador, fazendo com que este rapidamente se ampliasse, sem a devida infraestrutura¹⁰.

Foi a partir da Lei Municipal nº1038, de 15 de junho de 1960, que essa localidade passou a ser considerada como um bairro da zona urbana de Salvador, fixando e delimitando seu limite atual¹¹. Paralelo à rodovia BR 324, no acesso norte, o bairro está situado na zona limítrofe com São Caetano e segue por volta de 3 km por sua rua principal, a Mello Morais Filho, até desembocar no largo do Retiro.

Em 2010, ano do último Censo Populacional¹² registrou-se uma população de 57.000 (cinquenta e sete mil) moradores, mas, atualmente, segundo o vice-presidente da Associação de Moradores Unidos da Fazenda Grande, Dalmo Santos, de acordo com trabalhos desenvolvidos pela associação na comunidade esse número já dobrou, devido ao grande número de ocupações que foram ocorrendo ao longo desses oito anos, desde o último censo.

¹⁰ Consultar Jornal A tarde 06/07/2002.

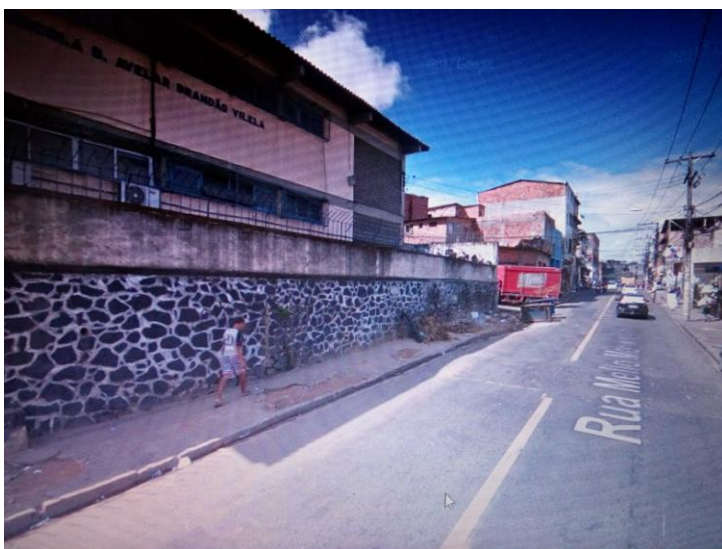
¹¹ Consultar: www.LeisMunicipais.com.br p. 38.s d

¹² Consultar: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticiasenso.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia>

Esse senso também revelou que o referido bairro encontra-se em quinta posição entre os dez bairros com maior população negra de Salvador, tendo se declarado negro um percentual de 86,38% da população¹³, além de caracterizar-se pela cultura de acolhimento de grande população migrante do interior do estado, assim como moradores de baixa renda da própria cidade. Sua principal função é residencial, servindo de abrigo ao crescente contingente de trabalhadores dos mais variados setores, que disponibilizam sua mão de obra nos diferentes pontos da cidade.

Muitas informações aqui apresentadas resultam de investigação em fontes de base de dados oficiais, enquanto outras são constatações resultantes de nossas observações nas aulas de História, realizadas na Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, localizada no bairro da Fazenda Grande do Retiro, Rua Melo Moraes Filho. Foi construída e registrada em 13 de abril de 1981, atualmente funciona nos três turnos, no diurno com o Ensino Fundamental II e no noturno com a Educação de Jovens e Adultos, e possui aproximadamente 749 alunos matriculados.

Figura 4: fachada principal da Escola Dom Avelar Brandão Vilela



Fonte: Foto de Ana Paula Santos, 10 abr. 2018

¹³ Consultar: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/top-10-veja-os-bairros-de-salvador-com-maior-populacao-negra/>

Figura 5: Pátio da escola Dom Avelar Brandão Vilela



Fonte: Foto de Ana Paula Santos, 17 ago.2018

Figura 6: Quadra da escola



Fonte: Foto de Ana Paula Santos, 17 ago. 2018

Figura 7: Cantina da escola



Fonte: Foto de Ana Paula Santos, 17 ago. 2018

1.2 A festa do lixo: história de um movimento social de bairro

Um movimento social, ou ação revolucionária se apresentam sempre num contexto de desejo de mudança. Inúmeros movimentos ocorreram na Bahia e em Salvador e muitos deles não têm a notoriedade devida. A partir do que pensam os estudiosos dos movimentos sociais, existem motivos para o silenciamento. Ao estudarmos a história revolucionária de um povo, geralmente esperamos encontrar momentos tensos e utilização de armas. Entretanto, ao analisarmos com mais afinco, percebemos que muitas revoluções surgiram a partir da insatisfação de alguns grupos que se organizaram de maneiras diversas sem necessariamente pegar em armas.

Para Maria da Glória Gonh (1985), os movimentos sociais subvertem uma ordem social e, nesse sentido, os sujeitos que detém o poder econômico, político, dentre outros, a partir da força estatal ou do poder dos meios de comunicação debelam a ação dos insurgentes. Isso também foi verificado no que aqui compreendemos como movimento social denominado “Festa do Lixo”. A sua história inicia-se muito antes da primeira mobilização. Ao observarmos a história do bairro, anteriormente apresentada, é possível perceber que os sujeitos que viviam na Fazenda Grande do Retiro (Bairro onde ocorreu o movimento “Festa do Lixo”), eram esquecidos no alto do morro e nas encostas que formam o bairro, sem nenhuma estrutura, sendo as moradias resultantes quase sempre de invasões, faltando-lhes quase tudo: saneamento básico, posto de saúde, creches, área de lazer e coleta diária do lixo, a qual afetava diretamente a saúde. Por tudo isso, seus moradores decidiram se mobilizar para solucionar tal problema que lhes era imposto há anos.

Um momento ímpar, na história de Salvador e que pouco ou quase nada se sabe, foi o ano de 1975, momento em que ainda persistia a ditadura militar. Um grupo de pessoas que experimentava cotidianamente o cerceamento de direitos e, sobretudo, o esquecimento por parte dos poderes públicos, resolveu tirar os véus que encobriam a situação caótica a que estava exposta a comunidade. Assim,

os moradores da Rua Melo Moraes Filho, na Fazenda Grande do Retiro resolveram dar uma lição à Prefeitura: armaram-se de pás, picaretas e carrinhos de mão e decidiram transportar uma montanha de lixo que se

acumulava ali por mais de vinte dias para o passeio da Empresa Gráfica da Bahia.¹⁴ (A Tarde, p. 5, 5 jul. 1975).

Ao analisarmos algumas teorias sobre a formação de movimentos sociais e seus principais motivos, pode-se concluir que tal fenômeno ocorre por uma série de fatores que impulsionam uma inquietação social, a exemplo do descaso do poder público para atender às necessidades básicas de direito dos cidadãos, ou o fato de não ouvir as suas demandas como forma de punição, por representar, muitas vezes, opositores ao governo da situação. O desejo de mudança vem dessa insatisfação e quando os recursos necessários para resolver os problemas não funcionam, explodem os movimentos sociais, como ocorreu em 1975 na Fazenda Grande do Retiro, em relação à mobilização inicial que deu origem ao movimento social denominado “Festa do Lixo”.

Já estávamos cansados de pedir as providências da Limpeza Pública e o lixo não era recolhido. Segundo José Muina, proprietário de um boteco, não houve líder nem o menor propósito de desrespeitar as autoridades, mas o que não podíamos mais era aguentar o mau cheiro, as muriçocas e o lamaçal existente na rua. (A Tarde, p. 5, 5 jul. 1975).

O movimento nasceu, portanto, da iniciativa de alguns moradores para resolver um problema imediato, a coleta de lixo diária, e estendida a todas as ruas do bairro. Devido à repercussão, participação popular e os resultados do movimento, no ano seguinte, no dia 02 de Julho¹⁵ de 1976, um grupo de jovens da turma do final de linha¹⁶,

¹⁴ A Empresa Gráfica da Bahia (Egba) foi criada pela Lei Estadual n. 881, de 17 de maio de 1912, na condição de autarquia e denominada, inicialmente, Imprensa Oficial do Estado (IOE). Mas foi o dia da mudança – 7 de setembro de 1915 – para sua primeira sede, um sobrado construído na Rua da Misericórdia, Centro Histórico de Salvador, que ficou marcado com a data de aniversário da empresa. Em 1972 aconteceram duas mudanças importantes para a IOB. Por força da Lei n. 3.037, de 3 de outubro, passa a ser denominada Empresa Gráfica da Bahia, empresa pública com personalidade jurídica de direito privado, capital exclusivo do Estado, patrimônio próprio, autonomia administrativa e financeira. No mesmo mês, a Egbá é transferida para sua terceira sede, em uma área muito mais ampla, com 31 mil m², onde permanece até hoje: na Rua Mello Moraes Filho, n. 189, Fazenda Grande Retiro.

¹⁵ O dia 2 de Julho, para a Bahia e para o Brasil, embora isso não apareça de forma nítida na historiografia, representa importante momento da história da Independência. Demonstra as estratégias de atores sociais que aqui viviam (escravizados, libertos, brasileiros ou não, negros e pardos). No livro *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista* (1985), de João José Reis e Eduardo Silva, apresenta de forma evidente como esse homens e mulheres se movimentaram, enquanto “outras forças sociais” sobre as questões que envolviam o processo de Independência do Brasil. Há, assim, um esquecimento da importância do 2 de Julho para a Independência. A mesma coisa ocorreu, séculos depois com a Festa do Lixo.

¹⁶ A turma do final de linha era composta por vários jovens que moravam no bairro da Fazenda Grande na época em que ocorreu a “Festa do Lixo”, e por estarem em sua maioria envolvidos com a luta contra a Ditadura Militar, viram no movimento da retirada do lixo uma oportunidade para organizarem protestos pacíficos a favor da comunidade. Entrevistamos três desses componentes: Waldemar Oliveira, Waldenor Cardoso e Ailton Ferreira.

juntaram-se a outros moradores para “lembrar o dia em que eles se uniram e, num gesto considerado de independência, recolheram o lixo acumulado em precários depósitos e o abandonaram diante da Imprensa Oficial.” (Jornal da Bahia 02/07/1978, p. 3).

Esse encontro não representou apenas o feito dos sujeitos que experimentaram nos seus fazeres sociais o caráter devolutivo de um esquecimento político, criminoso, violento e, sobretudo vergonhoso, mas, segundo registros nos jornais da época, as autoridades políticas tinham ciência dos problemas e nada faziam para resolvê-los.

O movimento social “Festa do Lixo”,

[...] servira não só para relembrar o fato, mas também como oportunidade para se **fazer um levantamento de todas as deficiências do bairro [grifo nosso]**. Assim é que às 11 horas de hoje, será composta uma comissão que entregará “um abaixo assinado gigante” ao Prefeito e aos Secretários de Saúde e Educação. (Jornal da Bahia, nº 5661, p. 5, 02 e 03 de julho de 1977).

O fato do primeiro momento que deu origem a “Festa do Lixo” ter ocorrido em uma data tão importante para os baianos, comemoração da Independência da Bahia, foi uma feliz coincidência, segundo Valdenor Cardoso, já que, no domingo em que os moradores tinham combinado para pegar o lixo das ruas e colocar em frente à EGBA, caso a prefeitura não providenciasse a coleta, acabou chovendo muito em Salvador, impossibilitando a ação dos moradores, os quais transferiram o protesto para o próximo dia em que a maioria dos moradores estivessem em casa, para poderem aderir ao movimento, sendo que o dia foi justamente o feriado da independência – o 2 de julho de 1975.

Figura 8: Sede da EGBA (Empresa Gráfica da Bahia)



Foto: trabalho de campo das alunas: Aimara Cerqueira e Liliane Silva – jul. 2017

Assim, um ano depois os moradores decidiram continuar protestando nessa mesma data, devido ao seu caráter simbólico e político.

Os moradores da Rua Melo Morais Filho, fim de linha da Fazenda Grande do Retiro, comemoraram ontem o 2 de Julho de maneira diferente do resto da cidade. Enquanto no centro de Salvador os desfiles marcavam a passagem e mais um ano da Independência do Estado, numa rua sem asfalto, esburacada e cheia de lama, seus moradores também marcavam uma data que agora consideram “cívica” do bairro: o primeiro aniversário da retirada do lixo que fechava toda entrada da artéria. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1976).

Observamos que durante os dez anos em que o movimento aconteceu, os principais jornais traziam a cobertura do evento sempre na mesma página da notícia das comemorações da Independência da Bahia, entre os dias três e quatro de julho, fato que demonstra a grandiosidade e a repercussão desse movimento de um bairro de periferia¹⁷, em um momento político delicado no país em que os brasileiros eram proibidos de fazer qualquer manifestação, sob pena de fortes represálias, prisões e torturas.

Observa-se que esses movimentos de bairro surgiram após um período de letargia das classes populares diante da ação de dominação ideológica dos militares, onde assistiram o protagonismo de setores da sociedade civil (donos de veículos de

¹⁷ Para Marilena Chauí o termo periferia designa bairros afastados nos quais estão ausentes todos os serviços básicos (luz, água, esgoto, calçamento, transporte, escola, posto de atendimento médico).

comunicação, empresários, setores conservadores da Igreja, o governo dos Estados Unidos) e a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), entre outros, nas manifestações de meados dos anos 1960, em apoio aos militares pela tomada do poder político no Brasil. As favelas e os bairros populares pareciam anônimos àqueles protestos e da luta armada que se organizava¹⁸.

É evidente que esse anonimato representa, antes de qualquer coisa, um suposto silenciamento de problemas sociais experimentados nos bairros periféricos das grandes cidades. Ammann apresenta um conceito de movimento popular de bairro que em muito se aproxima do que ocorreu na Fazenda Grande do Retiro.

O Movimento Popular de Bairro demanda bens e serviços de consumo coletivo que não lhes são concedidos em decorrência de relações sociais determinadas.

O sistema capitalista brasileiro expulsa o homem do campo - dentre outras razões, pela concentração da terra, pela monocultura e pela mecanização da agricultura - não lhe oferecendo na cidade o mínimo de condições de trabalho e moradia. (1991, p.162).

Nesse cenário, os moradores da periferia das grandes cidades começaram a perceber que os problemas de um eram, ao mesmo tempo, o de todos e que se juntos reclamassem para as autoridades haveria uma maior probabilidade de conquistas. Segundo Paul Singer (1980, p. 85),

Os movimentos de bairro surgem como resultado da aglutinação dos moradores das áreas pobres da cidade para fins de ajuda mútua e passam, em certas circunstâncias, a mobilizar a população para reivindicar maior participação no usufruto do que se denomina de "bens coletivos" da comunidade urbana.

Surgia uma nova forma de resistir nas pequenas ações de moradores de bairros periféricos, no cotidiano. Lutando pelo básico para sobreviver, perceberam então que a força nascia a partir de conquistas menores para, conseqüentemente, almejarem reformas gerais. Principalmente num período de grande repressão, a periferia conseguiu, com essa nova estratégia, se organizar com formas “alternativas” de protestar e exercer sua cidadania.

¹⁸ Consultar: OLIVEIRA, Andréa Cristina de Jesus. MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS: UM BREVE HISTÓRICO. Cadernos de Campo, n.6. 1999.

Ainda de acordo com Singer (1980, p. 83), os

movimentos de bairro são, hoje, parte da dinâmica social do mundo urbano capitalista. Eles constituem ao mesmo tempo formas de solidariedade e coesão comunal e de luta por melhores condições de vida da população pobre. Os que carecem de recursos econômicos e de poder dependem, muito mais do que as camadas mais privilegiadas, do contato social com os seus iguais e da ajuda mútua que dele pode resultar. [...].

Os movimentos de bairros se constituem em alternativa possível para as populações de comunidades periféricas, atingidas pela escassez dos serviços básicos, a se organizarem e pressionarem os poderes públicos a aumentarem os investimentos nesses serviços. Os principais movimentos formados nesse contexto foram as associações de moradores, conselhos de moradores, grupos jovens, clubes de mães etc. (SINGER, 1980 e AMMANN, 1991). Observando seus estatutos, percebe-se que são entidades sem fins lucrativos, compostas apenas por moradores do bairro e têm como objetivo principal reivindicar melhorias para o bairro. São registradas em cartório, organizadas de forma hierárquica, com uma diretoria escolhida através de eleições diretas, tendo direito a voto somente moradores associados, e possuem sede própria.

Foi nesse momento que alguns moradores da Fazenda Grande do Retiro se uniram e criaram em 1966 a Associação Beneficente Educativa e Recreativa Unidos da Fazenda Grande, com base nos critérios referidos acima e teve seu registro publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia¹⁹ no dia 2 de novembro do mesmo ano. Segundo o atual vice-presidente²⁰, a formação da Associação nasceu do desejo dos moradores de terem uma forma legalizada para exigirem melhorias para o bairro sem pretensões políticas e conquistas revolucionárias em âmbito nacional, considerando o momento político do país. O que desejavam mesmo era terem suas reais necessidades atendidas, a exemplo de construção de escolas, saneamento básico, posto de saúde, etc.

Além dos poderes públicos, outros mediadores foram fundamentais na viabilização das conquistas desses movimentos, como a Igreja Católica que, a partir do final dos anos de 1960, passa a se organizar com o objetivo de atender às necessidades dos bairros periféricos. Inspirada no slogan “Opção pelos pobres” do Concílio do Vaticano II (1962), enviou padres e agentes pastorais para as periferias de diversas

¹⁹ Diário Oficial, p. 19, nº 34 220.

²⁰ Dalmo Santos- entrevistado no dia 10 de maio de 2018.

partes do mundo. Essa ação resultou na formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), grupos não apenas de oração cristã, mas de discussões políticas e sociais, pois defendiam a ideia de que para ter dignidade espiritual, seria necessário primeiramente se ter dignidade humana, com seus direitos respeitados²¹.

Dentro desse contexto, chega à Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, situada no Alto do Peru, entre os bairros da Fazenda Grande e São Caetano, no dia 06 de janeiro de 1966, dois padres italianos: Pe. Renzo Rossi e Pe. Paulo Tonicci²² com o objetivo de anunciar o Evangelho e enfrentar os problemas sociais da periferia de Salvador.

Movidos pelos ideais da Teologia da Libertação²³, nos finais dos anos de 1960 e início de 1970, esses padres italianos iniciaram a experiência com as CEBs nos bairros ligados à Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, entre eles a Fazenda Grande. Em pouco tempo compreenderam que [...] Ser cristão, nessa nova concepção que ia se construindo, não podia ser apenas um exercício contemplativo, nem simplesmente seguir a orientação do padre. Eles agora pretendiam estimular o povo a assumir o seu próprio destino. [...] (JOSÉ, 2002, p. 72).

Dentre as suas principais atuações, estavam as de realizar abaixo-assinados, fazer reuniões, encontros de conscientização política, formação de conselhos de moradores, associações de bairro, clube de mães, mutirões para construção de casas, igrejas, esgotos e posto médico. “Em muitas outras oportunidades, quando os cristãos não criaram organizações próprias tentaram estar presentes “como sal e fermento” nos grupos populares e nas associações públicas”²⁴.

Segundo Valdernor Cardoso, morador naquela época da Fazenda Grande do Retiro, os padres italianos muito colaboraram na formação de líderes comunitários, como o Pe. Renzo que “percorria o bairro em sua bicicleta, cuidando e politizando a comunidade”. Ademais, Emiliano José em seu livro – As asas invisíveis do padre Renzo, também nos chama atenção para a relevância desse fato:

²¹ Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe da Arquidiocese de Salvador da BA, 12/12/1992, pág. 29.

²² JOSÉ, Emiliano. As asas invisíveis do padre Renzo: uma história singela de amor e dor nos tempos da ditadura brasileira. São Paulo: Casa Amarela, 2002, p. 68.

²³ A Teologia da Libertação é um movimento sócio-ecclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos. Contudo, ao proceder assim, seus adeptos chocaram-se contra o Estado, interesses econômicos e até mesmo a hierarquia da instituição Católica.

²⁴ Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe da Arquidiocese de Salvador da BA (12/12/1992, p. 28).

Em várias ocasiões, se confronta com a mentalidade conformista do povo, apegada às ideias dominantes. Lembra-se de um episódio quando Antônio Carlos Magalhães era prefeito de Salvador, nomeado pela ditadura militar, e ordenou que um pequeno pedaço da Avenida Melo Moraes Filho, na Fazenda Grande, fosse asfaltado. Houve uma grande festa na inauguração, e o povo aplaudia. Renzo não entendia por que. Afinal, não era essa a obrigação da prefeitura? No dia seguinte, se encontrou com um grupo de jovens, e foi logo perguntando:

- Eu gostaria que vocês me explicassem por que estavam tão entusiasmados ontem. Não faltam água, esgoto, escola, posto médico? Não sabem que o asfaltamento é feito com o dinheiro de vocês? Que nada sai do bolso do prefeito? Ele fez o seu dever, e nada mais. (2002, p.72).

Foi nesse sentido que ocorreu a participação da Igreja Católica, na sua linha progressista, dando base para a criação de movimentos sociais no bairro da Fazenda Grande do Retiro, formando os jovens, com a pretensão de libertá-los e retirá-los do estado de submissão, imposto pelo regime militar.

Nas reuniões que ocorriam em espaços da Igreja, havia o incentivo às discussões políticas para um real entendimento da estrutura social e econômica que se organizava no mundo naquele momento da história vivida no Brasil. O vice-presidente da Associação Dalmo Santos, em entrevista cedida para essa pesquisa, lembra que além dos problemas do bairro eram debatidos outros assuntos como: socialismo, comunismo e capitalismo. Devido ao posicionamento dos padres italianos e de suas ações no bairro, muitos os chamavam de padres “comunistas”. Sua mãe chegou a lhe advertir várias vezes para que não participasse das reuniões. Mesmo ela sendo católica, queria que ele ficasse longe dos padres, pois sabia que eles estavam sendo vigiados pelo regime militar e a qualquer momento poderiam ser castigados. Isso porque havia uma ação política nas atividades que precederam e sucederam a “Festa do Lixo” e, como tal, era considerada subversiva para a época e, sobretudo no bairro em que ocorreu o movimento.

A casa paroquial da Fazenda Grande do Retiro acolheu por vários momentos militantes de partidos clandestinos e a Escola 1º de Maio, fundada pela Igreja, e que serviu de espaço para discussões e reflexões nos anos mais duro da ditadura militar. Observa-se que era justamente em bairros periféricos que as organizações revolucionárias incentivavam os militantes a irem morar, sobretudo para ficarem mais

próximo do povo e poder politizá-lo. Valdenor Cardoso²⁵, ao ser entrevistado, lembra que um desses protegidos pelo bairro e pela Igreja foi o ex-governador da Bahia Jacques Wagner que, perseguido pela ditadura no Rio de Janeiro, passou um período na casa paroquial da Fazenda Grande do Retiro.

Naquele período, comunistas, socialistas e católicos progressistas estimulavam ações coletivas que serviam de base para novos movimentos sociais nos bairros, momento em que os problemas estavam em ebulição, como nos conta Valdenor Cardoso a respeito de sua participação na “Festa do Lixo”, “pois como militante do PC do B, partido clandestino, éramos instruídos a estar junto do povo e aproveitar qualquer movimento para conscientizá-lo da realidade política do país”.

Para melhor compreendermos o movimento social “Festa do Lixo”, faz-se necessário conhecermos seus elementos constitutivos que a sustentaram durante uma década. Acreditamos que a formação política, com base no trabalho das CEBs, inspirada na Teologia da Libertação, a filiação em partidos opositores à Ditadura Militar e a inserção na diretoria da Associação de Moradores, foram os pilares para os jovens da turma do final de linha da Fazenda Grande do Retiro, conseguirem, dentro de um cenário de perseguições, prisões e represálias em que vivia o país nos anos de 1975 a 1985, reivindicarem, panfletarem, protestarem e exigirem melhores condições de sobrevivência. Cobrando direitos sociais, sufocados pela mordaza política em que estava mergulhado o país num plano geral e em especial em Salvador e, por conseguinte, na Fazenda Grande, o movimento “festa do lixo” se consolidou, tornando-se importante estratégia político-social de reivindicações com grande visibilidade nos meios de comunicação.

Reconhecemos a “Festa do Lixo” como um movimento social de bairro, devido às suas características, uma vez que nasce de uma insatisfação popular cuja justificativa da sua organização ter sido a falha do Estado em assegurar os direitos básicos e sociais dos moradores. Segundo a Constituição Federal de 1967, tendo em vista conter no seu artigo 3º, em que apresenta os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a solidariedade (escrita no inciso I), o desenvolvimento da nação (inciso II), e a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais presentes no inciso III. Registra ainda no seu artigo 6º, que todos os cidadãos têm direito “à educação, à saúde,

²⁵ Entrevista concedida em 14 de maio de 2018, no gabinete da Ouvidoria do Estado, onde trabalha o depoente.

ao trabalho, à moradia, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados”. (BRASIL, CF, 1967).

Isto posto, é possível justificar a legitimidade do movimento em estudo, face ao não reconhecimento do Estado dos seus direitos de cidadão. Ainda em busca de uma defesa da “Festa do Lixo” como movimento social, tomamos por base, para melhor compreendermos esse fenômeno, o conceito de Ammann (1991, p.22), de que “Movimento Social é uma ação coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade.” Aqui, tomamos os movimentos sociais como ações de caráter educativo, quando Gohn (2011) os caracterizam como espaços de educação não formal, já que a participação nesses movimentos gera aprendizagens e saberes nos momentos de negociações, diálogos ou confrontos. Nesse sentido, é possível mais uma vez reconhecer a “Festa do Lixo” como um movimento social de caráter educativo.

Para Ammann, os novos movimentos sociais não são necessariamente desencadeados por grupos definidos, como no movimento em questão, que não era homogeneamente constituído por indivíduos de uma única classe social, definida. Além da maioria de seus organizadores serem estudantes universitários ligados à União Nacional dos Estudantes (UNE), também estavam engajados operários, eletricitas, mecânicos entre outros.

Portanto, foi um movimento sem caráter de classe, como defende Ammann (1991, p. 20): “É o caso do Movimento Popular de Bairro que, embora heterogêneo, une várias relações dos explorados em torno de questões que remetem claramente ao sistema de exploração vigente entre as classes sociais, no contexto das relações de produção.”

Embora sua organização estivesse alinhada com estudantes universitários, é preciso registrar que genuinamente o movimento “Festa do Lixo” se constituiu pelos moradores da Fazenda Grande do Retiro que, frente aos seus problemas estruturais, reivindicavam melhores condições de vida.

A “Festa do Lixo” não representou apenas um movimento isolado e local. Ela pode ser compreendida como um ato político que questionou a legitimidade das ações de um governante que, além do poder político, tinha em suas mãos o poder da repressão. Mesmo frente a tal condição, os sujeitos envolvidos nesse movimento social não desistiram de investir nas cobranças dos seus direitos.

Durante os dez anos de sua existência, o movimento da “Festa do Lixo” procurou o Estado para este cumprir seu papel de garantir o bem estar comum a toda a população, almejando um Estado democrático, no qual os menos favorecidos pudessem participar, como noticiaram os jornais:

Mais do que diversão, nossa festa é mais um grito para que as autoridades atentem para os nossos direitos. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1978).

Segundo os moradores da Fazenda Grande, a “Festa do Lixo” servirá não só para relembrar o fato, mas também como uma oportunidade para se fazer um levantamento de todas as deficiências do bairro. Assim é que, às 11 horas de hoje, será composta uma comissão que entregará “um abaixo assinado gigante” ao Prefeito e aos Secretários de Saúde e Educação. (Jornal da Bahia, nº 5661, p.3, 02 e 03 jul. 1977).

O movimento “Festa do Lixo” atuava junto à população do bairro como um veículo de conscientização, ampliando a cidadania e, muitas vezes, assumindo o papel do Estado na responsabilidade de garantir a educação, por exemplo, como esclareceu um de seus organizadores ao jornal.

Carlos Henrique Ramos, vice-presidente da Associação explica que há uma dificuldade muito grande para conscientizar as pessoas no sentido de se unirem em torno dos interesses comuns de um bairro. “A festa do lixo é um caminho para educar, por isso, nós promovemos uma série de eventos, palestras, debates, para que eles saibam das coisas e reivindiquem tudo que lhes é devido”, disse Carlos. (Tribuna da Bahia, p. 4, 2 jul. 1984).

O movimento de bairro aqui intitulado “Festa do Lixo” demonstra o quanto a Fazenda Grande do Retiro, um bairro da periferia de Salvador, não se encontrava isolada do cenário estadual, nacional, quiçá mundial, nas décadas de 1970 a 1980, pois os movimentos sociais urbanos surgiram nessa época como uma forma de resistência ao regime militar, em diversas partes do Brasil. Paul Singer analisou esse fenômeno em São Paulo concluindo que

[...] os movimentos de bairro, que surgem como resultado da aglutinação dos moradores das áreas pobres da cidade para fins de ajuda mútua e passam, em certas circunstâncias, a mobilizar a população para reivindicar maior participação no usufruto do que se pode denominar de “bens coletivos” da comunidade urbana. (1980, p.85).

Ademais, para Ammann (1991, p.55),

O Movimento Popular de Bairro do Centro-Oeste eclodiu praticamente após 1979, durante a abertura política nacional. Em alguns casos, ele foi precedido por grupos organizados e assessorados pelo Estado, quer para fins de controle político sobre a população, quer para transformá-los em órgãos de apoio e reforço à administração pública, como aconteceu em várias cidades satélites de Brasília. [...].

A “Festa do Lixo”, portanto, fez parte desse cenário contestatório de grande explosão popular que eclodiu na América Latina, resultado dos regimes ditatoriais, implantados a partir da década de 1950, desencadeando os novos movimentos sociais.

Junto aos movimentos de maior amplitude e de caráter nacional brasileiro, como o movimento pela anistia, pelo fim do bipartidarismo e pelas diretas já, registrou-se um crescimento e avanço dos movimentos sociais populares em todo o país. Salvador, por exemplo, sediou o I Encontro Nacional de Direitos Humanos em 1978 e os Congressos da UNE (XXXI) e o da Anistia Geral e Irrestrita, ambos em 1979, além de outras manifestações, como a greve da PM (Polícia Militar) em abril de 1981 e o quebra-quebra em agosto e setembro de 1981 após o reajuste de 61% da tarifa de ônibus coletivo. Inúmeros abaixo-assinados e passeatas, entre muitas outras formas de mobilização como a festa contestatória do lixo na Fazenda Grande do Retiro, contribuíram no processo da abertura política do país.

Da mesma forma, a conjuntura da “abertura” foi um elemento motivador para os movimentos sociais. Para Maria da Glória Gonh, as péssimas condições de vida das classes populares no Brasil, nas últimas décadas de 1970 e 1980, aliadas à crise de participação através dos canais tradicionais, tais como partidos e sindicatos, impostos pelo regime político vigente, abriram espaço para a emergência de formas novas de manifestações e participação popular no meio urbano, nas quais se destacam os movimentos populares urbanos. “(...) De fato observamos que, no caso brasileiro, a conjuntura política repressiva foi o grande detonador da aglutinação dos interesses populares dispersos e fragmentados. Estes se constituíram como atos de resistência conjunta.” (GONH, 1985, p. 73-4). Voltamos a afirmar que a “Festa do Lixo”, foi um movimento de reação à opressão das autoridades, uma resposta ao que era imposto àquela comunidade, foi um conflito que emergiu do cotidiano daqueles sujeitos, oriundo

das carências e necessidades que afetavam as suas vidas, transformando-se em luta coletiva.

A formação do movimento de bairro, portanto, eclodiu em diversas partes do Brasil, pela necessidade que o povo tinha de serem representados e terem seus direitos respeitados. Em alguns momentos como opositor do Estado, criticando-o, em outros como parceiro para terem suas necessidades atendidas. Nessa perspectiva, Ammann fez a seguinte pergunta: “enquanto sociedade civil, o Movimento Popular de Bairro tem uma relação de cooperação com, ou de oposição à sociedade política?” (1991, p.121).

Respondendo a esse questionamento, a luz da pesquisa realizada, do objeto de estudo aqui apresentado e da história da Associação Beneficente Educativa e Recreativa Unidos da Fazenda Grande, podemos dizer que seus associados tomaram as duas posições em momentos diferentes. Fundada em 13 de junho de 1966, a partir da iniciativa de alguns moradores que, diante das necessidades do bairro reuniram-se, tendo o senhor Domingos Santana na liderança, foi criado um estatuto registrando a associação a fim de legitimar a sua representatividade perante o Estado²⁶.

Segundo o atual Vice-presidente, os fundadores não eram filiados a partidos clandestinos. Eram moradores que seguiam uma linha conservadora, de apoio ao governo, desejando apenas melhorias para o bairro, que vislumbravam alcançar seus objetivos através da associação, único movimento que não era perseguido pelo regime militar, desde que fosse registrado e vigiado. Era um faz de conta, como se o governo dissesse tudo bem se organizem, mas não se rebelem. Associações com essas características eram comum no país, naquele primeiro momento da ditadura militar, segundo Ammann (1991, p. 122) “[...] Algumas dessas associações limitam-se à assistência social, não podendo ser definidas como Movimento Social, pois funcionam como aliados do estado. Não se colocam, destarte, nem de costas, nem de frente, mas ao lado do Estado”. A notícia do jornal, nos ajuda a entender o que ocorria na Fazenda Grande, nesse período:

Os moradores da Melo Morais Filho não tem apenas o lixo como problema. Eles dizem que apesar de existir uma sociedade de bairro, nenhum problema é solucionado por ela: “Lá só se joga dominó. Quem tem que fazer tudo mesmo são os moradores em comissão”. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1976).

²⁶ Ver Diário Oficial, p. 19, nº 34 220 e o estatuto da associação em anexo.

Após um período de inatividade, devido a divergências de ideias entre os associados, A Associação ganha novos membros na sua diretoria, a partir de 1977, a exemplo de Waldemar Oliveira, que se tornou em 1978 seu presidente, adotando outra postura. A nova equipe tinha uma consciência diferente, pois viam o Estado como opositor e não como aliado. Em entrevista, cedida para fins dessa pesquisa, Waldemar²⁷ explica que a sua postura progressista e da sua turma do final de linha, deve-se à formação política que receberam da ala progressista da Igreja Católica representada pelos Padres Renzo Rossi e Paulo Tonuci, além da inserção na Universidade, já que seus pais podiam possibilitar a continuação dos estudos, enquanto os outros jovens, da mesma época, de outras turmas, não tinham condições de continuar os estudos, pois precisavam trabalhar para ajudar a sustentar a família.

Assim, boa parte das organizações de bairro, que tinham caráter reivindicatório, eram formadas também por um grupo de estudantes universitários, o que despertava nas autoridades policiais suspeitas de subversão à ordem social imposta pelos governos militares. Por isso, estas organizações sociais eram vigiadas pelas autoridades. No Brasil, isso era feito através do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão responsável na época por vigiar, controlar e reprimir os diversos tipos de movimentos que surgiram e se fortaleceram no país durante o século XX. Esta foi uma das formas que o Estado criou para vigiar e disciplinar o cidadão para que este não viesse interferir nos objetivos políticos dos governantes nem nos objetivos daqueles que ele representava.

1.3 O cenário brasileiro e a “Festa do Lixo” – enfraquecimento e silenciamento

Após o golpe civil-militar de 1964, que teve o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), demorou pouco tempo para a Igreja Católica perceber que não haveria possibilidade de diálogo com os militares. Diante da repressão, prisões e mortes de muitos dos seus membros, a CNBB passou a lutar contra a ditadura. Nesse momento, a Igreja se dividiu entre conservadores, neutros aos acontecimentos políticos e os progressistas, que procuravam juntar-se aos pobres, buscando justiça social.

²⁷ Entrevista concedida em 11 de maio de 2018, em seu escritório de advocacia no bairro da Fazenda Grande do Retiro.

Justiça seja feita: a Igreja não recuou até que a ditadura tivesse fim. A partir de 1970, os progressistas hegemonizaram a CNBB e não mais permitiram que ela se aliasse aos militares, embora, claro, isso não eliminasse as contradições entre progressistas e conservadores. (JOSÉ, 2002, p. 67).

Esse apoio da Igreja aos mais pobres foi reforçada pelo Concílio Vaticano II, realizado em 1962 a 1965, onde houve muitas solicitações de bispos brasileiros para que mandassem padres estrangeiros para o Brasil, e da realização, em 1968, na Colômbia, da II Assembleia Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), conhecido também como Conferência de Medellín, que procurou adaptar o Concílio à realidade latino-americana, optando por ficar próximo aos pobres e às comunidades de base.²⁸

A mudança de posição da Igreja permitiu melhorar a sua relação com os brasileiros, que se encontrava enfraquecida devido a disseminação das ideologias comunistas e socialistas na América Latina, que denunciava a Igreja como defensora das classes dominantes. A ala progressista da Igreja, mais politizada e preocupada com as desigualdades sociais, passou então a discutir as raízes dos problemas sociais, colocando o pobre como centro da atuação pastoral.

Essa nova postura da Igreja recebeu o nome de Teologia da Libertação, a qual procurava aproximar a Igreja do povo, combatendo as injustiças sociais, trabalhando diretamente com os oprimidos, e desejava a libertação dos latinos americanos, vítimas da desigualdade entre ricos e pobres, privados dos seus direitos pela Ditadura Militar, enfrentada pela maioria dos países entre as décadas de 1960 a 1980. Para Boff²⁹, a Teologia da Libertação tratava:

da libertação social dos oprimido; isto implica a superação histórica do sistema capitalista, principal produtor de opressão, na direção de uma sociedade mais participada, com estruturas que gestem mais justiça para todos. Política e analiticamente falando, cumpre caminhar rumo a uma sociedade do tipo socialista, de democracia participativa.

²⁸ SINGER, Paul e BRANT, Vinícius Caldeira. São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis Editora Vozes Ltda, SP.

²⁹ BOFF, Leonardo. O caminho da Igreja com os oprimidos. Ed. 2º Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81.

Como resultado dessas mudanças, no ano de 1964, o Papa Paulo VI fez um discurso apelando às dioceses italianas para que mandassem padres às terras de missão-África, Ásia e América Latina. Assim,

Para o Brasil, seguiram Renzo, Paulo e Enzo de Marchi, este para o Seminário de Salvador, por solicitação de dom Eugênio Sales, administrador apostólico daquela diocese. Renzo soube que iria para Itaberaba, cidade do interior da Bahia. Antes que viajassem, no entanto, houve uma solicitação de dom Eugênio Sales: queria pelo menos dois padres para a paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, localizada entre os bairros de São Caetano e Fazenda Grande, na capital baiana, para onde os dois acabariam indo. (JOSÉ, 2002, P. 57 e 58).

Assim que os padres se familiarizaram com a língua e a cultura brasileira, começaram a experiência com as comunidades eclesiais de base e logo foram modificando suas visões sobre o trabalho pastoral a ser desenvolvido aqui.

[...] Para além da teorização geral, Renzo diz que o primeiro passo foi o de viver no meio dos pobres. Segundo, dar-lhes o sentido da própria dignidade humana. Valorizar neles a capacidade de eles próprios fazerem a sua história. E, terceiro, criar um cristianismo aos problemas dos pobres.

[...] A formação de comunidades eclesiais era um passo importante nessa direção. Fazer o caminho da fé, mas sem sair da realidade. Ao contrário, mergulhando na realidade de cada dia. Por isso, Renzo e Paulo não tinham a construção de igrejas como preocupação prioritária. A primeira providência era ter um espaço que durante os dias de semana servisse de sala de aula para as crianças sem escola, à noite como local de reunião da comunidade, no sábado como posto médico, e aos domingos de manhã e sábado à noite se destinasse à celebração de missas ou catequese Das crianças. Com o tempo, devagar, construiriam igrejas (JOSÉ, 2002, p. 73).

Dessa forma, vivendo na comunidade, da Fazenda Grande do Retiro, esses padres italianos foram de fundamental importância na formação dos jovens, como nos conta Waldemar Oliveira:

Eles eram padres italianos, mas com uma mentalidade inteiramente nova, inteiramente diferente dos padres brasileiros, eles praticamente não usavam batina, andavam de calça jeans e de bicicleta, eram jovens. Então discutia conosco as questões do país e a gente pegava o estado de São Paulo, na época aquelas revistas e começávamos a estudar, para discutir as questões do país, então nós fomos nos politizando.

No caso da Fazenda Grande do Retiro, o apoio da Igreja Católica Progressista foi fundamental na organização e atuação do movimento de bairro, representado por um grupo de jovens, conhecidos como a turma do final de linha, visto que naquele momento, os jovens do bairro eram divididos em turmas de acordo com o lugar que moravam no bairro. Segundo Waldemar Oliveira, tinha a turma das Pitangueiras, turma do Ponto Farol, turma da Avenida Bahia, entre outras.

Vale ressaltar que existia uma “certa” rivalidade entre as turmas, ocorrendo muitas vezes brigas de rua, mas sem uso de armas, relembra Waldemar com nostalgia, dizendo que até os conflitos entre os jovens daquela época eram menos agressivos que os da atualidade. Também havia uma mobilidade entre os membros das turmas, pois quando alguém percebia o diferencial da nossa turma do final de linha, em relação ao engajamento político, luta para melhorar o bairro, formação de grupo teatral, desejava fazer parte da turma, o que era sempre bem vindo.

Essa formação política e social da turma do final de linha os impulsionou a organizar e sustentar o movimento da “Festa do Lixo” durante seus dez anos de existência, retratada nas palavras de Valdenor Cardoso³⁰ que atribui boa parte dessa formação à “[...] Missão de Florença, que era uma missão que veio para o Brasil e os padres eram muito politizados e o nível de consciência deles era muito grande, apesar de serem estrangeiros eles combateram a ditadura [...]”. Para melhor compreendermos esse processo, faz-se necessário conhecermos a trajetória que conduziu os padres italianos à Fazenda Grande do Retiro em Salvador-Ba.

A ditadura militar, no Brasil, teve suas peculiaridades. Afinal o que caracteriza uma “ditadura” é a suspensão dos direitos. Entretanto, apesar dos brasileiros terem perdido o direito à liberdade de expressão e de se opor, para manter uma aparência democrática, os militares permitiam a existência de realização de eleições para vereadores, deputados, senadores, prefeitos e até governadores, desde que ocorressem sob suas condições e fizessem parte dos dois partidos legalizados: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Quando os resultados das eleições não os agradavam, os militares então fechavam o Congresso e mudavam as regras. (REZENDE, 2013).

³⁰ Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2018, em se gabinete na ouvidoria do estado da Bahia, onde trabalha como ouvidor.

Naquele contexto, o bairro da Fazenda Grande do Retiro era tido como reduto oposicionista devido à participação e engajamento de militantes clandestinos, opositores do regime militar. A “Festa do Lixo”, nesse sentido, tornou-se um movimento ideal para estarem próximo ao povo, conscientizando-o, apoiando-o e incentivando-o a exigirem que seus direitos fossem respeitados pelo Estado.

No que diz respeito à formação política dos sujeitos que participavam do movimento social aqui estudado, Valdenor Cardoso, ex-morador da Fazenda Grande, lembra que era orientado pelo PC do B (Partido Comunista do Brasil), partido clandestino que defendia a luta armada, a engajar-se no movimento da “Festa do Lixo”, a fim de estar próximo do povo e fazer oposição à ditadura. As atividades desenvolvidas dentro do movimento eram sempre voltadas a elevar o nível de consciência política do povo, como peças de teatro, apresentação de cordel e teatro de rua, sempre com conteúdos que criticavam a falta de liberdade e a favor da democracia. Segundo Valdenor:

O nível de consciência se elevou muito da população e a prova mais consistente dessa afirmativa é que Waldemar que era um dos líderes desse movimento se elegeu vereador, por um partido de oposição, PMDB, então você vê, o bairro se manifestou contra a ditadura elegendo um vereador de partido de oposição em 1982 e depois eu fui eleito em 1988, tenho certeza que foi resultado do trabalho desenvolvido na “Festa do Lixo”.³¹

Todos os entrevistados lembram-se da presença de membros de outros partidos clandestinos na “festa”, a exemplo do MR8³² e de militantes, hoje conhecidos na política brasileira, como Lídice da Mata, eleita em 1992 para prefeita de Salvador, Carlinhos Marighela, eleito em 1983 para deputado estadual da Bahia pelo PMDB, Domingos Leonelli, ex-deputado estadual e federal, entre outros.

Nesse contexto, de efervescência política, Ailton Ferreira, sociólogo e ex-morador do bairro, lembra que no auge das contestações, a Bahia esteve governada por Antônio Carlos Magalhães (1979-1983), político da Arena (Aliança Renovadora Nacional), eleito pela Assembleia Legislativa, conservador e aliado do governo militar.

³¹ Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2018, na ouvidoria do estado da Bahia.

³² Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) foi uma organização política de ideologia comunista que participou da luta armada contra a ditadura militar brasileira. Surgiu em 1964 no meio universitário da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, com o nome de Dissidência do Rio de Janeiro (DI-RJ) foi depois rebatizada em memória ao dia em que Ernesto "Che" Guevara foi capturado, na Bolívia, em 8 de outubro de 1967.

Centralizador e autoritário, não gostava de perder o controle e não economizava recursos para destruir seus adversários. Sua boa relação com os militares lhe garantiu muitas conquistas políticas.³³

O colégio eleitoral da Fazenda Grande do Retiro era considerado por Antônio Carlos Magalhães um de seus adversários, fato confirmado por todos os nossos entrevistados da “turma do final de linha”. Segundo eles, o referido político fez várias investidas para conquistar seus opositores. Tentou cooptar a “Festa do Lixo”, oferecendo investimento para a estrutura da festa como iluminação e areia, mas sem obter sucesso. Por isso suspendeu o financiamento, como falou Waldemar Oliveira em uma entrevista para o jornal:

[...] Esse ano, apesar de termos encaminhado um ofício ao Departamento de Festas Populares, não fomos atendidos, o que mostra a contradição entre o que o Prefeito está anunciando, ou seja, de dar um tratamento melhor aos bairros populares. Temos certeza de que se fosse na Graça ou na Barra, seríamos atendidos. (Jornal da Bahia, p.5, 2 jul. 1979).

Ademais, para a turma do final de linha, o fato do descaso com a coleta de lixo no bairro, que desencadeou no movimento aqui discutido, era proposital, como uma resposta da oposição da comunidade à ditadura militar e aos políticos que a apoiava, situação que se agravou ainda mais após alguns episódios, como o ocorrido no dia 15 de setembro de 1982, na inauguração do Banco BANEb, na Fazenda Grande do Retiro, fato noticiado pelo Jornal Tribuna da Bahia, intitulado: Fazenda Grande apoia oposicionistas e vaia A. Carlos e Clérison.

O governador A. Carlos e o candidato do PDS ao governo do estado, Clérison Andrade, foram recebidos ontem à tarde com vaias e ovos pela população da Fazenda Grande, durante a inauguração da agência do Baneb. A solenidade foi realizada a portões fechados, no pátio da Empresa Gráfica da Bahia, [...]. Do lado de fora, um forte esquema policial cuidava de conter qualquer protesto, mas não foi suficiente para evitar que os moradores atirassem ovos, na chegada, e vaiassem toda a comitiva, na saída.

[...] Perto de meio dia, no entanto, os moradores ergueram uma faixa com os dizeres: “A luta continua. A Fazenda Grande está firme com

³³ Ailton Ferreira, entrevista concedida em 15 de maio de 2018, no gabinete da SEPROMI (Secretaria de promoção da igualdade racial), onde trabalha como assessor da secretaria.

Roberto, Waldir, Leonelli e Waldemar”. Apesar de ser tido como reduto oposicionista, o bairro não exibia qualquer cartaz dos candidatos oposicionistas, e os moradores explicavam revoltados, que foram todos retirados na noite anterior, por homens que afirmavam ter a cobertura da polícia. [...]. (Tribuna da Bahia, p. 3, 15 set. 1982).

Ailton Ferreira afirmou que ao sair do bairro sob vaías Antônio Carlos Magalhães prometeu vingança àquele episódio fatídico e, em julho do ano seguinte, mesmo não estando ocupando nenhum cargo parlamentar ou executivo, pois já havia transferido em março de 1983 o mandato ao seu sucessor, João Durval Carneiro, indicado e apoiado por ele, o ex-governador mantinha-se atuante na política com a presidência da Fundação Baiana de Estudos Econômicos e Sociais, instituição criada por ele mesmo.

A movimentação político partidária era também pensada no seio do movimento da “Festa do Lixo”. As vaías, a própria crítica promovida pelos moradores e admiradores daquele movimento, sinalizavam que os poderes públicos haviam esquecido aqueles cidadãos. Diante dessa situação, o movimento resolveu organizar sua programação festiva a partir de uma dura crítica aos governantes e à sociedade como um todo, que não percebiam que os limites territoriais que compreendem um bairro não podem representar limites de direitos dos sujeitos.

Os movimentos sociais representam, conforme os argumentos já apresentados, espaços de contestação de uma dada ordem social. A partir do que se percebe da estrutura política brasileira e baiana, em especial, há uma marca por vezes pouco democrática ou ainda antidemocrática. Isto posto, era preciso promover de forma radical o desmantelamento e posterior esquecimento de um movimento que só se solidificava, chegando a existir por uma década.

Nesse sentido, um fato fez a “turma do final de linha” lembrar-se da promessa de vingança, outrora feita pelo ex-governador, e que podemos mensurar o tamanho da sua influência política naquele período, através da cobertura feita pelo jornal intitulada: Violência policial na “Festa do Lixo”.

O tradicional protesto dos moradores da Fazenda Grande, “A Festa do Lixo”, foi interrompido na madrugada de ontem com desmaios do susto, pessoas acordando sobressaltadas com gritos de dor e prantos generalizados. É que, sem que houvesse qualquer motivo além dos batuques naturais das festas de largo, um caminhão do Pelotão de Choque da Polícia Militar chegou à Rua Melo Moraes Filho, onde se

concentravam os festejos, e acabou com a festa jogando bombas de gás lacrimogêneo, atirando para o alto e espancando violentamente aqueles que tentaram fugir do local, que ainda foram levados presos para a delegacia da Liberdade. (Jornal da Bahia, c.1, p. 3, 3 jul. 1983).

É importante observarmos que, nesse momento, a reportagem apresenta a “Festa do Lixo” como um tradicional protesto dos moradores da Fazenda Grande do Retiro, reforçando, dessa forma, a nossa defesa da festa como um movimento social. A reportagem ainda denuncia a infiltração de vândalos no local da festa, promovendo violência para culpabilizar à população, deixando um saldo de aproximadamente trinta feridos graves. Imaginamos, portanto, a repercussão negativa que esse episódio surtiu em Salvador, em relação à “Festa do Lixo”, que mesmo tendo resistido oito anos sem segurança policial, acabou por ganhar o status de violenta e o ex-governador finalmente conseguia desestruturar o movimento.

Nesse contexto, a “festa” ainda resistiu até o ano de 1985, como noticiou o jornal: “Festa do Lixo perde o brilho. Violência”. O conteúdo da notícia demonstra o quão grande foram os esforços daqueles a quem esse movimento incomodava, para por fim à contestação de um povo destemido e consciente de seus direitos como cidadãos, mesmo em um período tão ameaçador para revoluções.

Cenas de violência registradas na madrugada de sábado, no bairro da Fazenda Grande, quando um rapaz de 18 anos foi barbaramente espancado, impediram que a Festa do Lixo, que acontece há nove anos no local, tivesse este ano o brilhantismo dos festejos anteriores. [...] ao tentar interferir na briga, entre um grupo de delinquentes que participava da festa popular, foi espancado severamente e, até ontem era considerado clinicamente morto. (Correio da Bahia, c. 1, p. 5, 2 jul. 1984).

Houve ainda algumas tentativas para reviver a “Festa do Lixo”, mas foram fracassadas. Para a “turma do final de linha”, vários motivos contribuíram para a extinção do movimento, além das investidas diretas das autoridades administrativas municipais e estaduais para destruí-lo. Para Waldemar Oliveira³⁴,

com o fim da Ditadura Militar e a volta da democracia, o Estado começou a desenvolver uma política assistencialista, a exemplo dos programas de Sarney, o qual distribuía cesta básica para a população

³⁴ Entrevista concedida em 11 de maio, no seu escritório de advocacia no bairro da Fazenda Grande do Retiro.

da periferia, e isso foi um desastre para o movimento comunitário como um todo, a associação de moradores, deixou de ser um espaço de discussão política, dos problemas do bairro para ser um organizador de distribuição de ticket para receber leite e cesta básica e assim as pessoas só procuravam a associação para uma busca individual e tal, hoje existe uma associação que está há anos com fraquíssima participação, quase nenhuma.

Ailton Ferreira, entretanto, admite que a “abertura” política e consequente criação de canais de “diálogo” com as autoridades teriam contribuído para o enfraquecimento da “Festa do Lixo”. (JORNAL A TARDE, p. 24, 4 jul.1987).

É possível, através desses exemplos, entendermos como os movimentos que ocorreram no processo da abertura política em Salvador foram debelados pelo Estado. Seria preciso evitar que no processo de transição democrática ocorresse a eclosão de movimentos radicais, como havia ocorrido em outras partes do mundo e no Brasil. Tornava-se necessário a manutenção do controle para um retorno à democracia de forma “lenta, gradual e segura”. (REZENDE, 2013).

2 A “FESTA DO LIXO”: ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

2.1 A “Festa do Lixo” um Patrimônio Cultural Imaterial da Fazenda Grande do Retiro

No final do século XX, a ideia de patrimônio cultural no Brasil ganha uma nova concepção, atribuindo-se maior relevância à memória coletiva e às identidades nacionais e regionais. Inicialmente, a concepção de patrimônio referenciava-se aos monumentos de “pedra e cal” e objetos artísticos e históricos, porém, gradualmente, ampliou-se para a valorização dos conjuntos e valores culturais, como destaca ORÍÁ (2001, p. 138):

Atualmente se preserva um bem cultural não só pelo seu valor estético, arquitetônico ou histórico. Ele é preservado se tem significação para a comunidade em que está inserido e se essa preservação possibilita a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção de sua identidade cultural e exercício da cidadania. [...].

Partindo desse conceito ampliado acerca do patrimônio cultural, passou-se a valorizar a relação da sociedade com sua cultura e, nessa perspectiva, a festa, com seus significados e como espaço de vivências coletivas, tornou-se um dos aspectos da vida coletiva de significado cultural e patrimonial. Nesse sentido, o tema é compreendido na pluralidade de perspectivas, analisando-se suas diversas formas de utilização do espaço público para práticas sociais, políticas e culturais, contribuindo para o reconhecimento e valorização do patrimônio como um bem coletivo, material e imaterial.

A “Festa da Lixo”, tema aqui analisado, nesse sentido é compreendido como patrimônio cultural imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, ao considerar a cultura como todos os fazeres e saberes de um povo, porque “[...] é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações [...]” (FREIRE, 1989, p. 42). Portanto, torna-se objeto de valorização patrimonial da comunidade sem apelo evocativo-comemorativo, mas como um evento que mobilizou por dez anos moradores, associações de bairro, a mídia, partidos políticos, as esferas governamental e empresarial da cidade do Salvador e outros tantos interessados em

participar da festa, cujo maior significado foi a força transformadora da realidade de seus moradores que atuaram como sujeitos conscientes de seus direitos de cidadãos em um período de graves problemas sociais e políticos no contexto da ditadura civil-militar no Brasil.

A “Festa do Lixo” marcou a História do bairro da Fazenda Grande do Retiro como um evento social, político e cultural, sendo reconhecido por muitos dos seus moradores mais antigos, como um patrimônio que precisa ser analisado, interpretado e registrado, a fim de ser apresentado para as futuras gerações como um bem representativo da união, organização, consciência política de seus moradores e do descaso do poder público para com as suas necessidades básicas.

Ao estudar o referido tema, acreditamos estar contribuindo para construir uma metodologia de ensino-aprendizagem de história, bem como de incorporar tal conteúdo ao currículo educacional da Escola Dom Avelar Brandão Vilela. Por tanto, o objetivo é promover o reconhecimento da história do bairro, a fim de ampliar a percepção dos educandos sobre o significado das marcas do passado, como resultados da luta de seus moradores, as mudanças e permanências no espaço em que transitam diariamente e, a partir dessa percepção, passem a preservar e valorizar seu patrimônio cultural e a memória local, uma vez que esta passará a ter sentido.

Faz-se necessário discorrermos sobre o desenvolvimento da ideia de patrimônio, a fim de identificarmos os principais aspectos que nos fizeram reconhecer e identificar a memória da “Festa do Lixo” como patrimônio cultural imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro.

Etimologicamente, a palavra patrimônio veio do inglês, *heritage*, que significa herança, bens de família, referindo-se ao passado, a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido para não cair no esquecimento. Le Goff destaca que as escolhas entre o que lembrar, esquecer e silenciar revelam os diferentes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1992, p. 426). O autor destaca também que são as classes dominantes que se preocupam em ocupar o lugar de “senhores da memória e do esquecimento”. Por tanto ao registrarmos e transmitirmos a memória da “Festa do Lixo” nas aulas de História estaremos contribuindo para que o passado desse bairro não seja totalmente esquecido e se perpetue na consciência de seus moradores.

No Brasil, o mecanismo oficial de salvaguarda da memória coletiva, através da preservação do seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, foi a criação, em

1933, do seu primeiro órgão, a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IPM), instituída pelo Decreto 24735, de 14 de julho de 1934, como uma entidade vinculada ao Museu Nacional. Tinha como principais finalidades impedir que objetos antigos, referentes à história nacional, fossem retirados do país em virtude do comércio de antiguidades, e que as edificações monumentais fossem destruídas por conta das reformas urbanas, a pretexto de modernização das cidades.

Em seguida, a Lei nº 378 criou, em 13 de janeiro de 1937, pelo Ministério da Educação, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, que contou com vários colaboradores, intelectuais e artistas, entre outros, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. (BRASIL, 1998, p. 9).

Na década de 1970, com a criação da Fundação Nacional Pró-Memória, o comando passou para Aloísio Magalhães, adquirindo novo dinamismo, com base em uma concepção mais ampla dos bens culturais. Esse período caracterizou-se por reformulações do SPHAN sobre sua ação patrimonial, introduzindo-se na formulação e na prática da política cultural, as noções de memória, civilização material e bem cultural, quando se criou o Instituto Brasileiro do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), vinculado ao Ministério da Cultura, vigente até os dias atuais³⁵.

Em 1982, o Ministério da Educação e Cultura apresentou um plano trienal para a cultura e a educação, trazendo como inovação o fato de que pela primeira vez desde 1964, a Cultura Popular foi incorporada oficialmente ao projeto estatal³⁶. Somente na Constituição de 1988, no que se refere ao tombamento e conservação do patrimônio histórico, a definição de Patrimônio Cultural é ampliado e democratizado, como o Art. 216 que define o patrimônio cultural e delega, em seus parágrafos, as responsabilidades do poder público e da comunidade para com a proteção deste patrimônio.

³⁵ Ver: Proteção e revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil. Brasília: MEC/SHAN/ProMemória, 1980. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecaao_revitalizacao_patrimonio_cultural\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecaao_revitalizacao_patrimonio_cultural(1).pdf).

³⁶ Ler Marilena Chauí, 1986, p. 87: Diz o texto: “Na área da cultura e do patrimônio é preciso que se dê lugar de importância devido ao mesmo nível que a educação básica. Duas acentuações prioritárias se apresentam: uma ligada ao patrimônio histórico, traduzida na necessidade da envolvimento comunitária no seu cultivo e manutenção, dentro da rota de caracterização nacional regional do país; outra, ligada ao desenvolvimento cultural e comprometida com as formas de criatividade popular, capazes de realizar os princípios da educação comunitária regional.”

Artigo 216- Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

A Constituição de 1988 trouxe alguns avanços no que se refere à preservação do patrimônio nacional. É o que expõe Mariani (1992, p.2):

[...] salienta que são objeto de proteção do governo brasileiro bens pertencentes a todos os segmentos sociais, sejam representativos das elites, sejam das camadas populares, sejam de grupos ou etnias como os imigrantes, a cultura indígena ou negra. Importa é que façam parte de nossa história e ajudem a identificar o que é o Brasil.

Dessa forma, entendemos que a legislação fornece amparo legal para a proteção do patrimônio cultural, mas as administrações públicas regionais é que deverão zelar pela sua conservação através da criação de órgãos de fiscalização.

As definições para patrimônio cultural se ampliaram a partir da década de 1980, com o apoio de Aloísio Magalhães, diretor do Instituto do Patrimônio, Artístico Nacional (IPHAN), o qual redimensionou o debate em relação às políticas de preservação, consolidando um novo olhar a respeito do patrimônio cultural material e imaterial. É com base nessa nova perspectiva que analisamos o movimento “Festa do Lixo”, a fim de valorizá-la, incorporando-a cultura imaterial e história local.

A “Festa do Lixo” agregava valores políticos e culturais, conforme já apresentado anteriormente. Nos primeiros anos do movimento, a festa e os manifestos

ocorriam em apenas um dia e, posteriormente, passou a ser realizada em três dias. Mesmo quando era realizada em um único dia, o caráter reivindicatório estava presente no movimento. Para melhor compreensão do leitor, apresenta-se a seguir parte da programação desse importante movimento.

[...] bem cedinho, com a alvorada festiva a cargo de João Taboca e seu regional. No largo onde foram armadas várias barracas imperou durante toda manhã, o samba de roda. Na parte da tarde, dois espetáculos teatrais foram encenados: “João Grilo” e “Teatro de Cordel”. Para as crianças quebra pote, pau-de-sebo. No final, a coroação da tradicional “Rainha do Lixo”, tendo sido eleita esse ano, por unanimidade, a candidata D. Ítala, “Titia”. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1978).

Umas das reivindicações do movimento era uma área de lazer, devido à carência de espaço para brincadeiras e eventos esportivos na comunidade. Havia, portanto, uma preocupação dos organizadores do evento de proporcionar nesses dias, em que a população tomava as ruas, momentos de diversão e entretenimento, como a escolha da “Rainha do Lixo”. Esta era escolhida pelo seu envolvimento, empenho e pela sua dedicação para fazer a festa acontecer, além de realizar o enterro simbólico do lixo. Talvez seja por tudo isso que nossos entrevistados relembram com tamanha alegria os momentos vividos na festa, onde se divertiam, refletiam e faziam amizades que perduram até os dias atuais.

Vale informar que uma das “Rainhas do Lixo”, Laura Almeida de Arantes, eleita em 1979, tornou-se, posteriormente, a primeira mulher a comandar um bloco no carnaval de Salvador, com a banda Cheiro de Amor. Para ela, a participação na “festa” representou momentos gloriosos de alegria e de efervescência política. Apesar de não morar no bairro, era frequentadora assídua, pois passava finais de semana e férias na casa de sua avó, moradora do bairro. Em entrevista concedida exclusivamente para essa pesquisa, a “Rainha do Lixo” destaca que “foi muito divertido, desfilei em um carro todo enfeitado, com a vassoura na mão e tínhamos a consciência da importância da festa para aquela comunidade carente dos principais serviços básicos”.³⁷ A “ex-rainha” mantém o hábito de sempre ir ao bairro até hoje em datas comemorativas para encontrar amigos e relembrar o passado.

³⁷ Entrevista concedida em 16 de maio de 2018, em sua residência, no bairro de Amaralina, Salvador-BA.

Analisando a “Festa do Lixo”, percebemos que ela conseguiu atrair a participação de pessoas não apenas do bairro da Fazenda Grande, mas de vários outros bairros da cidade, da periferia ao centro. Waldemar Oliveira³⁸ recorda com saudades: “vinha gente de vários bairros da cidade da periferia ao centro, dia 02 de julho era esperado por muitos soteropolitanos e não para irem às comemorações oficiais organizadas pelo Estado no bairro da Lapinha, mas para vir protestar no nosso bairro.”

Os moradores da Rua Melo Morais Filho, fim de linha da Fazenda Grande, comemoraram ontem o 02 de julho de maneira diferente. Enquanto no centro de Salvador os desfiles marcavam a passagem de mais um ano da Independência do estado, numa rua sem asfalto, esburacada e cheia de lama, seus moradores também marcavam uma data que agora consideram “cívica” do bairro [...]. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1976).

Acreditamos que a estratégia de festejar e protestar sustentou esse movimento contestatório de uma dada ordem social durante dez anos. Foi também um movimento “pacífico” em que os seus manifestantes tomavam o brincar, sambar, encenar e dançar e questionar sem fazer a escolha do embate direto, violento, armado, para exigirem seus direitos. Esse movimento teria sido abortado no primeiro ano pela forma repressora que agia no Estado na ditadura militar. As consequências teriam sido desastrosas, com mortes e prisões, e a comunidade não teria alcançado os êxitos que conquistaram, mesmo não agradando ao governo. O Estado não possuía motivos explícitos para combater direta e violentamente um povo pacífico que estava apenas festejando, pois, devido ao número de participantes e a data em que acontecia a festa, 02 de julho, dia em que os holofotes nacionais e até mesmo internacionais estavam voltados para a Bahia, a repercussão de um ato violento sobre uma comunidade que estava a festejar seria muito negativa para o país, que naquele momento já era observado internacionalmente.

Toda festa, enquanto expressão de um povo, possui significados diversos para seus participantes, pois nem todas as pessoas que ali se encontram estão com os mesmos objetivos, como nos esclareceu Valdenor Cardoso³⁹:

Havia pessoas conscientes que estavam engajadas no movimento da festa para protestar, lutar, outras estavam ali apenas para se divertir, beber, comer, dançar, paquerar etc, algumas para militar em favor do

³⁸ Entrevista concedida no dia 11 de maio de 2018, Fazenda Grande do Retiro.

³⁹ Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2018, Salvador-BA.

seu partido, outras para educar, para uma conscientização do povo sobre o que estava acontecendo no Brasil e no bairro, já que os meios de comunicação eram dominados pelo regime ditatorial, as músicas eram censuradas, as escolas vigiadas, enfim na “festa do lixo”, encontrava-se pessoas de várias idades, crenças, valores e objetivos diversos.

Ademais, “[...]. Devido ao seu caráter reivindicativo, a “Festa do Lixo” foi ponto de encontro de políticos e militantes do movimento estudantil, que aproveitavam a ocasião para fazer suas manifestações.” (A TARDE, p.3, 4 jul. 1987). Frente ao publicado no jornal, é possível, mais uma vez, destacar o caráter político desse movimento social.

O momento da festa era, para muitos, uma válvula de escape das tensões e cobranças do dia-a-dia, como salienta Del Priore (1994, p. 90) sobre as festas na América portuguesa colonial: “A festa uma vez começada, transformava-se em exutório para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas na Colônia. Ela transformava-se numa pausa nas inquietações cotidianas [...]”. Essa pausa na festa do lixo estava clara, contudo não permitia a estagnação. Ao mesmo tempo em que ocorriam os festejos dançantes, também ocorriam levantamentos e discussões sobre vários problemas que eram experimentados pelos moradores e que deveriam ser resolvidos pelos poderes públicos que se omitiam.

No Brasil colonial, festejar teve a influência europeia de reunir pessoas para agradecer a colheita agrícola, comemorando, celebrando e pedindo proteção. Segundo Mary Del Priore (1994, p.13)

As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem [...]. Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas “Domingas”.

Percebemos a influência europeia em vários aspectos das festas no Brasil seja ela religiosa ou profana, a exemplo da alvorada, a tradicional queima de fogos, a qual remonta as festas coloniais do século XVII. “Sua origem é a China [...]. Abrindo a celebração da festa, os fogos anunciavam a partida dos cortejos processionais, mas também a sua chegada à igreja ou à praça onde se davam os principais eventos da festa”. (DEL PRIORE, 1994, p. 38).

O fenômeno da “Festa do Lixo” está entre os importantes momentos de comemoração e de utilização do espaço público de iniciativa popular no Brasil. Nesse sentido, Del Priore (1994) destaca que as instituições tentavam dar um único sentido às festas, mas o povo reelaborava esse sentido, dando ares de relação com as suas experiências no cotidiano e suas necessidades. Afirma ainda que, com essa ação, o povo terminava “pondo a festa de cabeça para baixo, o povo fazia da reunião e do encontro o momento de protesto e caricatura das instituições modernas que tentavam adestrá-lo”. [...]. (DEL PRIORE, 1994, p. 105).

Essa tese de Del Priori corrobora com a nossa defesa de que a “Festa do Lixo” foi um movimento que já nasceu “subversiva”, ou seja, não foi um evento imposto de cima para baixo, mas uma iniciativa popular de reação ao desrespeito do poder público para com a comunidade. Através da notícia do jornal podemos perceber a atuação dos moradores:

Somente a partir dessa atitude dos moradores, foi que a Prefeitura passou a fazer a limpeza regular no bairro. Todo o episódio foi transformado em festa e ontem, com faixas, barracas armadas, vendedoras de acarajés, muito samba, cerveja, batida e a escolha da rainha do lixo, o bairro [...] comemorou a sua Festa do Lixo. (Tribuna da Bahia, p. 5, 3 jul. 1979).

Para melhor compreensão das festas que se inserem no contexto aqui estudado, Rita Amaral, em sua tese de doutorado (1998), afirma que as festas oscilam entre dois polos: a cerimônia e a festividade, podendo se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade. Para ela, toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão de instantes e acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana.

Existem, portanto, vários tipos de festas em que estes aspectos se apresentam dissociados e até opostos. A razão dessas dissociações, segundo Amaral, aparece relacionada ao caráter simbólico das festas: “a função do símbolo parece não estar então, simplesmente, em significar o objeto, o acontecimento, mas em celebrá-lo, em utilizar todos os meios de expressão para fazer aparecer o valor que se atribui a este objeto” (AMARAL, 1998, p. 39).

Eram grandes os esforços dos organizadores da “Festa do Lixo” para que o verdadeiro sentido da festa não desaparecesse e esta não se transformasse apenas em mais uma festa de largo, do “ôba, ôba”, sem função política. Para eles era uma mistura de diversão com reivindicação, como podemos perceber na notícia do jornal:

A programação suspensa em sinal de protesto seria iniciada ontem às 9h, com um debate sobre a importância das creches, proferida pelas representantes da Casa da Mulher e do Centro de Estudos da Mulher, na Escola Primeiro de Maio. Foi suspenso o debate sobre Saúde e Lixo, por representantes da FABS, Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa. Não houve também a apresentação teatral, improvisado em praça pública, denominada “Peso Consciência” e o debate sobre eleições diretas, com a participação dos deputados Domingos Leonelli (PMDB); Jorge Almeida (do PT); e de um representante do PDS, do Comitê Pró-Diretas. (Correio da Bahia, c.1, p. 5, 2 jul. 1984).

É possível observar que, para além de uma programação dançante, a “Festa do Lixo” desempenhava papel de movimento social no Bairro da Fazenda Grande do Retiro. Nesse sentido, é possível afirmar que as festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento aglutinador de interesses das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento.

É possível percebermos a importância do evento em questão para moradores de um bairro periférico, esquecido pelo poder público, esperando o dia da “independência” para tomarem as ruas da Fazenda Grande do Retiro e comemorarem de forma diferente a sua liberdade de poder gritar pelos seus direitos durante os três dias de festa e protestos. Isso tudo era realizado sem medo das represálias que poderiam receber, em um momento tão tenso que estavam vivendo no Brasil e na Bahia. Esse protagonismo dos sujeitos que participaram da “Festa do Lixo” pode ser analisado através do jornal.

As comemorações do Dois de Julho serão feitas de maneira diferente pelos moradores da Fazenda Grande, que promoverão a partir das 5 horas a “Festa da Retirada do Lixo”.

É o segundo ano que a programação se repete para relembrar o trabalho executado por mais de 50 pessoas do bairro que, no desejo de se livrar da fedentina e do perigo de serem acometidas por doenças, resolveram, elas mesmas retirar o lixo que acumulava no local.

Segundo os moradores da Fazenda Grande, a “Festa da Retirada do Lixo” servirá não só para lembrar o fato, mas também como uma oportunidade para se fazer um levantamento de todas as deficiências do bairro. Assim é que, às 11 horas de hoje, será composta uma comissão que entregará “um abaixo assinado gigante” ao Prefeito e aos Secretários de Saúde e Educação. (Jornal da Bahia, c.1, p. 3, 02 e 03 de julho de 1977).

Essa forma alternativa de luta utilizada pelos moradores da Fazenda Grande do Retiro, em forma de festa e através do lúdico, buscava a politização da população no que diz respeito à real situação social, econômica e política do país, como prática já adotada no Brasil em vários momentos da sua história. A festa também era [...] um momento de sociabilidade, o aglutinamento no protesto reafirmava um sentimento de pertencimento e de coesão, momentaneamente se suspendendo as diferenças de oposição. (FIGUEIREDO, 2001, p.268). Assim, as festividades são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam e se unem, construindo suas identidades sociais.

Nesse sentido, as comemorações populares podem ser compreendidas como propulsoras das relações humanas, pois são nesses momentos que acontecem a interação com o outro e que relações coletivas são recriadas e reinventadas ao incorporar características culturais diversas, havendo sempre um motivo de agregação dos participantes. A festa representa um momento de grande importância social da vida coletiva. Ferreira (2001) afirma que as festas, antes da emergência dos modernos meios de comunicação, representavam “a mais importante atividade pública”. Segue pontuando que se tratava de momentos e movimentos que desvelavam identidades coletivas, partilhavam saberes e desnudavam problemas, mesmo tomando como referência um momento de prazer, diversão.

O movimento da “Festa do Lixo” representou também esse desvelamento de identidades. Por isso pode ser considerado uma representação social e cultural que faz parte dos fazeres e saberes dos moradores da Fazenda Grande do Retiro. Portanto, faz parte da história cultural e política do bairro ainda presente na memória de muitos de seus moradores, o que justifica a importância em ser valorizada, registrada, analisada e visibilizada.

2.2 Memória, Patrimônio e Ensino de História: a “Festa do Lixo” na perspectiva político-pedagógica

Após conhecermos aspectos da história da “Festa do Lixo”, identificamos a dimensão política que sustentou, desde a sua origem, todos os anos de sua existência, nas principais manifestações explicitadas durante a festa, como podemos observar nas palavras do senhor Waldemar Oliveira, durante a sua participação na roda de conversa realizada no dia 11 de maio de 2018:

Dias antes da festa fazíamos varias reuniões com os moradores, nos reuníamos inicialmente na Escola Primeiro de Maio, cedida pelos Padres italianos Renzo e Paulo Tonucci, para elencarmos as principais reivindicações de acordo com as necessidades da comunidade, ali registrávamos e colhíamos assinaturas, através de abaixo-assinado que era entregue nas secretarias municipais responsáveis por cada demanda, geralmente conseguíamos mais de cinco mil assinaturas. Além de elaborarmos cartazes e faixas com essas reivindicações, todos os anos recebíamos palestrantes para falar sobre política, segurança, saúde, educação, etc.

Diante da riqueza histórica dessa importante mobilização cultural e política, a “Festa do Lixo” não pode ser invisibilizada e transformada em um dos acontecimentos a serem esquecidos e varridos da memória coletiva, especialmente por se tratar de um marco histórico e cultural protagonizado pela população humilde, residente em um bairro periférico de Salvador. Nesse sentido, torna-se primordial a valorização da memória daqueles que vivenciaram e organizaram esse movimento, a fim de que as futuras gerações do bairro, da cidade e da Bahia, possam reconhecê-lo como um Patrimônio Cultural e Imaterial. A esse respeito Bosi declara: “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” (2003, p. 69).

Com esse propósito buscamos construir uma metodologia de ensino e aprendizagem de história com os estudantes do Eixo V do turno noturno da Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, visando mobilizar e envolver os estudantes em torno da história do bairro. A estratégia utilizada baseou-se no cruzamento entre pesquisa e aprendizagem, ao considerar que a história do bairro seria um conteúdo que os estimularia a aprender pela curiosidade, descoberta e elaboração própria do conhecimento, como defende Demo (p. 10, 1999): “[...]. Pesquisa pode significar

condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória.[...]”. Pesquisa, ensino e aprendizagem se constituem, dessa forma, em marcos pedagógicos que potencializam a construção do conhecimento de forma significativa, participativa e crítica.

Acreditamos que esse envolvimento dos estudantes na construção do conhecimento, contribui para a valorização da educação por parte deles, já que a posição de aprender pela escuta não vem apresentando bons resultados nas escolas brasileiras. Há dez anos ensinando História na Escola Dom Avelar Brandão Vilela e convivendo com a falta de interesse dos educandos pela disciplina, embora saibamos que tal situação se estende a outros campos do saber, tornou-se um desafio superar tal preocupação que tem incomodado muitos profissionais preocupados com o desenvolvimento intelectual e social dos sujeitos.

São vários os questionamentos que fazemos no afã de encontrarmos respostas que nos auxiliem a desenvolver um trabalho prazeroso e significativo. Será que os educandos na sua maioria não demonstram interesse pelas aulas de História por que os conteúdos fazem parte de uma realidade distante? Será que eles e elas não se reconhecem como sujeitos históricos, porque os livros didáticos priorizam contar os feitos de pessoas da elite, da realeza, das forças armadas? E se adotarmos uma nova postura para ensinar a partir das experiências mais próximas da realidade dos estudantes, do lugar em que vivem, será que passarão a compreender a importância de se estudar História?

São muitos os desafios e percalços no caminho diário daqueles educadores que saem da universidade acreditando que suas práticas irão “salvar a educação” e vão para o “chão da sala de aula” defendendo

[...] uma história diferente, uma história cujo papel consiste em orientar os sujeitos a pensarem historicamente, a constituírem uma consciência histórica, a reconhecerem as diferentes experiências históricas das sociedades e, a partir desse entendimento, compreender as situações reais da sua vida cotidiana e do seu tempo. (Caimi, 1996, p. 55).

Percebe-se que novas possibilidades vêm sendo projetadas, mas ainda há um longo caminho até se alcançar as mudanças desejadas e consistentes na educação brasileira, principalmente no trabalho da sala de aula e nesse sentido consideram-se pertinentes as palavras de Caimi (2001, p.120) quando afirma que

Atualmente, precisamos avançar para análises mais profundas e, sobretudo, para o nível das proposições concretas. Não é mais possível permanecer na posição que aponta os inimigos externos da história ensinada, como se ainda hoje a única razão para a crise da disciplina residisse nas políticas educacionais, no livro didático, no estado autoritário, etc. A responsabilidade, segundo nos parece, é de todos os envolvidos com o ensino de história e a sua renovação depende do esforço conjunto.

Foi nesse sentido que desenvolvemos no ano de 2017 o projeto intitulado Conhecendo o bairro da Fazenda Grande do Retiro, como iniciação à pesquisa participativa, na qual os estudantes tiveram a oportunidade de registrar em fotos e vídeos os aspectos que consideraram como parte integrante da história da comunidade, como escolas, igrejas, terreiros de candomblé, a Empresa Gráfica da Bahia, etc.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, percebemos o entusiasmo dos discentes, mesmo aqueles que não assistiam às aulas. No dia em que o conteúdo era a história do bairro permaneciam na aula e demonstravam interesse. Descobrimos nessa caminhada poetas, associações de moradores, rádio comunitária, fontes, festas, empresas, grupo de teatro, diversidades religiosas, monumentos e memórias que guardam a história da “Festa do Lixo”.

Em um desses momentos, houve um impacto da turma ao conhecer um livro feito pela EGBA, publicado em 2014, em comemoração ao seu centenário. O objetivo do livro foi “homenagear” o bairro da Fazenda Grande do Retiro, onde a EGBA está instalada há 43 anos. Trata-se de um livro de fotografias contendo imagens do cotidiano da comunidade. Após terem conhecimento, os estudantes, em sua maioria, não se identificaram com o conteúdo do livro e manifestaram o desejo de escrever a história do bairro sob seus olhares, sugerindo que poderíamos começar por registrar a História da “Festa do Lixo”.

Nesse sentido, decidimos registrar a memória de algumas pessoas acerca da “Festa do Lixo”, além de analisar o enfoque que os principais jornais da época (1975-1985) davam ao movimento, para garantir que a comunidade pudesse conhecer sua própria história e os discentes percebessem seu bairro como patrimônio cultural. Para tanto, nosso objetivo geral foi o de identificar a “Festa do Lixo” como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, valorizando-a como instrumento de ensino e aprendizagem no ensino da História.

Para conhecermos sobre a história da “Festa do Lixo”, recorremos para a utilização de algumas categorias de análise, como a de memória. Compreendendo que memória e poder são forças interligadas, pois quem lembra e é lembrado tem o poder de transmitir sua versão da história, de forma seletiva, e utilizá-la como assim o desejar, de acordo com as demandas do presente, a conexão que se estabelece ao acessar esse campo de produção de conhecimento sobre o passado está na sua relação intrínseca entre passado, presente e futuro.

A “Festa do Lixo” acessada através das lembranças pode ser considerada como um lugar de memória, conforme Pierre Nora (1993) ao compreender que os lugares de memória representam e armazenam lembranças sociais, a exemplo dos museus, bibliotecas e arquivos, ou lugares que exaltam as datas comemorativas, monumentos, raças e estátuas⁴⁰, quiçá um movimento social e cultural como essa “festa”.

Nora também reconhece como lugares de memória as festas, as associações, as comemorações, os cemitérios, entre outros elementos culturais, pois, em sua opinião, eles são fundamentais para trazer sensações que já não fazem parte do cotidiano que desaparecem na rapidez dos acontecimentos diários. Conforme o autor:

[...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (1993, p. 13).

O conhecimento histórico, o estudo da história do bairro, história do cotidiano e, sobretudo, a dimensão da educação patrimonial são recentes na historiografia e no ensino da História. No que diz respeito às reflexões no campo da Educação Patrimonial no Brasil, apesar de existirem produções com foco no patrimônio cultural desde o século XIX, foi apenas nas últimas décadas que o tema encontrou espaço nas reflexões teóricas e acadêmicas. Nosso primeiro contato com essa concepção de ensino se deu no

⁴⁰ Ler NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. In: Projeto História-Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC. n 10, São Paulo: EDUC, 1993. 07-28.

mestrado, o que significa que no ano de 2001, quando concluímos a graduação de Licenciatura em História, poucas universidades priorizavam essa temática.

As discussões acerca da educação patrimonial tiveram início a partir da década de 1970, mas só nos anos 80 é que passaram a se firmar como uma política de preservação cultural no Brasil. Uma “proposta metodológica de ações educacionais para o uso e a apropriação de bens culturais” foi gestada efetivamente em 1983 no Museu Imperial, em Petrópolis, sob a inspiração do trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob a denominação de Heritage Education. Entre 1989 e 1999, foram produzidos dois instrumentos metodológicos voltados à educação patrimonial: a Cartilha do Patrimônio e o Guia Básico de Educação Patrimonial, este último, elaborado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional).⁴¹ Esses documentos destacavam, desde então, o papel da escola, além de outras instituições, na preservação e valorização do patrimônio cultural.

A educação patrimonial representa uma possibilidade pedagógica que produz sentido ao ensino de história ao aproximar os estudantes da sua realidade cotidiana, utilizando-se de fontes como os bens culturais de sua cidade e /ou bairro, suas ruas, monumentos, os seus lugares de memória e história muitas vezes invisíveis aos seus habitantes⁴².

Na medida em que a pesquisa foi sendo aplicada, com a busca das memórias na comunidade sobre o movimento da “Festa do Lixo”, a fim de fazermos uma estimativa em relação ao processo de silenciamento do movimento, a análise dos enfoques dos jornais e a roda de conversa, os discentes foram gradativamente se percebendo como parte do processo histórico do seu bairro e que a história do meio em que vivem encontra-se vinculada à cidade, ao país e ao mundo. Ouvimos, por parte dos educandos, algumas expressões como: “é bom pesquisarmos sobre essa festa porque os assuntos do livro são chatos”; se não registrarmos essa festa, daqui a alguns anos ninguém mais vai saber que ela existiu, e que bom ver uma notícia do nosso bairro no jornal sem ser nas páginas policiais”.

⁴¹ HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

⁴² TORRES, Tatiana C. P. & SCHIAVON, Carmen G. B. Educação Patrimonial e o Ensino de História das Cidades. Revista Memore, Tubarão, SC, v. 2, n. 2, p. 52-71, jan./abr. 2015.

Através dessas constatações, os estudantes demonstraram uma percepção sobre o significado das marcas do passado, as mudanças e permanências no espaço em que transitam diariamente e, a partir dessa tomada de consciência, passaram a desejar preservar o seu patrimônio cultural, a “Festa do Lixo”, uma vez que esta passou a ter sentido para eles e elas, nos indagando o que poderiam fazer para que a festa em questão fosse reconhecida como patrimônio?

A partir dessas memórias, foi possível acessar os pormenores do evento, além de garantir aos depoentes o papel de protagonistas da história do lugar, já que atualmente essa condição de sujeito capaz de transformar e transmitir suas vivências vêm sendo negadas.

O uso da História Oral nos permitiu analisar diversas versões sobre a “Festa do Lixo”, observando os sujeitos históricos com suas vivências e experiências, diferentes entre cada um, nas suas falas, na entonação, nas pausas e no silêncio, detalhes que não poderíamos ter percebido em outras fontes.

Ao ensinarmos História a partir das experiências de sujeitos mais próximos dos educandos possibilitamos o reconhecimento de serem indivíduos ativos, históricos e transformadores de uma realidade. Exatamente isso que desejamos com o ensino da história do bairro e, por conseguinte, com o estudo da “Festa do Lixo”. Nesse sentido, é possível afirmar que o bairro em questão se constitui em importante lugar a ser desbravado a partir da sua historicidade e a “Festa do Lixo” um instrumento de fundamental importância para compreendermos as relações sociais e os aspectos políticos e culturais ali existentes.

Além de conhecer a história do bairro, o estudo sobre a “Festa do Lixo” abre um “leque” para diversos outros conteúdos da História como, por exemplo, conteúdos sobre a Ditadura Militar a partir desse movimento. O Ensino da História se depara com uma realidade angustiante, tendo em vista o desequilíbrio entre conteúdos curriculares, uma vez que se privilegia uma história tradicional, com destaque aos feitos e às perspectivas das elites, distanciando-se, em contrapartida, das diferentes realidades históricas vivenciadas em diferentes lugares e segmentos sociais.

Dessa forma, a maioria dos estudantes conclui o ensino básico sem conhecer a história de sua comunidade, de seu município ou seu estado, prendendo-se apenas a uma História Nacional ou internacional sem vínculo com a sua realidade e de seu contexto histórico local.

Na Fazenda Grande do Retiro essa história se repete, visto que a maioria dos discentes da Escola Dom Avelar Brandão Vilela desconhece a história do local em que vivem e ignoram suas origens, resultando em um ensino de História desprovido de participação e engajamento. Por isso, sentem-se desmotivados e marginalizados diante do contexto e processo de construção do conhecimento histórico.

Diante desse cenário, a presente pesquisa contribui para ampliar a literatura sobre a prática educativa mediada pelo patrimônio, fazendo-se necessário priorizar nos cursos de licenciatura reflexões e discussões críticas acerca da produção teórica e da atuação da Educação Patrimonial, para que se proponham novas possibilidades práticas para o ensino de história.

Nas últimas décadas do século XX, mesmo com propostas de uma prática educativa mais democrática e dialógica, observa-se a persistência de modelos de educação descontextualizados, herança da ação do Estado para controlar e homogeneizar os grupos sociais, utilizando o ensino de História como aliado.

Posteriormente ao fim da ditadura militar, as mudanças no Ensino de História passaram a ser estruturadas a partir de um novo projeto de nação, organizado, segundo o ideal neoliberal e os ideais de modernização pelo desenvolvimento do capitalismo, com um mínimo de intervenção do Estado nas questões sociais. Naquele momento ocorreram vários debates em torno de como deveria ser configurado o Ensino de História no país, principalmente a respeito de seus conteúdos e de como ser trabalhada em sala de aula. Segundo Bittencourt (2009, p.99):

As transformações no ensino de História podem ser identificadas mediante a análise de várias propostas curriculares elaboradas a partir de 1980 pelos Estados e municípios e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, produzidos pelo poder federal na segunda metade da década de 90. Nos últimos dez anos têm surgido uma variedade de propostas que almejam proporcionar um ensino de História mais significativo para a geração do mundo tecnológico, com seus ritmos diversos de apreensão do presente e seu intenso consumismo, o qual desenvolve, no público escolar, expectativas utilitárias muito acentuadas.

Ao longo dos anos, o ensino de História veio sendo modificado mais na legislação, do que na prática, principalmente após 1980, em que as novas propostas buscavam desenvolver, junto aos estudantes e educadores, reflexões de natureza histórica, que contribuíssem para a construção de uma consciência humana sobre o

mundo, relacionando o particular com o geral, construindo noções de diferenças e semelhanças e de permanências e continuidades, características dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e das Diretrizes Curriculares Nacionais.

As atualizações relativas aos parâmetros para um ensino crítico e democrático, no contexto de redemocratização do país, remontam aos ideais freirianos que tanto influenciaram gerações que viveram o silenciamento do regime ditatorial no Brasil. Para Freire, a proposta de uma educação libertadora e problematizadora do conhecimento visa proporcionar a emancipação dos estudantes, paralelo ao desenvolvimento autônomo e ao despertar de uma consciência crítica:

Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. (FREIRE, 1980, p. 26).

Retomando tais princípios e valores, entendemos que ensinar história requer do educador a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra. E isso significa superar a mera transmissão de conteúdos, criar situações de troca, de estímulos na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidade de acesso a novas informações, de confronto de opiniões, de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformações de suas concepções históricas. Assim, memória, patrimônio e ensino de história se constituem em tripé que sustenta os caminhos metodológicos utilizados neste trabalho, com o foco na temática da “Festa do Lixo”, considerada movimento cultural, social e político que marcou a história do bairro da Fazenda Grande do Retiro.

3 RODA DE CONVERSA, UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA NO “CHÃO DA SALA DE AULA”

3.1. Pressupostos norteadores para elaboração das rodas de conversas

Ao longo da história da educação, a ideia do saber e do ato de aprender esteve direcionado para a figura do professor. Evidentemente, ainda há muito dessa concepção, sobretudo nas sociedades em que a democratização da educação foi tardia, como é o caso do Brasil. Contemporaneamente e com o advento de várias teorias psicológicas, sociais e educacionais, o aprender é compreendido como um ato que envolve muitos sujeitos, não apenas o educador e o educando, mas também a comunidade escolar e extraescolar. O mundo educa e é nesse sentido que caminha a compreensão de uma pesquisa participativa.

Para um melhor entendimento, destacamos que a metodologia participativa é aquela em que “os sujeitos da pesquisa são considerados coprodutores de conhecimento”, cujo objetivo é “[...] desenvolver um conhecimento inserido na emancipação do sujeito e na transformação da realidade.” (STRECK, 2015, p.2). O desenvolvimento da pesquisa participativa na educação promove um grande avanço no processo de ensino e aprendizagem, por proporcionar o envolvimento dos estudantes na construção do conhecimento como verdadeiros autores e condutores de todas as etapas do processo.

Uma metodologia participativa precisa ter como ponto de partida a aprendizagem dialógica, fundamentada na compreensão de que esse ato potencializa o caráter humanizador e emancipador da educação. Assim, podemos desconstruir a ideia de detentores de conhecimento que outrora era potencializado na educação escolar, sobretudo na imagem do professor ou do pesquisador enquanto únicas referências intelectuais. Contemporaneamente, há uma significativa valorização de pesquisas que estejam alinhadas com a perspectiva de uma educação dialógica, participativa e emancipadora, referenciada na relação entre pesquisa, ensino e aprendizagem.

A prática docente de utilizar o conhecimento produzido por pesquisadores que escrevem para a educação básica, mas desconhecem a sala de aula, não vem trazendo resultados significativos para o processo de ensino e aprendizagem. Esse fato fortalece a importância dos mestrados profissionais na área da educação, como uma formação continuada para que o educador agregue ao seu currículo o ser pesquisador permanente, alinhando prática e teoria, sendo capaz de elaborar os conteúdos que utilizará em suas aulas, como salienta Demo:

[...] Em vez de ser apenas intérprete externo do livro didático, o professor deveria ser o próprio livro didático [...], entendendo-se aí pesquisa sobretudo como diálogo com a realidade, recriado sempre pelo professor, com apoio do livro didático, que passa a ser referência relevante, nem mais nem menos. (1999, p. 85-86).

Inspirados nesse princípio, adotamos a metodologia da pesquisa participante para realizarmos este trabalho, partindo dos saberes e fazeres que emergem da sociedade e que são vitais para a compreensão da educação enquanto ato político e promotor de mudanças. Por essas questões, priorizamos o diálogo como ferramenta-chave na condução e efetivação da pesquisa, enquanto buscamos compreender e

valorizar diferentes conhecimentos construídos a partir da ação de sujeitos ativos (sujeitos históricos). Dessa forma,

A pesquisa participante é talvez a proposta mais ostensiva de valorização da prática como fonte de conhecimento, apesar de suas banalizações típicas. Propugna a eliminação da separação entre sujeito e objeto, tentando estabelecer relação dialógica de influência mútua, teórica e prática. [...] (DEMO,1999, p.27).

Considerando os aspectos anteriormente apresentados e julgando relevante as experiências formativas dos sujeitos na sociedade e na escola, decidimos seguir as orientações de Paulo Freire e reinventar a metodologia dos “Círculos de Cultura, que para o autor:

[...] se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social. (1967, p.7).

Compreender um processo educativo à luz do debate promovido por um coletivo é perceber que o ato de educar não pode estar centrado em uma única figura, o professor, o gestor, o líder. O ato de ouvir, validar aquilo que o outro traz na sua história, possibilita a compreensão de que somos sujeitos históricos e construtores de uma sociedade. Embora, muitas vezes silenciados, é preciso reconhecer que a história é viva e pode ser pensada por todos como um ato político.

Os “círculos de cultura” “[...] estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõem uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto”. (DANTAS, 2010, p.1). A compreensão de que o ensino da História precisa, de alguma forma, promover uma aprendizagem integral, com vista à formação do sujeito como agente transformador da realidade, foi a premissa que a todo momento guiou essa investigação.

Com isso, afirmamos que não decidimos apenas pela concepção humanizadora de educação presente nas obras do autor de referência nessa pesquisa, mas também pela aderência do trabalho, aqui materializada em dissertação com o que preconiza os

escritos de Freire. Como já registrado, a pesquisa por nós (pesquisadora, participantes, estudantes e depoentes da festa do lixo) realizada só pode ser vista por uma concepção participativa, não vertical.

Paulo Freire continua contemporâneo, suas ideias e lutas permanecem presentes nos constantes desafios que enfrentamos no âmbito das práticas educacionais e, conseqüentemente, nas práticas sociais dos sujeitos, visto que educar para ele tinha como princípio indissociável a mudança social. Percebemos a sua atualidade nos aspectos teórico-metodológicos do Círculo de Cultura, quase sessenta anos depois da aplicação dessa experiência. Entretanto, torna-se criterioso reinventá-lo para além da alfabetização de adultos, isto é, aplicando-a em outras situações de ensino-aprendizagem nos espaços da escola, das comunidades, das universidades, etc.

Considerando todos esses aspectos, o objetivo principal das atividades desenvolvidas ao longo do percurso dessa pesquisa foi o de promover através da metodologia do “Círculo de Cultura”, aqui denominada “Roda de Conversa”, uma reflexão acerca de diversas versões da “Festa do Lixo”. Para tanto foi necessário a aproximação e observação dos sujeitos históricos com suas vivências e experiências. Essas vivências, de forma genérica, foram registradas nas páginas dos jornais e, posteriormente, com a realização dessa pesquisa, apresentadas nas rodas de conversas realizadas na escola com algumas das lideranças do movimento aqui estudado. A “Festa do Lixo” foi descrita e refletida a partir das diferentes visões que cada um, nas suas falas, na entonação, nas pausas e nos silêncios descreveram.

Figura 9: Docentes e discentes em círculo na roda de conversa. 08/06/2018



Fonte: discente Neilson de Jesus dos Santos (22 anos), Eixo V B

Ao adotarmos a roda de conversa, em nossos procedimentos na pesquisa, buscamos valorizar o aspecto político pedagógico da “Festa do Lixo”, criamos outras possibilidades educativas para o ensino da História. Com esse movimento pedagógico pudemos compreender, descrever e explicar os elementos fundamentais para o entendimento da festa como um movimento social, cultural e sobretudo político.

Utilizamos também a pesquisa bibliográfica e as fontes documentais, como os jornais, o Estatuto da Associação de Moradores Educativa e Recreativa Unidos da Fazenda Grande e o livro de tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe. Contudo, foi através da fonte oral com as entrevistas e as rodas de conversas que realmente conseguimos atender ao objetivo proposto.

Dessa forma, a presente pesquisa foi movida pela necessidade que temos, como educadores, de estimular os estudantes a se perceberem como agentes de suas ações e se compreenderem como sujeitos históricos, transformadores da realidade e do espaço onde vivem. Como seres humanos, devem se manifestar e modificar o mundo a partir de suas realidades locais, assim como fizeram os moradores da Fazenda Grande do Retiro no movimento social da “Festa do Lixo”.

Para Paulo Freire (2017, p. 108):

A existência humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Ao discorrer sobre a mudança e a ação dos sujeitos, Freire nos convida à reflexão da importância do papel social de cada um. O ato de pronunciar, para Freire, representa também um ato de reflexão e, por conseguinte, de mudança. No contexto da pesquisa aqui desenvolvida foi possível perceber que as mudanças no bairro, mesmo que efêmeras, foram resultantes de um processo de pronunciamento chamado “Festa do Lixo”.

Assim, no desenvolvimento da pesquisa, fomos despertados para o alcance do processo de ensino-aprendizagem enquanto ato significativo que envolveu ensinar e

pesquisar, e vive-versa, tanto para nós educadores, que ao mesmo tempo que ensinávamos estávamos aprendendo, quanto para os educandos. Estes últimos foram desenvolvendo a percepção de que as aulas baseadas meramente nas transmissões de conteúdos precisavam ser adicionadas por práticas que valorizassem os seus saberes e fazeres, pautados na pesquisa como busca e produção do conhecimento, modelo este que evidencia outros espaços de aprendizagem além da sala de aula, como defende Freire: [...] Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. [...] (p.21, 2002).

3.2. Percursos práticos na construção de uma metodologia para o ensino de história

No início de cada ano letivo, realizamos atividades lúdicas para a apresentação dos estudantes, quando é possível identificar o perfil das turmas. Nessa realidade estudada, a maioria dos discentes é identificada como trabalhadores do comércio ou domésticos, com idade entre 18 a 80 anos. Esse momento inicial de conhecer o outro não serve apenas para traçar um perfil estudantil, mas, sobretudo, realizar atividades de aproximação e integração entre eles e que favoreçam a promoção do diálogo com as suas histórias e memórias. Assim, demos os primeiros passos para a pesquisa aqui materializada.

Os primeiros resultados vieram com o Projeto “Conhecendo o bairro”⁴³, desenvolvido no ano de 2017, na Escola Dom Avelar Brandão Vilela. Em primeiro lugar foi possível perceber a importância de sermos professores pesquisadores e ensinar através da pesquisa; depois de compreender sobre a importância de se conhecer o espaço em que a escola está inserida e a história do lugar onde vivem os nossos estudantes. Esse processo contribuiu para adotarmos uma nova postura em sala de aula e reconhecer que podemos ensinar História a partir das experiências humanas mais próximas de nossa realidade.

Um exemplo prático da metodologia utilizada para o ensino de História vivenciada ao longo do desenvolvimento das atividades voltadas para a pesquisa foi a saída dos estudantes a campo, para “conhecer o bairro”, no ano de 2017, a exemplo de

⁴³ Projeto interdisciplinar, da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, atrelado ao projeto Conhecendo a Bahia, existente na escola há oito anos, com pesquisa de campo em Canudos e algumas cidades do recôncavo baiano.

uma equipe da turma do Eixo IV C⁴⁴ que se interessaram em participar do projeto, mas com a ressalva de não pesquisar ou visitar religiões de matrizes africanas. Após alguns dias, ao retornar a essa mesma classe escolar, tamanha foi a minha surpresa ao ouvir os relatos da equipe: a aluna Aimara Silva (27 anos), evangélica, narrou sua experiência: “eu confesso que tinha medo de passar próximo a um terreiro de candomblé, mas agora depois da entrevista que fizemos com o responsável pelo terreiro, mudei completamente minha visão, passei a respeitar a religião dos outros”. Essa deve ser a essência da educação, produzir mudanças, conforme defende Paulo Freire nos seus estudos.

Após essa etapa, combinamos com os estudantes que no início do ano letivo de 2018 retomariamos nossas discussões e pesquisa de campo sobre um dos aspectos apresentados na culminância do projeto a “Festa do Lixo”. Contudo, para nossa surpresa, ao iniciarmos as aulas, em fevereiro de 2018, a realidade da escola havia sofrido algumas mudanças, as quais interferiram diretamente na metodologia da pesquisa. A maioria dos educandos que havia participado do projeto no ano anterior e demonstraram interesse em continuar na pesquisa não estavam mais na escola por terem solicitado transferência, enquanto apareceram novos estudantes que desconheciam sobre os encaminhamentos anteriores vinculados à pesquisa sobre o movimento da “Festa do Lixo”.

Retomamos as discussões a fim de sondarmos o interesse dos novos estudantes sobre a pesquisa. A primeira reação da maioria foi de surpresa, chegando a duvidar que algo tão interessante tivesse ocorrido no bairro e logo demonstraram o desejo de conhecer e entender o movimento da “Festa do Lixo” através de pesquisa colaborativa e planejada num contexto plural. O propósito era de que os estudantes percebessem que o ensino da História está para além da sala de aula e que ele deve servir para ações críticas dos sujeitos na sociedade.

⁴⁴ <http://escolas.educacao.ba.gov.br/temposformativosadultos>

Proposta curricular do EJA (Educação de Jovens e Adultos) que entrou em vigor na Bahia a partir do ano de 2009. Os Tempos Formativos I, II e III são cursos de matrícula anual, nos quais as aulas são presenciais e exigem frequência diária. O currículo é organizado em eixos temáticos, temas geradores e áreas de conhecimento. O centro do processo de formação são as experiências de vida e estratégias de sobrevivência dos sujeitos jovens, adultos e idosos. O curso total é composto de três (03) segmentos distribuídos ao longo de sete (07) anos:

O 1º Tempo Formativo- Eixo I, II, III (equivale ao 1º segmento da educação fundamental)

O 2º Tempo Formativo- Eixo IV e V (equivale ao 2º segmento da educação fundamental)

O 3º Tempo Formativo- Eixo VI e VII (equivale ao ensino médio).

Paralelo à busca dos estudantes, nosso ponto de partida foi a Associação de Moradores. Em uma conversa informal com o atual vice-presidente, Dalmo Santos, passamos a conhecer alguns elementos da “Festa do Lixo”, como os principais objetivos dos moradores que deram início ao movimento, o tempo ocorrido, os nomes de algumas pessoas que estiveram envolvidas diretamente na organização da festa, ressaltando a importância de ouvi-las, além de nos informar que durante os dez anos em que ocorreu o movimento, a imprensa da época estava presente e sempre tinha notícias nos principais jornais da cidade sobre o evento.

Essa conversa foi fundamental para priorizarmos desenvolver a pesquisa com a fonte oral através da memória dessas pessoas, além de utilizarmos os jornais como fonte escrita. O uso da História Oral nos permitiu analisar diversas versões sobre a “Festa do Lixo”, observando os sujeitos históricos com suas vivências e experiências, diferentes entre cada um, nas suas falas, na entonação, nas pausas e no silêncio, detalhes que não poderíamos ter percebido em outras fontes. Nesse sentido, todos “adquirem visibilidade através de narrativas que descrevem, com uma diversificada riqueza de detalhes, experiências cotidianas, que comumente se perdem nos desvãos da história.” (MONTENEGRO, 2010, p. 69).

O primeiro depoente foi o advogado Waldemar Oliveira, pois já saímos da Associação com o seu contato, ligamos no dia seguinte e, ao ouvir que a pesquisa se tratava da “Festa do Lixo”, tamanha foi a felicidade que ele nos atendeu, marcando imediatamente o dia da entrevista no seu escritório de advocacia, localizado no bairro da Fazenda Grande do Retiro. Vale informar que Waldemar foi presidente da Associação de moradores durante cinco anos de 1978 a 1982, anos de maior efervescência do movimento.

O Senhor Waldemar Oliveira mudou-se do bairro há cinco anos (fev. 2013) e no seu depoimento confessou sentir muitas saudades:

aqui nasci, cresci, me casei, criei meus filhos, então a minha vida foi aqui, [...] minha relação de amizade é toda daqui, a maioria dos meus amigos. A turma do final de linha, já se mudou, mas temos um grupo no whatsApp, e sempre marcamos no barzinho para lembrarmos nossa infância e juventude no bairro e discutimos a ideia e importância de registrarmos nossas memórias sobre os movimentos sociais que aqui organizávamos.

Foi nesse momento que ouvimos falar pela primeira vez da “turma do final de linha”. Segundo Waldemar, era composta, na sua maioria, por jovens que tiveram a possibilidade de ingressar na universidade e conviver com os Padres italianos que viveram no bairro para desenvolver um trabalho pastoral no final da década de 1960 e 1970, com base na Teologia da Libertação. Esta foi a base de formação política desses jovens, os quais desenvolveram uma consciência política capaz de sustentar um movimento de protesto por melhorias de infraestrutura no bairro por dez anos, a “Festa do Lixo”.

Waldemar Oliveira nos indicou para procurarmos outros membros da “turma” para podermos ouvir as suas experiências com a “festa”. Dentre os nomes citados priorizamos procurar mais três, em função do fator tempo, pela necessidade de coletarmos depoimentos que garantissem qualidade da pesquisa e capacidade de transcrição, análise e elaboração desse trabalho.

O segundo depoente foi o advogado Valdenor Cardoso, o qual, quando contatado, demonstrou grande interesse em fornecer a entrevista, por considerar de grande relevância o registro da “Festa do Lixo” e, imediatamente, agendou a entrevista, que ocorreu no dia 14 de maio de 2018, em uma sala, na Casa Civil, onde atua como ouvidor do estado. Naquele momento, expressou ser importante o fato de registrar e transmitir para as futuras gerações do bairro a história sobre esse movimento social relevante não só para o bairro, mas para a cidade como um todo.

Nosso terceiro depoente foi o sociólogo Ailton Ferreira. Por ter ido morar no bairro um ano antes da mobilização que deu origem à Festa do Lixo, afirma ter participado como coadjuvante, já que trabalhava no bar de seus pais, que ficava próximo à Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), local do protesto. Em função disso, ele apoiou os moradores que empilhavam o lixo na frente da empresa, fornecendo-lhes água e lanches. Mas, no ano seguinte, em 1976, Ailton participou diretamente do movimento da “festa do lixo” e, daí em diante, passou a se envolver cada vez mais com os problemas sociais do bairro, chegando a optar pelo curso de sociologia com o objetivo de compreender a funcionalidade da sociedade e poder ajudar a sua comunidade, tornando-se, posteriormente, entre 1986-1988 e 1990-1992, presidente da Associação de Moradores. Vale ressaltar que atualmente ele não reside mais no bairro, contudo, assim como a maioria da turma do final de linha, não consegue ficar muito tempo distante,

pois frequenta a missa na paróquia do bairro todo domingo e logo após faz caminhadas para rever os amigos.

A quarta depoente, Laurinha Arantes, foi eleita Rainha do Lixo, em 1979, título que era dado à mulher mais engajada na organização da “festa” e nos ideais do movimento. Assim como os outros, demonstrou grande interesse em falar sobre suas experiências com o evento, ao expressar sentimentos de saudades da época, da efervescência política do bairro, das amizades fruto daquela época onde conheceu figuras de notoriedade na política brasileira como Domingos Leonelli, Lídice da Mata, Carlinhos Mariguela, já que a “Festa do Lixo” era ponto de encontro de militantes opositores ao regime militar.

Concomitante às conversas com esses “guardiões da memória” do bairro, fiz uma pesquisa minuciosa no acervo de jornais da Biblioteca Central da Bahia, entre os quais se destacou o Jornal Tribuna da Bahia, onde encontrei diversas notícias sobre a “Festa do Lixo”. Ao dialogar com essas fontes, em sala de aula com os estudantes passamos a ter certa noção da dimensão desse movimento que, independente da posição política do jornal, trazia a notícia da festa na mesma página das comemorações da Independência da Bahia, além de nos instigar alguns questionamentos: como esses moradores conseguiram sustentar durante dez anos, no contexto da ditadura militar no Brasil, um movimento de protestos e reivindicações por melhores condições de vida? Por que, apesar de ter sido tão noticiada, essa “festa” está caindo no esquecimento, já que a maioria das pessoas do bairro nada sabe sobre o evento?

Analizamos também o papel da imprensa da época, pois sabemos que não existe isenção jornalística⁴⁵ e que o mesmo fato pode ser registrado por variadas versões de acordo com a intencionalidade do jornal, cabendo a nós historiadores e historiadoras a interpretação de cada um. Dessa forma, percebemos que alguns jornais evocava o caráter festivo e comemorativo da “Festa do Lixo”: *Fazenda Grande reviveu ontem a “Festa do Lixo”*⁴⁶, *Comemorada a Festa do Lixo*⁴⁷, *Retirada do lixo, festa para a Fazenda Grande*⁴⁸, *Fazenda Grande revive a sua “Festa do Lixo”*⁴⁹, *Briga impede a*

⁴⁵ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e CRUZ Heloisa de Faria. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. Projeto História, São Paulo, n 35, p. 253-270, dez. 2007.

⁴⁶ Tribuna da Bahia- 03/07/1978, pág. 05.

⁴⁷ Tribuna da Bahia- 03/07/1979, pág. 05.

⁴⁸ Jornal da Bahia- 02/07/1979, pág. 03.

⁴⁹ A Tarde- 03/07/1982, pág. 03.

*festa do lixo: Fazenda Grande*⁵⁰, *Festa do Lixo perde o brilho. Violência*⁵¹, *Festa do lixo já não atrai como antigamente*⁵².

Enquanto outros, especialmente a Tribuna da Bahia e Jornal da Bahia que eram jornais opositores enfatizavam o caráter político do evento, por ser um ato de protesto contra as mazelas vividas no bairro e contra o governo apoiado pela ditadura, como podemos observar pelas manchetes dos principais jornais: *Retiraram o lixo da rua e deixaram na entrada da EGBA*⁵³, *“Festa do Lixo”, comemorada ao lado de um monte de problemas*⁵⁴, *Festa diferente*⁵⁵, *Fazenda Grande e o lixo*⁵⁶, *Festa para reivindicar*⁵⁷, *Limpurb apoia Festa do Lixo*⁵⁸, *Fazenda Grande recebe com vaias e ovos A. Carlos e Clériston*⁵⁹, *Fazenda Grande reclama providências*⁶⁰, *Violência policial na “Festa do Lixo”*⁶¹, *Fazenda Grande protesta com a Festa do Lixo*⁶².

Antes de darmos os primeiros passos para a organização das rodas de conversas, desenvolvemos alguns momentos para melhor compreendermos sobre alguns pressupostos teóricos e conceituais que precisávamos nos apropriar como aqueles relativos à memória. Começamos pela exibição, discussão e compreensão do filme *Narradores de Javé*⁶³ para nos auxiliar na reflexão sobre lugares da memória, narrativas e história oral e sobre patrimônio cultural articulado às identidades locais e à construção de memórias coletivas. Durante o desenvolvimento dessa atividade, foi possível perceber as interpretações dos estudantes relativas à construção da memória a luz das experiências dos sujeitos. Um exemplo disso foi a indagação da estudante Ariadne

⁵⁰Tribuna da Bahia- 02/07/1984, pág. 04.

⁵¹Correio da Bahia- 02/07/1984, pág. 05.

⁵²A Tarde- 04/07/1987, pág. 24.

⁵³A Tarde- 05/07/1975, pág. 05.

⁵⁴Tribuna da Bahia- 03/07/1976, pág. 05.

⁵⁵Jornal da Bahia- 02 e 03/07/1977, pág. 03.

⁵⁶A Tarde- 03/07/1979, pág. 03.

⁵⁷Jornal da Bahia 02/07/1978, pág. 03.

⁵⁸Correio da Bahia- 02/07/1982, pág. 05.

⁵⁹Tribuna da Bahia- 15/09/1982, capa.

⁶⁰Jornal da Bahia- 03 e 04/07/1983, pág. 02.

⁶¹Jornal da Bahia- 03 e 04/07/1983, pág.03.

⁶²Tribuna da Bahia- 02/07/1983, pág. 03.

⁶³ “Narradores de Javé”, um drama produzido em 2003 no Brasil, dirigido por Eliane Caffé, com duração de 100 minutos. A pequena cidade Javé será submersa pelas águas de uma represa. Seus moradores não serão indenizados e não foram sequer notificados porque não possuem registros nem documentos das terras. Inconformados, descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a história da cidade - mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro, sabe escrever. Depois disso, o que se vê é uma tremenda confusão, pois todos procuram Antônio Biá, o escrivão da obra de cunho histórico, para acrescentar algumas linhas e ter o seu nome citado.

Torquato (26 anos), da turma Eixo V B⁶⁴: “professora, porque cada um conta uma história diferente sobre o surgimento do povoado, parece que querem convencer que foi seus antepassados os mais importantes”. Ao apresentar essa perspectiva, a estudante compreende que a história pode ser apresentada a partir de diferentes pontos de vista, sendo necessário ao sujeito (seja ele professor, estudante ou simplesmente membro da comunidade etc.) compreender porque aquele sujeito histórico está defendendo aquela perspectiva.

Todas as atividades realizadas durante a pesquisa estavam de alguma forma, conectadas com os conteúdos escolares estabelecidos. Assim, a fim de apresentar a estrutura política implantada pelo regime militar, expondo os efeitos como a perda de garantias e direitos individuais, perseguição e tortura experimentadas no Brasil, exibimos o filme *Zuzu Angel*⁶⁵. A apresentação do filme serviu como *start* para analisarmos como os moradores da Fazenda Grande do Retiro conseguiram sustentar o movimento da “Festa do lixo” durante dez anos dentro desse contexto, entre 1975-1985.

Após a exibição do filme e abertura do debate, foi percebido nas falas dos educandos o quanto estavam horrorizados com o regime político implementado pela ditadura militar brasileira, o que possibilita afirmarmos que os círculos de cultura no ensino de História potencializa a aprendizagem em sala de aula. O aluno Atalan Oliveira (22 anos) do Eixo V B comentou: “eu ouvia falar desse período, mas nunca imaginei que as coisas aconteciam dessa forma. Os militares eram uns miseráveis e hoje tem gente querendo a volta deles”. Já Gabriel dos Santos (21 anos) perguntou: “professora, isso tudo que passou no filme ocorreu de verdade no Brasil?” E Jenilson Santana (22 anos) respondeu: “era assim mesmo, meu pai já tinha me falado algumas coisas que ele se lembra desse período”. Entre filme e fato histórico, os estudantes perceberam que o ensino da história pode ser acessado de diversas formas e que importa aprender a história para compreender o presente.

Foi a partir desses pressupostos que distribuímos didaticamente as várias etapas da pesquisa. Contudo, vale ressaltar que todos os passos foram baseados no método

⁶⁴ O 2º Tempo Formativo (equivale ao 2º segmento da educação fundamental)

⁶⁵ Um drama produzido no Brasil em 2006, dirigido por Sergio Rezende, com duração de 104 minutos. *Zuzu Angel* (Patrícia Pillar) é uma estilista de sucesso que divulgou a moda brasileira em todo o mundo. Nos anos 70, Zuzu travou uma batalha contra a ditadura militar, devido ao desaparecimento de seu filho, Stuart (Daniel de Oliveira). Stuart participou do movimento estudantil nos anos 60 e depois entrou na guerrilha urbana contra a ditadura vigente. Após ser preso, ele foi torturado e assassinado por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica, sendo dado como desaparecido político. É quando Zuzu decide denunciar os abusos cometidos pela ditadura, chamando a atenção no Brasil e no exterior.

Paulo Freire de Educação⁶⁶, com algumas adaptações para atender as características dos sujeitos participantes.

As etapas foram assim organizadas:

1ª “Vem, vamos embora, que esperar não é saber” (Sensibilizar para conquistar)⁶⁷

O primeiro passo se deu a partir de uma discussão acerca dos resultados do projeto “Conhecendo o bairro”, realizado no ano de 2017, e a relevância de darmos continuidade à pesquisa acerca da “Festa do Lixo”, cujo evento foi descoberto por nós durante a culminância desse projeto. Nessa etapa ouvimos as aspirações e demandas dos estudantes a fim de continuar a pesquisa. O que mais movimentou a discussão foi o fato deles desejarem compreender de que forma os antigos moradores conseguiram lutar contra o problema da coleta do lixo já que, atualmente, o lixo continua a ser um grande problema para o bairro, devido o depósito volumoso existente nas calçadas das três escolas estaduais, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 10: Fachada principal da Escola Dom Avelar Brandão Vilela na Fazenda Grande do Retiro



⁶⁶ As cinco fases de elaboração e de execução prática do Método na obra de Paulo Freire – Educação como prática da liberdade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 111, 1967.

⁶⁷ “Pra não dizer que não falei das flores”, canção escrita e cantada por Geraldo Vandré em 1968, conhecida também como “Caminhando”, se tornou um hino de resistência ao sistema ditatorial militar que vigorou no Brasil de 1964 a 1985. A escolha dessa música para abertura das nossas rodas de conversas e na escrita do texto foi devido a uma observação de um dos depoentes Valdenor Cardoso que ressaltou a sua utilização nos protestos ocorridos na “Festa do Lixo”.

Fonte: Ana Paula Santos, set. 2018

Figura 11: Fachada principal da Escola Estadual Bento Gonçalves na Fazenda Grande do Retiro



Fonte: Ana Paula Santos, set. 2018

Figura 12: Fachada principal da Escola Estadual 2 de Julho na Fazenda Grande do Retiro



Fonte: Ana Paula Santos, set. 2018

As reflexões promovidas pelas atividades pensadas e realizadas no ensino de História nos conduziram a uma culminância do projeto. Nesse momento, foi possível identificar, através da amostra de vídeos construídos pelos estudantes, o quanto é importante valorizarmos suas produções. O segurança da escola de plantão no dia, Adilton Silva, chegou a comentar, no final da atividade: “gostei muito dessa atividade, eu trabalho aqui há tanto tempo e não sabia dessas coisas sobre o bairro é bom esses meninos verem que o bairro não tem só violência”.

Figura 13: Professora Ana Paula Santos e educandos, culminância do Projeto Conhecendo o bairro da Fazenda Grande do Retiro, amostra de vídeos



Fonte: Educando Fábio de Assis (21 anos), ago. 2017

Como já afirmado, essa pesquisa foi guiada pela metodologia dos Círculos de Cultura. Ao realizarmos esta etapa da pesquisa, denominada por Paulo Freire de investigação temática, na qual os educandos são sensibilizados a refletirem acerca de temas de interesse comum ao próprio grupo, ficou nítido o interesse da maioria dos estudantes em conhecer e entender o fato histórico da festa através de pesquisas.

A pesquisa desenvolvida pelos estudantes demonstrou o quanto eles são capazes de construir quando estimulados e bem orientados, apesar das dificuldades que enfrentam para participar de uma pesquisa que exige a saída para o campo, já que a maioria deles trabalha durante o dia. A aluna Daniela de Melo (28 anos) comentou: “professora eu negocieei o horário do trabalho para conseguir participar da produção do vídeo”.

Através da realização dessa atividade de campo, promovemos a inserção dos estudantes na metodologia dos Círculos de Cultura, proporcionando-lhes o reconhecimento de serem indivíduos ativos e transformadores de suas histórias. Também possibilitamos o despertar para o estudo da História, consequentemente o interesse e valorização desse campo do saber. Como nos mostra Paulo Freire em seu diálogo para a construção de um saber prático de libertação,

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo

pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra no trabalho, na ação-reflexão. Mas dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. (FREIRE, 2005, p. 90).

Mais uma vez Freire nos convoca à reflexão, ao diálogo, ao ouvir e a falar. Destaca que a transformação do mundo passa pela palavra, a palavra pensada, dita, vivida e sentida. Certamente, as palavras que emergiram dos agentes sociais que viveram a Festa do Lixo ecoaram por muitos espaços, produzindo mudanças no olhar e nas ações daqueles que tinham o poder político, naquele momento da história.

2ª “Caminhando e cantando” (Descobrimos e valorizando)

Para dar continuidade às atividades de pesquisa, à luz da metodologia do Círculo de Cultura, analisamos o tema da “Festa do Lixo” através dos jornais da época em que aconteceu o movimento. Procuramos incentivar a reflexão dos estudantes a respeito do mesmo fato ser publicado de forma diferente na mesma época. Esse é um exercício que problematiza a leitura de jornais, de notícias, a escuta de noticiários, a fim de que não se mantenham passivos, acríticos, mas que acionem o censo crítico, analítico, problematizador em relação às informações presentes nos estudos de história, assim como no cotidiano de cada um.

Figura 14: Círculo de leitura de jornais, estudantes da turma Eixo V C



Fonte: Ana Paula Santos, maio/2018

A pesquisa com os jornais possibilitou aos estudantes a reflexão sobre a abrangência política da “Festa do Lixo”. Ao manusear essa fonte histórica, os estudantes

fizeram algumas observações. Liliane Pereira (25 anos), do Eixo V C disse: “hoje em dia professora ninguém quer mais se envolver com os problemas do bairro, cada um só está preocupado com os seus próprios problemas”. Rafael Coelho (33 anos) aluno dessa mesma turma comentou: “essa festa era importante mesmo, vários jornais falavam sobre ela, não sei por que a gente nunca tinha ouvido falar sobre tudo isso que acontecia aqui”.

Enquanto fontes históricas, os jornais foram, até a década de 1970, vistos com certa desconfiança (LAPUENTE, 2015). Com as transformações metodológicas no campo da história relativas à utilização de novas fontes, e a reconfiguração do ensino da História, essa compreensão se modificou. Uma das questões mais relevantes que precisam ser consideradas é a abrangência que os periódicos atingem na sociedade e como eles podem construir representações sobre a história.⁶⁸

Figura 15: Círculo de leitura de jornais, estudantes da turma Eixo V B, noturno



Fonte: Ana Paula Santos, maio/ 2018

Figura 16: Círculo de leitura de jornais, estudantes da turma Eixo V B, noturno

⁶⁸ Os jornais manuseados pelos estudantes durante esta etapa da pesquisa são cópias digitalizadas, realizadas pela pesquisadora, nos arquivos da Biblioteca Central da Bahia, nos acervos do Jornal Tribuna da Bahia, na Fundação Gregório de Mattos e Fundação Mário Leal Ferreira. Durante a busca pelos documentos ficou perceptível as dificuldades enfrentadas pelos historiadores e demais pesquisadores para encontrar fontes que lhes possibilitem a interpretação dos fatos históricos em Salvador, a exemplo das péssimas condições de conservação e guarda dos acervos, das condições físicas dos ambientes, sem climatização adequada para permanecer por muitas horas de pesquisa.



Fonte: Ana Paula Santos, maio/2018

Vale registrar as reações dos educandos ao conhecerem as notícias dos jornais: primeiro por não esperarem encontrá-las no caderno cultural, pois, devido à violência que atinge a sociedade, principalmente nos bairros periféricos, eles passaram a achar “normal” encontrar notícias do bairro somente nas páginas policiais; depois, ao demonstrarem felicidade em perceberem a grandiosidade da história do lugar em que vivem, apontaram como principais elementos dessa importância o fato de a reportagem estar na mesma página das notícias sobre as comemorações do dia da independência da Bahia e de estar presente anualmente em diversos jornais.

A construção dessa pesquisa foi fundamentada na educação dialógica baseada na discussão de Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996). Nela, Freire afirma ser a educação para a autonomia um ato resultante do diálogo, da pesquisa e, sobretudo, da comunicação e que um dos saberes fundamentais à prática docente é o rigor metódico que permita construir e anunciar novidades. No caso aqui apresentado, um importante movimento social de contestação, que ora serve como instrumento de ensino da História, demonstra que

(...) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar,

constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.16).

Constatamos a relevância do pensamento de Freire sobre o ato de pesquisar e ensinar ao analisarmos a realidade em nossa volta. Nós educadores precisamos estar num constante processo de formação, pesquisando, ensinando e aprendendo. Nesse movimento, encontraremos novas práticas educativas e humanizadoras que potencializam as aprendizagens, num contexto de construção e não de imposição de conteúdos.

Ao adotarmos essa perspectiva no ensino da História, obtivemos como resultado o envolvimento dos estudantes no reconhecimento e valorização da “Festa do Lixo” como um Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro. Nesse sentido, estamos construindo uma proposta educacional a ser programada e reelaborada anualmente na escola a partir dos mais diversos temas que poderão surgir da prática dialógica em sala de aula.

No que diz respeito à investigação histórica empreendida ao longo da pesquisa, é possível afirmar que havia certa preocupação por parte dos organizadores da “Festa do Lixo” com a educação dos moradores do bairro, como podemos observar na entrevista dada pelo vice-presidente da citada associação dos moradores, o senhor Carlos Henrique Ramos, ao jornal:

A Festa do Lixo é um caminho para educar, por isso, nós promovemos uma série de eventos, palestras, debates, para que eles, **os moradores, [grifo nosso]** saibam das coisas e reivindiquem tudo que lhes é devido”. (Tribuna da Bahia, p.4, 2 jul. 1984).

Podemos perceber que há um caráter intencional naquilo que os organizadores pretendiam: o ato educativo da festa.

A cada fase da pesquisa, ficava mais nítido o significado, a importância e o reconhecimento da “Festa do Lixo” como Patrimônio Cultural Imaterial, por parte dos educandos. Estes, de alguma forma, conseguiram reconhecer a sua importância para a história do bairro e para a educação, fato que se evidenciava no envolvimento deles com a pesquisa, a exemplo da aluna Paulina Santana (45 anos), do Eixo V, turma C, que trabalha na EGBA. Em depoimento, disse ter ficado feliz ao conversar com seu colega de trabalho e ter descoberto que ele participava da “Festa do Lixo”, além de explicitar sobre a sua importância para o bairro. A mesma chegou a agradecer por estar tendo a

oportunidade de conhecer sobre essa história: “professora, obrigada, se não fosse a senhora incentivar a gente a pesquisar não iríamos conhecer tanta coisa interessante sobre o lugar que vivemos”.

3ª “Nas escolas, nas ruas, campos, construções” (da teoria para a prática)

Da análise dos jornais nasceu uma discussão entre os estudantes: o porquê de, apesar de tão divulgada, com o passar do tempo as pessoas não comentarem sobre a “Festa do Lixo”. A constatação do fenômeno do esquecimento da “Festa do Lixo” possibilitou aos educandos que construíssem um instrumento de pesquisa para identificar os motivos que levaram ao apagamento desse evento histórico. A escolha feita foi de elaborar uma enquete a fim de encontrarem pessoas que já tinham ouvido falar do movimento e assim ouvir suas informações.

Nessa perspectiva, formularam a seguinte pergunta – Você já ouviu falar da “Festa do Lixo”? Cada estudante ficou responsável pela aplicação da enquete a quatro moradores, sendo dois que vivem no bairro a mais de quarenta anos e dois que vivem a menos de quarenta anos, com o objetivo de perceberem se a memória sobre o evento está desaparecendo ou se, de alguma forma, está sendo transmitida de uma geração para outra.

Analizamos a enquete de onze educandos. Como cada um entrevistou quatro moradores, totalizou, assim, quarenta e quatro moradores entrevistados. Entre os vinte e dois que moram a mais de quarenta anos no bairro, houve um empate: onze já tinham ouvido e onze nunca tinham ouvido falar sobre o movimento. Entretanto, entre os moradores mais novos, dezesseis nunca ouviram falar e apenas seis sabiam da existência, fato que demonstra um processo de esquecimento e silenciamento da memória da “festa” no bairro.

Com base no resultado da enquete e nas notícias dos jornais, discutimos acerca dos principais motivos que contribuíram para esse processo de silenciamento. O primeiro citado pelos estudantes foi o de que o governo da época conseguiu alcançar o objetivo de acabar com o movimento, infiltrando pessoas dentro da “festa” para gerar

tumulto, ocasionando, em 1984, a morte de um jovem de dezoito anos⁶⁹. A partir daí, a maioria dos moradores passaram a temer a participação e, nos anos posteriores, o movimento foi enfraquecendo até deixar de existir completamente a partir de 1988. Esse medo pode ser justificado pela análise da entrevista de Waldemar Oliveira ao jornal Tribuna da Bahia de 04 de julho de 1987, ao constatar que o evento “jamais contou com o apoio das autoridades administrativas, ao contrário, fizeram de tudo para acabar com a festa”.

A presença da polícia tornou-se uma tentativa para pôr fim ao evento. Conta, recordando o incidente de 1983, quando o batalhão de choque da polícia militar “transformou o bairro numa verdadeira praça de guerra, batendo nas pessoas, jogando gás lacrimogêneo e atirando para o alto para desfazer a concentração”. Segundo a referida entrevista, torna evidente o caráter contestatório do movimento e, portanto, foi compreendido pelas autoridades políticas como uma ameaça à ordem estabelecida, o que levou o aparelho repressor do Estado a colocar sua força para silenciar todos que estavam de alguma forma, questionando a ordem social estabelecida e reivindicando direitos.

4ª “Aprendendo e ensinando uma nova lição”

Após as análises e discussões sobre as notícias dos jornais, o outro momento foi a organização da “roda de conversa” entre a “turma do final de linha” (Waldemar Oliveira, Laura Arantes, Valdenor Cardoso, Ailton Ferreira e Dalmo Santos) e os estudantes do EJA, Eixo V, turmas A, B, C E D, do turno noturno, da Escola Dom Avelar Brandão Vilela. Nesse momento foram discutidos os detalhes para a realização da atividade, durante as aulas de história, selecionamos os convidados, os quais já eram conhecidos através do estudo dos jornais e da atuação deles na própria comunidade. Os estudantes demonstraram grande expectativa por se tratar de uma aula diferente, já que a maioria nunca tinha participado de uma roda de conversas.

Durante a discussão para a organização apresentamos Paulo Freire aos estudantes a partir de um texto com sua biografia e principais obras. Informamos também que a roda de conversas que estávamos organizando era uma reinvenção do círculo de cultura criado pelo educador, explicando seus objetivos e estratégias. Freire pensava a educação a partir da leitura da realidade social, utilizando-se da conversa com

⁶⁹Jornal Tribuna da Bahia 03 – 04/07/1983 e 02/07/1984.

as pessoas, do círculo de cultura e de outros recursos para tornar possível partir da realidade concreta dos sujeitos.

Elaborar o círculo de cultura nos confirmou a ideia de que educar não é transferir conteúdos, mas criar condições para que os sujeitos, a partir de um ato reflexivo possam construir conhecimentos e conteúdos significativos. Isto representa partilhar saberes a fim de lhes fazer despertar a curiosidade epistemológica que, muitas vezes, é destruída por uma educação bancária preocupada em instrumentalizar as pessoas com conteúdos preestabelecidos que atendem a outros interesses. Nessa prática adotada por nós não há saberes superiores ou inferiores e as competências conceituais e políticas são as necessárias ao processo de um ensino e aprendizagem libertadores.

5ª “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”

As duas rodas de conversas sobre a “Festa do Lixo” que realizamos na Escola Dom Avelar Brandão Vilela, com a participação de cinquenta e dois estudantes do EJA, Eixo V (8º e 9º ano, do Ensino Fundamental II), nos dias 06 e 08 de junho de 2018, foram iniciadas ao som da música de Geraldo Vandré *Pra não dizer que não falei das flores*⁷⁰. Foi um momento de sensibilização, especialmente daqueles que vivenciaram as lutas populares na ditadura militar brasileira, despertando sentimentos de nostalgia em muitos que estavam presentes.

No segundo momento a educadora, exercendo a função de mediadora, apresentou o tema e os convidados, explicando que cada um teria 10 minutos para expor suas experiências com a “Festa do Lixo” e suas memórias. Contudo, as apresentações não ocorreram nesse tempo programado, pois, naturalmente, foi guiada pela dialogicidade do círculo onde houve uma interação e troca de conhecimentos, bastante interativa.

O primeiro convidado, Ailton Ferreira, por exemplo, iniciou sua fala tomado de emoção, envolvido com a canção de Geraldo Vandré e de forma bem dinâmica foi conhecendo cada um dos estudantes, perguntando seus nomes e endereços que, para a alegria de todos, ele sabia exatamente onde se localizava cada residência, fato que demonstrou um grande conhecimento do lugar e sua importância para ele. D. Alcina

⁷⁰ Geraldo Vandré, 1968.

Bispo de Santana (85 anos), aluna da turma Eixo V C, sorriu bastante quando ele falou que havia morado anos em uma casa vizinha a dela.

Após as apresentações descontraídas e pouco narrativas, a mediadora abriu para as perguntas. Vale registrar que os principais questionamentos abaixo relacionados, feitos pelos educandos aos convidados durante as rodas de conversas, foram elaborados em aulas anteriores com base na pesquisa e interpretação dos jornais, entre outras que surgiram no momento do diálogo com os convidados.

- 1- O que motivou a mobilização da “Festa do Lixo”?
- 2- Por que a “Festa do Lixo” se tornou notícia de jornal, durante dez anos, na mesma página dos principais jornais de Salvador ao lado da notícia das comemorações oficiais da Festa da Independência da Bahia?
- 3- Quais elementos contidos na “Festa do Lixo” podem sustentar seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro?
- 4- Qual a contribuição da Igreja Católica na formação dos jovens da Fazenda Grande do Retiro no contexto da Ditadura Militar?
- 5- Quais as principais reivindicações exigidas pelos moradores no período da “Festa do Lixo”?
- 6- Qual a importância da Associação de moradores na organização do movimento da “Festa do Lixo”?
- 7- Por que uma “festa pacífica” realizada num bairro de periferia tanto incomodava ao poder público?
- 8- Quais as estratégias utilizadas pelos poderes públicos para acabar com a “Festa do Lixo”?
- 9- A quem interessa o esquecimento e silenciamento da “Festa do Lixo” na sociedade?
- 10- Devido ao clima de insegurança e violência que vivemos hoje, vocês acham que conseguiríamos fazer um movimento parecido com o que vocês fizeram para resolver os problemas atuais do bairro?
- 11- Hoje, a maioria dos jovens está envolvida com drogas e não se preocupa, como vocês, em resolver problemas da comunidade. O que podemos fazer para resolver isso?

Os convidados demonstraram grande satisfação em perceber o interesse dos estudantes pelo objeto de estudo dessa dissertação que, para eles, mesmo depois de tantos anos, é motivo de orgulho e símbolo de resistência. O senhor Waldemar Oliveira começou a responder as perguntas a partir da afirmação de que “só a luta pode mudar a

vida” e, logo após, registrou que naquela semana tinha ficado sabendo que a agência da Caixa Econômica Federal do bairro iria ser fechada e incentivou os educandos a se unirem e não aceitarem que isso ocorresse, precisando ir para as ruas e reivindicar, tomar atitude e dizer o que queremos e o que precisamos.

Figura 17: Roda de Conversa,⁷¹ convidados, professora e estudantes



Fonte: Estudante Neilson dos Santos (22 anos), 8 jun. 2018

Cada pergunta foi respondida com ênfase no desejo que eles têm em ver o povo consciente de seus direitos e deveres, lutando por dignidade e igualdade. Afirmaram que o movimento da “Festa do Lixo” começou porque os moradores não suportaram tanto abandono por parte dos poderes públicos e, após a primeira manifestação pela retirada do lixo, perceberam que daquela forma poderiam ser ouvidos e atendidos, fato que realmente aconteceu durante certo tempo, como podemos perceber nas melhorias já citadas anteriormente, frutos dessas conquistas.

Disseram também que a cada ano eles iam percebendo o quanto o movimento crescia. Isso, devido à repercussão em outros bairros e à cobertura da imprensa, jornal escrito, televisivo e rádio, sobretudo por acontecer no dia 02 de Julho, momento em que os holofotes estavam voltados para as festividades da Independência da Bahia, especialmente em Salvador, fato que fez os organizadores manterem a data anualmente

⁷¹ Da direita para a esquerda: Valdenor Cardoso, Dalmo Santos, Christiane Barroso, Alcina Santana, Ernanes de Jesus, Aimara Silva, Jorge Júnior, Ariadne Torquato, Gabriel Silva, Laís Teixeira, e Atalan de Jesus.

por imaginarem que seria estratégico por ser um empecilho para a repressão ao movimento.

Entre eles foi unânime o desejo de verem registrada a história do movimento, pois, ainda hoje, sempre que se reúnem, surge à ideia de se escrever um livro sobre a “Festa do Lixo” e seu legado para as futuras gerações, por ser um Patrimônio do bairro, um tesouro histórico esquecido e, assim como outros eventos, representam caminhos para educar através de suas características culturais, políticas e sociais.

No aspecto Cultural, destacaram a participação de grupos musicais formados por moradores do bairro que chegaram a fazer sucesso e tocar nas principais rádios da época como o grupo de samba Prego Duro; apresentações de teatro com atores do bairro com o grupo profissional de teatro popular da Fazenda Grande o GEAFRAGA. Ademais, fazia parte dos três dias de movimento e festa a corrida de jegue, o pau de sebo, apresentações de cordel, entre outras brincadeiras e manifestações.

Quanto ao aspecto político, além dos cartazes que os organizadores confeccionavam com os moradores dias antes da festa, os abaixo-assinados que entregavam aos secretários do governo contendo as principais reivindicações, havia também a participação de grêmios estudantis e de políticos de partidos clandestinos, opositores à ditadura militar que aproveitavam o movimento da festa para se manifestar contra o regime e unir forças no processo de redemocratização.

Dois dos convidados contaram suas experiências ao serem presos na época: um por estar em meio ao um movimento estudantil protestando contra o regime militar; o outro por defender um jovem que estava sendo preso em um desses movimentos e ter anotado a placa da viatura da polícia militar. Nesse momento, alguns estudantes expuseram o que pensavam sobre a volta dos militares ao poder executivo, considerando a atualidade do tema nas eleições de 2018. A participação dos estudantes, num diálogo reflexivo entre passado e presente demonstrou como a metodologia utilizada favoreceu a aprendizagem sobre o conteúdo da história e construção de saberes relacionados ao tempo presente.

Os depoentes convidados fizeram questão de chamar atenção sobre a importância da educação na formação de pessoas conscientes de seu papel de transformadoras da realidade em que vivem. Relacionaram a consciência histórica e política deles com a formação recebida dos padres italianos Renzo Rossi e Paulo Tonucci que utilizavam espaços da paróquia para discutir política com os jovens. Eles

lembraram que iam andando ao centro da cidade para comprar jornal e ficavam horas tentando sintonizar as rádios de outros países para ouvir programas que falavam de revoluções, a fim de aprenderem como fazer, já que esse era o sonho deles na época.

Chamaram atenção também sobre a importância da Associação de Moradores para um bairro que necessita de representação perante os poderes públicos e para o fortalecimento da luta coletiva. Defenderam a ideia de que o enfraquecimento desse tipo de associação começou a ocorrer desde a redemocratização em 1985, com a política assistencialista adotada por vários governos que passaram a utilizar as associações como local de distribuição de cesta básica. Assim, gradativamente, esses espaços passaram a ser procurados por motivos individuais e seu caráter coletivo e social foi desaparecendo.

Todos os convidados evidenciaram que os governos dos anos em que acontecia o movimento criaram diversas estratégias para por fim à festa. Isso porque aquela concentração de pessoas protestando de forma consciente pelos seus direitos era uma ameaça à permanência dos poderes constituídos. Assim, era necessário construir estratégias para a desarticulação desse movimento.

Devido ao número de perguntas e o tempo curto para a continuação de outras questões como a violência e a droga que impedem, segundo alguns estudantes, de os jovens lutarem, os convidados se colocaram à disposição para voltarem à escola em outros momentos para discutirem outros assuntos.

Durante as rodas de conversas foram surgindo outros temas de extrema relevância para a compreensão do movimento da “Festa do Lixo”, o que foi chamado por Paulo Freire de “temas de dobradiça”⁷². Dentre esses temas, foram discutidos sobre o momento político em que ocorreu a “Festa do Lixo”, a ditadura civil-militar brasileira, movimento social, o momento político atual do Brasil em que alguns brasileiros estão pedindo intervenção militar e o acúmulo de lixo em frente da escola. Os estudantes se manifestaram querendo entender como os convidados não temeram a repressão militar e foram para as ruas reivindicar melhorias para o bairro, se o regime militar foi um momento de repressão e perseguições; e por que atualmente está havendo pedidos para

⁷² “A introdução destes temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive, à dialogicidade da educação, de que tanto temos falado. [...]. A estes, por sua função, chamamos “temas dobradiça”. Pedagogia do Oprimido, p.161, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

a volta dos militares? E como poderiam fazer para resolver hoje o problema do acúmulo do lixo?

A discussão acerca do movimento social da “Festa do Lixo” nos possibilitou compreender a existência de equipamentos que ainda permanecem hoje no bairro como, por exemplo, posto de saúde, escolas, iluminação pública, saneamento básico e coleta diária de lixo, todos resultantes dos protestos presentes no movimento em questão. Ademais, inspirou os estudantes a desejarem, posteriormente, construir ferramentas para se resolver o problema do acúmulo de lixo nas portas das principais escolas do bairro, atualmente.

Convidados, estudantes, professores, professoras e funcionários se incorporaram ao círculo de cultura com seus saberes e experiências atentos a toda a discussão e intervindo quando necessitavam. Acreditamos que as rodas de conversas se tornaram espaços propícios para tomarem consciência de serem sujeitos históricos. Vale lembrar que os convidados enfatizaram a importância da educação na formação de cada um deles para que pudessem ter consciência de seus direitos como cidadãos e conseguissem realizar o movimento durante dez anos. Também, a nossa convidada Laura Arantes, primeira rainha do lixo e depois cantora de Axé, brilhou a noite do dia 8 de junho, com sua experiência junto ao movimento e, a pedido dos estudantes, encerrou cantando *Ilê de luz*⁷³.

Um fato interessante ocorreu após as rodas. Alguns estudantes nos indagaram se era verdade mesmo que aqueles convidados foram moradores do bairro, que nasceram, cresceram e estudaram ali e conseguiram tantas conquistas sociais e pessoais, devido a posição que cada um ocupa atualmente na sociedade. Essa preocupação dos estudantes nos chamou atenção para percebermos o quanto eles se encontram desacreditados de que são capazes de transformar a realidade deles. Confirmamos o que os convidados haviam dito durante as rodas - que somente a luta é capaz de mudar e que eles e elas não deixem ninguém dizer o que eles serão, pois “cada um de vocês podem ser o que quiserem, principalmente felizes”, foi com essas palavras incentivadoras e motivadoras que Valdenor Cardoso encerrou a sua fala na noite de 08 de junho de 2018.

⁷³ Canção composta pelo artista Carlos Lima “Suka”, em 1989, interpretada no disco Canto Negro por Caetano Veloso e Ilê Aiyê.

Na aula posterior às rodas de conversas, realizamos uma avaliação⁷⁴ dessa metodologia, que fora medida não por um modelo de classificação e pontuação, mas pela auto-avaliação a respeito da vivência no processo de ensino-aprendizagem do círculo de cultura recriado nas rodas de conversas, com enfoque na atuação de todos os participantes mediadora e educandos. Esta forma de avaliação possibilita a participação ativa de todos os envolvidos no processo, tornando-o coletivo, contextualizado e comprometido com a transformação da realidade.

A avaliação foi baseada em quatro pontos: (1) a importância de se conhecer a história do bairro; (2) o que os estudantes acharam sobre a metodologia da roda de conversas; (3) o que mais chamou atenção durante as etapas do processo; (4) o que poderia melhorar e se gostariam de outros momentos como esses com temas diversos.

As respostas⁷⁵ foram muito semelhantes. Todos reconheceram o quanto é importante conhecer o lugar em que a escola está inserida. Jaíne dos Santos (19 anos), do Eixo V A afirmou: “é o mesmo que conhecer a nossa história e que agora vai saber responder sobre o bairro quando alguém perguntar”. Quanto às rodas de conversas, todos gostaram muito da forma em que as carteiras foram posicionadas em círculo, por ter facilitado a movimentação e as discussões, além de mudar a aula expositiva, como comentou Ernanes de Jesus (35 anos), do Eixo V C: “uma aula assim diferente onde todo mundo fala é melhor do que quando o professor fica lá na frente falando sozinho e as vezes a gente não entende nada”. Os educandos desejaram que houvesse um tempo maior para as perguntas e que seria interessante fazer outros momentos com convidados para discutir temas variados. Jaíne dos Santos disse: “deveria fazer outras rodas de conversas, é muito interessante ter outras versões de pessoas que vivenciaram determinada época”.

O aluno Ernanes de Jesus comentou o quanto gostou dessa forma de interação com os convidados. Ficou nítida a importância dada pelos estudantes às atividades que potencializam a oralidade e o quanto valorizam a participação de todos de forma horizontalizada. Cabe destacar que, embora essa metodologia prime pela valorização das experiências, a figura do mediador é importante, considerando a necessidade de estabelecimento de conexões entre os saberes partilhados.

⁷⁴ Avaliações em anexo

⁷⁵ Respostas em anexo

A metodologia do círculo de cultura nos possibilitou compreender de que forma a “Festa do Lixo” ficou registrada nas memórias da “turma do final de linha”, proporcionando a reflexão sobre a festa como um movimento político, cultural e social. Ademais, os estudantes demonstraram com seus questionamentos e conclusões entendimentos acerca da realidade vivida, da condição social, política, econômica e cultural na qual estão inseridos, além de reconhecerem e valorizarem a “Festa do Lixo” como um bem cultural do bairro da Fazenda Grande do Retiro.

Figura 18: Encerramento da primeira Roda de Conversa⁷⁶



Fonte: estudante Neilson dos Santos (22 anos), 6 jun. 2018

⁷⁶ Da esquerda para a direita: professora Nadir Torres, professora Nivaldina Amaral, Sociólogo Ailton Ferreira, cantora Laurinha Arantes, professora Ana Paula Santos e professora Cristiane Barroso

Figura 19: Encerramento da segunda Roda de Conversa⁷⁷



Fonte: Neilson dos Santos, 8 jun. 2018

Figura 20: Estudantes e convidados na segunda Roda de Conversas



Fonte: Estudante Neilson dos Santos, 8 jun. 2018

⁷⁷ Da esquerda para a direita o aluno Gabriel Silva, Dalmo Santos, Valdenor Cardoso, professora Ana Paula e Waldemar Oliveira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos as aulas no Mestrado Profissional em Ensino de História, tínhamos a certeza que conseguiríamos encontrar “fórmulas mágicas” para tornar o ensino mais significativo e como adequá-lo ao cotidiano dos estudantes. Mas, após as primeiras aulas e leituras, fomos entendendo que não encontraríamos respostas prontas e definitivas, as quais sanassem todas as nossas angústias. Ao longo do curso, entendemos que poderíamos perseguir o caminho do cruzamento entre ensino e pesquisa, incentivando a pesquisa, a criatividade, o diálogo e a crítica, como salienta Demo (p.16, 1999): “pesquisa é o processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, [...]”. Foi exatamente com essa perspectiva que se constituiu esse estudo.

Para fins operacionais, traçamos como objetivo geral identificar a “Festa do Lixo” como patrimônio cultural imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, valorizando-a como conteúdo de ensino e aprendizagem nas aulas de História. Como desdobramento desse objetivo, foram construídos os objetivos específicos: a) compreender de que forma diferentes fatos históricos podem ser utilizados como recursos para dinamizar o ensino de História na sala de aula a partir da Educação Patrimonial; b) buscar documentos (escritos e orais) que legitimassem a “Festa do Lixo” como patrimônio imaterial do bairro Fazenda Grande do Retiro; c) destacar o caráter político e pedagógico da “Festa do Lixo”, enquanto movimento social; d) incentivar a criatividade, o diálogo e a crítica no processo de ensino e aprendizagem através dos Círculos de Cultura, possibilitando a sua renovação a cada ano letivo com novas pesquisas e abordagens; e) compreender de que forma, no contexto da ditadura civil-militar no Brasil, (1975-1985), jovens de um bairro da periferia de Salvador-BA conseguiram organizar e sustentar a “Festa do Lixo”, uma festa de protesto e reivindicações, durante dez anos consecutivos.

Embora realizada num prazo de vinte e quatro meses, ao findar a pesquisa concluímos que os objetivos foram atingidos e que, para além de uma atividade de escrita da dissertação, a pesquisa cumpriu a sua função social: a aprendizagem. Ao identificarmos coerência entre o que foi traçado nos objetivos geral e específicos, no contexto de prática pedagógica, foi percebida a importância da pesquisa participante, sobretudo quando ela emerge do “chão da sala” de aula. Dessa forma, compreendemos

que o ensino de História, desenvolvido a partir da presente pesquisa, contribuiu na formação de sujeitos críticos para com a realidade em que vivem, compreendendo, assim, a partir da metodologia dos círculos de cultura, aqui denominada “roda de conversa”, sobre a força do protagonismo da população não escutada pelo conhecimento histórico e de que todos têm vez e voz na história.

As diferentes técnicas utilizadas nas práticas pedagógicas do ensino da História como a análise de textos de jornais, exibição fílmica, aulas dialogadas, círculos de cultura, entrevistas, aulas de campo, dentre outras, possibilitaram aos estudantes compreender que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homens no vazio”. (FREIRE, 1983, p. 35-36). A compreensão de que a educação é um processo desenvolvido pelos seres humanos no movimento da sociedade não representou apenas um salto qualitativo registrado nesse texto dissertativo. Representou muito mais do que isso, tendo em vista experimentarmos a mobilização da totalidade da escola, considerado ponto positivo e transformador para os processos subsequentes de ensino e aprendizagem. Desde a equipe de educadores e estudantes, até funcionários dos diferentes setores, além da comunidade local entrevistada, o que representou ouvi-los nas suas experiências, compuseram o conjunto de forças sociais e profissionais para fins de educação escolar.

Através dessa metodologia, possibilitamos aos estudantes intensa participação em todas as etapas da pesquisa, discutindo temas, entrevistando, dialogando, analisando os jornais e atuando na construção de seu próprio conhecimento. Deste modo, a pesquisa foi além da aprendizagem dos conteúdos, pois possibilitou a construção de seus próprios conhecimentos, pesquisando, analisando, refletindo e interagindo com o grupo, enfim, sendo sujeitos históricos.

Acreditamos que essa prática nos permitiu contribuir para a formação de estudantes autônomos, críticos, reflexivos, responsáveis e construtores de sua própria história. Dessa forma, a pesquisa tornou-se uma construção coletiva, envolvendo, não somente docentes e discentes, mas também a comunidade escolar, já que houve a participação de educadores de outras disciplinas, pessoas da comunidade e funcionários nas rodas de conversas, realizadas nos dias 06 e 08 de junho de 2018, nas quais todos se sentiram integrados e interessados a intervir nas discussões a respeito da “Festa do Lixo”.

Os conceitos e conteúdos discutidos no processo de construção da pesquisa, como cultura, patrimônio, memória e movimento social estimularam os estudantes a debaterem sobre o que aconteceu no passado, mas também sobre o presente, já que, através da pesquisa sobre a “Festa do Lixo”, os educandos foram despertados para criarem soluções para resolverem o problema do acúmulo do lixo nas portas das escolas estaduais do bairro, projeto que será desenvolvido posteriormente.

Dessa forma, o trabalho de resgate da memória, através da participação dos antigos moradores do bairro e organizadores da “Festa do Lixo”, contribuiu para a compreensão dos estudantes sobre a história da comunidade em que vivem. A percepção de que o espaço foi produzido pelos seus antepassados ao longo do tempo poderá auxiliá-los no estabelecimento de uma relação entre história e cidadania, uma vez que, ao pertencerem àquele lugar, também são sujeitos de uma história a ser construída. Como podemos perceber nas palavras da estudante Laís Vitória da Silva Teixeira (20 anos), Eixo V C: “amei saber sobre o bairro e que tudo que temos hoje foi por luta, persistência, garra e força dos moradores que participaram da Festa do Lixo”.

Durante a pesquisa, período de muitas incertezas, desafios e conquistas, passamos por vários momentos difíceis para introduzirmos o ensino pela pesquisa, desde as dificuldades pelas quais precisam enfrentar os estudantes do turno noturno, devido a falta de tempo para irem a campo, até a falta de compreensão por parte de alguns deles sobre o significado da pesquisa, das discussões, da produção de vídeos, da leitura de jornais como aula de história, já que estão acostumados a aulas narrativas/expositivas e com a reprodução do conteúdo em uma avaliação.

Chegamos a ouvir da estudante citada anteriormente que não estava a fim de participar da pesquisa e que preferia copiar o conteúdo do quadro no caderno e depois fazer a prova, ser aprovada e concluir logo os estudos. Contudo, no decorrer do processo, essa mesma estudante foi sendo motivada e passou a se envolver com a pesquisa, mudando completamente a sua postura. Durante a auto-avaliação após as rodas de conversas, disse que gostou muito da metodologia e que deveria haver outros momentos como esses para discutir diversos assuntos.

Vale registrar que essa postura de valorização da metodologia não partiu apenas dos estudantes, mas também dos docentes que participaram das rodas de conversas, a exemplo da professora de matemática Cristiane Barroso que, no final da aula, nos convidou para montar uma roda de conversas sobre o processo eleitoral e dois dos

convidados presentes naquele momento disseram que estavam à disposição para voltarem à escola quando desejássemos. Dessa forma, acreditamos estar contribuindo para uma mudança na prática educativa dos docentes da Escola Dom Avelar Brandão Vilela.

Outro fato interessante que ocorreu nesses dois anos de pesquisa, foi o envolvimento da escola como um todo. Apesar de termos priorizado envolver diretamente na pesquisa os estudantes do turno noturno, Eixo V, os estudantes do diurno também pesquisaram sobre a “Festa do Lixo”, através de trabalhos interdisciplinares.

Em 2017, conseguimos desenvolver um projeto nesse nível para conhecer o bairro, no qual as disciplinas de História e Geografia ficaram juntas e construíram com os estudantes mapas individuais e panfletos para denunciar o acúmulo de lixo na frente das escolas. Em 2018, nesse mesmo turno foi realizado outro projeto interdisciplinar com o tema Meio Ambiente, no qual a disciplina de História trabalhou com Matemática o tema da “Festa do Lixo”. Durante o processo, os estudantes fizeram entrevistas com pessoas da comunidade e construíram uma revistinha (em anexo) sobre o movimento e, no dia da culminância, recriaram a “Festa” na sala de aula com panfletos contendo as principais reivindicações do bairro e um abaixo assinado para ser entregue ao Secretário de Saúde da cidade de Salvador para por fim ao depósito de lixo na frente das escolas.

Outro aspecto revelado nessa pesquisa foi em relação à Educação Patrimonial. Inicialmente compreendida pelos sujeitos como algo ligado aos monumentos e construções, passou por uma reelaboração desse conceito, enquanto metodologia, para uma valorização do ensino dialógico de História, que familiarizou os estudantes com a pesquisa, considerando suas vivências sociais, principalmente naquilo que ocorre no entorno da escola.

Observamos que a presente pesquisa não será finalizada nessas considerações, já que existem duas atividades em andamento “fruto” desse trabalho – os registros gravados pelos estudantes durante as rodas de conversas serão editadas para a elaboração de um documentário sobre a “Festa do Lixo”, para fazer parte do acervo da Escola Dom Avelar Brandão Vilela. Dessa forma, os educadores poderão utilizá-lo como apoio pedagógico em suas aulas sobre diversos assuntos: ditadura militar, movimentos sociais, meio ambiente e lixo, memória, patrimônio etc.

Além desse projeto, iremos organizar e editar uma revistinha em quadrinhos que os estudantes do turno matutino produziram acerca da “Festa do Lixo”⁷⁸ Durante a trajetória de pesquisa. Vale registrar que esses dois projetos não foram concluídos por falta de tempo suficiente para uma boa qualidade da execução e por falta de financiamento.

Vale registrar mais um dos resultados desse processo de construção do conhecimento – a Tirinha da História elaborada diariamente pelo sociólogo Ailton Ferreira e divulgada em redes sociais (WhatsApp e facebook), que no dia 08 de junho de 2018 foi em nossa homenagem:

Nesta quarta-feira acontece uma aula de cidadania. A história de luta do bairro da Fazenda Grande do Retiro começa a ser contada pelos seus protagonistas, a partir da Festa do Lixo.

Um projeto de pesquisa para o mestrado da UNEB, desenvolvido pela professora Ana Paula da Silva Santos, resgata e conta para a comunidade do bairro que ficou conhecido nas décadas de 70, 80 e metade dos anos 90, por suas lutas em defesa da democracia, do direito a ter direitos, traduzidas nas reivindicações por serviços de saúde pública, educação de qualidade, saneamento ambiental, segurança pública, transporte e lazer.

O movimento tendo à frente Waldemar Oliveira e outros moradores, através da Associação Beneficente, Educativa e Recreativa Unidos da Fazenda Grande, fundada em 1966, buscava politizar os moradores, ligando a falta dos serviços públicos elementares à pauta nacional que incluía a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, o que viria acontecer em 1988.

Nesse contexto, mais precisamente em 1975, surge um fenômeno revolucionário urbano, denominado de “A Festa do Lixo”, um movimento reivindicatório apoiado no processo lúdico de mobilização social.

Pois bem, o pano de fundo das aulas de história e cidadania que foram iniciadas hoje na Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, localizada na Rua Melo Moraes Filho, é a Festa do Lixo.

Na Fazenda Grande nós inventamos a Festa do Lixo, um evento público de protesto e alegria, no qual uma das rainhas da festa foi a cantora Laurinha Arantes, que depois tornou-se rainha do axé music na Banda Cheiro de Amor (a Fazenda Grande também dá sorte!).

Era uma época em que protestar significava correr riscos, apanhar da polícia, receber bombas de gás, perder o emprego e às vezes, perder a vida.

Lembro das mobilizações na base do “mosquitinho”, um panfleto feito no stencil a álcool, sabe como é?

Não tínhamos as facilidades das redes sociais.

E sabem o porquê da Festa do Lixo?

Reivindicávamos coisas absurdas, a exemplo de posto de saúde, escola pública, linhas de ônibus, pavimentação (asfalto) e eleições diretas para prefeito, governador e presidente.

⁷⁸ Ver em anexo a cópia da revistinha

Queríamos a democracia que chegamos a conquistar e que corre riscos. Mas a história não se repete, a não ser como farsa (K.Marx).
A Tirinha da História desta quarta-feira é dedicada à organização popular dos bairros, à luta de resistência das comunidades das Periferias que insistem em sobreviver ao massacre cotidiano. (WhatsApp, 08/06/2018).

Assim, diante dos resultados alcançados, reafirmamos o bem-sucedido processo educativo aqui aplicado como resultado de esforços e interesses coletivos, tanto no interior da escola, composto pela comunidade escolar (estudantes, professores, funcionários), quanto pela comunidade do bairro. O interesse de todos os participantes no projeto de pesquisa e aplicação na prática educativa partiu da mobilização de interesses sobre suas realidades e sobre conteúdos associados à história local. Também, recuperar a história da “festa do lixo” em especial, suscitou diversos questionamentos e encaminhamentos por parte de estudantes e comunidade, gerando um horizonte promissor para a consolidação de um modelo de educação voltado para a pesquisa, criatividade, o protagonismo, a participação interessada numa educação emancipadora.

Ao traçar as últimas linhas desse texto, percebemos o quanto nosso ingresso no Profhistória nos preparou não para salvar o mundo e a educação brasileira, mas para perceber o quanto somos persistentes no desempenho do nosso ofício e compreender como conseguimos nos manter por mais de vinte e cinco anos em sala de aula. A chave que revelou esse mistério foi a tomada de consciência de que é através da construção do conhecimento produzido em sala de aula e da vinculação inseparável entre pesquisa e ensino que nós, professores e estudantes, devemos e podemos continuar ensinando pela pesquisa e pesquisando para ensinar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AMARAL, Rita de Cássia. Festa à brasileira - **Significados do festejar, no país que "não é sério"**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado em Antropologia Social.
- AMMANN, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro. De frente para o Estado em busca do Parlamento**. São Paulo: Cortez, 1991.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- BOFF, Leonardo. **O caminho da Igreja com os oprimidos**. Ed. 2º Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81.
- _____. e BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**, 8º Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.13-66, 113-126.
- BRASIL, Ministério da Cultura. **Relatório de atividades IPHAN**. Brasília: Prática, 1998.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Proteção e revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil. Brasília: MEC/SHAN/Pro-Memória, 1980. [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Protecao_revitalizacao_patrimonio_cultural(1).pdf). Acesso em 02jan2018.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais-Pluridade Cultural e Sócio cultura brasileira**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 5º edição, São Paulo: Brasiliense., 1984.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa.** In: ROCHA, Helenice et al. **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado.** Rio de Janeiro: FGV, 2015.

_____. **Conversa e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998).** Passo Fundo. UPF, 2001.

_____. **Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo?** Fonte: NEMI, Ana Lúcia Lana; MARTINS, João Carlos. Didática de história. O tempo vivido: uma outra história? São Paulo: FTD, 1996, p. 55.

CHAUÍ, Marilena.. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Cultura e democracia.** En: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires : CLACSO, 2008.

_____. **Convite à filosofia.** 13 ed. São Paulo: Ática. 2005, p. 138.

DANTAS, Vera Lúcia. **Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular.**

Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf>. Acesso em: 27jun2018.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo,** 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na Expansão do Turismo: A Experiência Italiana.** 2a Ed. São Paulo: Arte&Ciência, 2005.

_____. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e Informação.** V 9, nº 1: p. 111 - í 17 - jan/jun. 2006.

_____. **As Festas Populares na Expansão do Turismo.** São Paulo: Arte & Ciência, 2001, p. 15.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um Lugar na Escola para a História Local.** Recife: ANPUH (texto mimeografado), 1995.

_____. **Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história.** In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, ANPUH / Marco Zero, vol. 13, nº 25/26, set 92/ago 93.

_____. **Memória e ensino de história.** In. Bitencourt, Circe(org). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Educação patrimonial: conhecer para preservar.** Disponível em:
<http://www.aprendebrasil.com.br>.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na Expansão do Turismo.** São Paulo: Arte & Ciência, 2001, p. 15.

FIGUEIREDO, Luciano. 2001. “A revolta é uma festa: relações entre protestos e festas na América portuguesa”. In: I. Jancsó; I. Kantor, Iris (orgs.). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** v. II. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial/Hucitec/ Fapesp: 264-276.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História:** Experiências, Reflexões e Aprendizados. Editora Papirus: São Paulo, 2003. **Coleção Magistério: Formação e Trabalho.**

_____. **Caminhos da História.** 3ed. São Paulo: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira.** Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na escola de Belas Artes de Pernambuco - RE, 1959.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 64 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e Mudança.** vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação Popular.** Gráfica e Editora Todos os Irmãos Ltda. São Paulo, 1984.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintral, - 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe.** In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, C. (Org.). A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 34-41.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Para chegar lá juntos e em tempo: Caminhos e significados da educação popular em diferentes contextos**. 21. Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 1998.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação** - II^a Série, Número 1, 2014.

_____. **Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. **Movimentos Sociais e Educação**. 6^o Ed. São Paulo: Cortez. 2005.

_____. **500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor**. Ver. Mediações, Londrina, v. 1, p. 11-40. Jan/jun. 2000.

_____. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 14mai2018.

_____. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Universidade Estadual de Campinas Universidade Nove de Julho. Revista Brasileira de Educação v. 16, n.47, maio-ago. 2011.

_____. **A Força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do **10^o Encontro Nacional de História da Mídia**, 2015. Disponível em: file:///D:/USUARIO%20ANDERSON/Downloads/GTMIDIMP_LAPUENTE-%20Rafael.pdf. Acesso em 28jun2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira & BEZERRA, Márcia (Orgs.). **Os caminhos do Patrimônio no Brasil**., Goiânia: Editora Alternativa, 194p. 2006.

MACHADO, Maria B. P. **Educação Patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio**. Caxias do Sul. Maneco Livr. & Ed. , 2004.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Educação Patrimonial: uma análise conceitual**. Centro Universitário Filadélfia- UniFil. Londrina-PR. p. 6 .13 a 16 de outubro de 2009.

MALTEZ, Camila Rodrigues et. al. **Educação e Patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural**. *Pedagogia em Ação*, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010.

MARIANI, Alayde Wanderley. **Patrimônio Cultural. In: Memória e educação. Caderno de Ensaios**, nº 1. Rio de Janeiro: IPHAN, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, 1993.

OLIVEIRA, Andréa Cristina de Jesus. **Movimentos Sociais Urbanos: um breve histórico**. Cadernos de Campo, n.6. 1999.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha e CRUZ Heloisa de Faria. **NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA**. Projeto História. São Paulo, n 35, p. 253-270, dez. 2007.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 02. n. 3, 1989, p. 3-15.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

QUEIROZ. **Guia de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984* [livro eletrônico]. Londrina: Edue, 2013.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. DOI: 10.5433/2238-3018.2015v21n2p83. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, jul./dez. 2015
83. **A aula de história: evento, ideia e escrita**.

SINGER, Paul e BRANT, Vinícius Caldeira (Orgs). **São Paulo: o povo em movimento**. Editora Brasileira de Ciências Ltda. São Paulo, 1980.

STRECK, Danilo Romeu. **Metodologias Participativas de Pesquisa e Educação Popular: reflexões sobre critérios de qualidade**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt06-3532.pdf>. Acesso em: 17jun2018.

Rezende, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil : repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984**, [livro eletrônico], Londrina : Edue, 2013.

TORRES, Tatiana C. P. & SCHIAVON, Carmen G. B. **Educação Patrimonial e o Ensino de História das Cidades**. Revista Memorare. Tubarão, SC, v. 2, n. 2, p. 52-71, jan./abr. 2015.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) **Caderno Temático 2. Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

VIEIRA, Lucas Schuab. **A imprensa como fonte para a pesquisa em História: Teoria e Método**. www.bocc.ubi.pt.

APÊNDICES

PLANO DE AULA

Tema: “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-Ba: Um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico.

Professora: Ana Paula da Silva Santos

Série: 8º e 9º Ano- EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Aulas previstas: 3 aulas de 40 minutos

Conteúdos: Patrimônio Cultural Imaterial e Movimentos Sociais.

I – Objetivo Geral: Promover uma reflexão acerca da “Festa do Lixo”, nos principais jornais de Salvador-BA (1975-1985).

II – Objetivos específicos:

- Compreender que as informações produzidas pelos meios de comunicação podem valorizar (exagerar) ou omitir determinados fatos atendendo interesses, opiniões e acordos.
- Proporcionar a reflexão sobre a “Festa do Lixo” como um movimento social de caráter político e cultural.
- Possibilitar aos estudantes o entendimento acerca do jornal como uma fonte histórica, construída socialmente e datada historicamente.
- Reconhecer e valorizar a “Festa do Lixo” como um bem cultural do bairro da Fazenda Grande do Retiro.

III – Contextualização

A discussão acerca do movimento social da “Festa do Lixo” nos possibilita compreender a existência de equipamentos existentes hoje no bairro como posto de saúde, escolas, iluminação pública, saneamento básico, coleta diária de lixo todos resultados dos protestos presentes no movimento em questão. Ademais, nos inspira a

construir ferramentas para resolvermos atualmente o problema do acúmulo de lixo nas portas das principais escolas do bairro.

IV- Procedimentos/Desenvolvimento

Primeira Etapa- Apresentação do tema, divisão da turma em duas equipes para leitura, interpretação e discussão com base nas questões norteadoras aqui planejadas.

Segunda Etapa: Apresentação e defesa das ideias de cada equipe.

Terceira Etapa: Elaboração escrita de sugestões para resolver o problema do acúmulo de lixo nas portas das escolas do bairro.

V – Recursos didáticos:

- Xerox dos jornais:
 - Tribuna da Bahia- 02/07/1984, p. 04.
 - Correio da Bahia- 02/07/1984, p. 05.
 - A Tarde- 04/07/1987, p. 24.
 - A Tarde- 05/07/1975, p. 05.
 - Tribuna da Bahia- 03/07/1976, p. 05.
 - Jornal da Bahia- 02 e 03/07/1977, p. 03.
 - A Tarde- 03/07/1979, p. 03.
 - Jornal da Bahia 02/07/1978, p. 03.
 - Correio da Bahia- 02/07/1982, p. 05.
 - Tribuna da Bahia- 15/09/1982, capa.
 - Jornal da Bahia- 03 e 04/07/1983, p. 02.
 - Jornal da Bahia- 03 e 04/07/1983, p.03.
 - Tribuna da Bahia- 02/07/1983, p. 03.

VI – Atividade avaliativa

- A avaliação será realizada de acordo com a participação dos educandos nas discussões sobre o tema, analisaremos o processo de construção do conhecimento, referente aos objetivos propostos.
- Questionário escrito.

-Questões

- Quais elementos presentes nos jornais demonstram que a “Festa do Lixo” era um movimento político contestatório e quais elementos demonstram ser um movimento cultural?
- O que motivou a mobilização da “Festa do Lixo”?
- Por que a “Festa do Lixo” se tornou notícia de jornal, durante dez anos, na mesma página dos principais jornais de Salvador ao lado da notícia das comemorações oficiais da Festa da Independência da Bahia?
- Quais elementos contidos na “Festa do Lixo” podem sustentar seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro?

VII – Referências

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBER

G, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**.

Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 set. 2012.

VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte para a pesquisa em História: Teoria e Método. www.bocc.ubi.pt.

PLANO DE AULA

TEMA: Educação Patrimonial.

PROFESSORA- Ana Paula da Silva Santos.

SÉRIE: Eixo V (8º e 9º)- EJA (Educação de Jovens e Adultos).

DURAÇÃO: 5 aulas de 30 minutos.

FILME: Os Narradores de Javé

PAÍS DE ORIGEM: Brasil

DURAÇÃO: 100 minutos.

DIREÇÃO: Eliane Caffé (2003)

SINOPSE

A pequena cidade Javé será submersa pelas águas de uma [represa](#). Seus moradores não serão indenizados e não foram sequer notificados porque não possuem registros nem documentos das terras. Inconformados, descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um [patrimônio histórico](#) de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a história da cidade - mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro, sabe escrever. Depois disso, o que se vê é uma tremenda confusão, pois todos procuram Antônio Biá, o escrivão da obra de cunho histórico, para acrescentar algumas linhas e ter o seu nome citado.

INTRODUÇÃO

Segundo o artigo publicado por Allana Pessanha de Moraes há uma necessidade de trabalhar o Patrimônio Cultural nas escolas, pois

[...] fortalece a relação das pessoas com suas heranças culturais; estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social. (MORAES, p.2).

Somente quando e sente parte integrante de uma cidade ou comunidade é que o indivíduo irá valorizar e preservar as suas referências culturais.

O uso de produções cinematográficas, além de ajudar na compreensão do conteúdo, torna-se uma alternativa à aula tradicional pelo fato de as imagens seduzirem os estudantes contemporâneos, devido suas vivências diárias com a tecnologia por toda a parte.

Utilizar um filme para ensinar conceitos históricos ajuda a despertar o interesse e a compreensão do conteúdo, além de, no caso específico, deste plano de aula, auxiliar na percepção sobre a importância do reconhecimento e valorização do patrimônio local.

O filme *Narradores de Javé* auxiliará na reflexão sobre lugares da memória, narrativas e história oral que tratam o patrimônio cultural articulado as identidades locais e a construção de memórias coletivas.

OBJETIVOS

- Reconhecimento de diversas versões de uma mesma história.
- Compreender os conceitos de: História Oral, Memória e Patrimônio.
- Reconhecimento e valorização do Patrimônio Histórico do bairro da Fazenda Grande com enfoque na “Festa do lixo” como Patrimônio Cultural Imaterial.

PROCEDIMENTOS/DESENVOLVIMENTO

Primeira etapa- Iniciar perguntando aos estudantes sobre suas ideias em relação aos conceitos de “história”, “memória” e “patrimônio”. Escrever no quadro as principais diferenças que surgirem em relação aos conceitos.

Segunda etapa- Em círculo debater e criar uma lista dos patrimônios mais significativos do bairro, ressaltando que os bens naturais (cachoeiras, matas e montanhas) e os imateriais (o folclore e festas), também constituem bens de uma localidade. Não apenas as construções (como casarios) são partes do patrimônio.

Terceira etapa- Exibir o filme.

TROCA DE IDEIAS

Após o filme, criar um círculo de conversas, tendo o professor como mediador, o qual buscará enfatizar as principais abordagens do filme como o valor da memória, a narrativa, o patrimônio local imaterial, fazendo uma ligação com o patrimônio histórico do bairro.

Ressaltar que alguns moradores acreditavam que o local não poderia haver algo de significativo, mas descobriram que as histórias contadas revelavam o seu maior patrimônio, destacando que o bairro onde vivem também possui patrimônios significativos.

RECURSO DIDÁTICO

Retroprojektor com computador integrado, filme, sinopse.

ATIVIDADE AVALIATIVA

- Análise em relação à participação do educando a partir de suas inferências nas atividades e assimilação do conteúdo relacionando-o com o patrimônio histórico do bairro.
- Questionário escrito.

QUESTÕES

- 01- O que você achou da abordagem do filme Narradores de Javé? Você notou que se trata de uma produção nacional com muito humor, mostrando como foco principal a construção da memória social, de um território, destacando uma certa época?
- 02- Você atentou para a importância de se registrar ou de preservar a história e a memória de um lugar antes que tudo venha a baixo e torne-se uma lacuna oculta ou caia no esquecimento para as gerações futuras?
- 03- Você notou no filme que o Antonio Bia teve dificuldades em escrever a história narrada pela oralidade. Você acha que as pessoas em seus contos e casos, traziam a eles fatos reais ou imaginários? Por quê?
- 04- Por que se afirma que o filme discute questões ligadas a memória histórica e suas “verdades”?
- 05- Do que você mais gostou nesse filme? Por quê?
- 06- Para os personagens do filme por que era importante resgatar a memória e escrever a História daquele vilarejo?
- 07- Como você considera a importância da memória para uma sociedade?
- 08- Qual a relação do filme com a disciplina História?
- 09- Qual a relação do filme com seu cotidiano?

REFERÊNCIAS

https://pt.wikipedia.org/wiki/Narradores_de_Jav%C3%A9#Sinopse

MORAES, Allana Pessanha de. *Educação Patrimonial nas Escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural*. Acessado em 09/05/2018. Disponível: <https://ensinodehistoriaepatrimonio.files.wordpress.com/2015/07/educac3a7c3a3o-patrimonial-nas-escolas-aprendendo-a-resgatar-o-patrimc3b4nio-cultural-e28093-allana-pessanha-de-moraes.pdf>.

MORAES, C.C.P. et. All. *O Ensino de História e a Educação Patrimonial: Uma Experiência de Estágio Supervisionado*. Revista da UFG. vol. 07, nº 02, dez. 2005. Disponível em www.proec.ufg.br.
https://www.youtube.com/watch?v=duCoCVG2tt8&has_verified=1

PLANO DE AULA

TEMA: Ditadura Militar

PROFESSORA- Ana Paula da Silva Santos

SÉRIE: Eixo V (8º e 9º)- EJA (Educação de Jovens e Adultos).

DURAÇÃO- 5 aulas de 30 minutos

TÍTULO DO FILME- Zuzu Angel

PAÍS DE ORIGEM- Brasil

GÊNERO- Drama

DURAÇÃO do filme: 103 minutos.

ANO DE LANÇAMENTO- 2006

DIREÇÃO: Sérgio Rezende

SINOPSE

Zuzu Angel (Patrícia Pillar) é uma estilista de sucesso que divulgou a moda brasileira em todo o mundo. Nos anos 70, Zuzu travou uma batalha contra a ditadura militar, devido ao desaparecimento de seu filho, Stuart (Daniel de Oliveira). Stuart participou do movimento estudantil nos anos 60 e depois entrou na guerrilha urbana contra a ditadura vigente. Após ser preso, ele foi torturado e assassinado por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica, sendo dado como desaparecido político. É quando Zuzu decide denunciar os abusos cometidos pela ditadura, chamando a atenção no Brasil e no exterior.

INTRODUÇÃO

O filme “Zuzu Angel” é uma reconstituição do período mais obscuro da história recente do Brasil: a Ditadura Militar, que durou 21 anos e praticamente destruiu a cultura, a liberdade e o sistema educacional do país.

OBJETIVOS

- Conhecer a estrutura política implantada pelo regime militar, expondo os efeitos dos atos institucionais que promoveram a perda de garantias e direitos individuais, perseguição e tortura.
- Analisar como os moradores da Fazenda Grande do Retiro conseguiram sustentar o movimento da “Festa do lixo”, durante dez anos dentro do contexto da ditadura militar (1975-1985).
- Promover a reflexão sobre as diferentes opiniões existentes em relação ao período iniciado em 1964.
- Promover a comparação entre a conjuntura político-social do regime militar e a atual.

PROCEDIMENTOS/DESENVOLVIMENTO

Primeira etapa- Questionar aos educandos acerca do que conhecem sobre a ditadura militar, a fim de ter um diagnóstico da temática.

Segunda etapa- Dá uma visão rápida e geral acerca da tensão e de alguns efeitos da luta armada e da repressão.

Terceira etapa- Explicar que o objetivo de se trabalhar com esse filme é para que os educandos possam compreender o contexto em que ocorreu o movimento social da “Festa do lixo”.

Quarta etapa- Exibir o filme.

TROCA DE IDEIAS

Após o filme, criar um círculo de conversas, tendo o professor como mediador, o qual buscará enfatizar as principais abordagens do filme, como o regime militar, a repressão, a falta de liberdade e de direitos civis.

RECURSO DIDÁTICO

Retroprojeter com computador integrado, filme, questionário.

ATIVIDADE AVALIATIVA

- Análise em relação à participação do educando nas atividades e assimilação do conteúdo relacionando-o com o movimento social da “Festa do Lixo”.
- Questionário escrito.

QUESTÕES

- 01- Que período do governo brasileiro é retratado no filme?
- 02- O que caracterizava esse período?
- 03- Como as pessoas que não se conformavam com o que estava acontecendo no Brasil, naquela, época procuravam se manifestar contra o Regime de Governo da Ditadura Militar?
- 04- O que acontecia com as pessoas que não se conformavam com essa forma de governo?
- 05- Por que o governo militar insistia em afirmar que não havia tortura no Brasil?
- 06- Quem eram os torturados e qual o motivo de suas prisões?
- 07- Qual a relação do filme com o movimento social da “Festa do lixo”?

"Festa do Lixo" na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA.

*Um patrimônio cultural imaterial e
seu caráter político – pedagógico.*



A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventadas. (Freire, 2001).

Autoria da imagem: Equipe do 7º Ano C, Matutino, Escola Dom Avelar
Brandão Vilela (Adaptado).

Entendemos por Educação

Patrimonial a prática de utilizar um bem cultural de um povo, como instrumento de ensino e aprendizagem, através da pesquisa podemos construir e trocar conhecimentos, a fim de entender e transformar a realidade dos educandos.

Dessa forma, o movimento social ocorrido na Fazenda Grande entre os anos de 1975 a 1985, intitulado "Festa do Lixo", está sendo objeto de pesquisa dos educandos da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, para que possam conhecer sua própria história e entender que a realidade histórica do seu bairro está vinculada com a cidade e o mundo.

Devido à importância histórica da "Festa do Lixo", faz-se necessário registrá-la e transmiti-la às futuras gerações da Fazenda Grande do Retiro, para que possam compreender de que forma, no contexto da Ditadura Militar no Brasil, seus moradores conseguiram organizar e sustentar uma festa de protesto e reivindicações, durante dez anos consecutivos.

Quer entender como tudo aconteceu? Saber como eles resolveram o problema da coleta de lixo?

Deseja resolver o problema do acúmulo de lixo nos portões das escolas do bairro atualmente?

Venha participar de uma roda de conversas com a "turma do final de linha", que esteve à frente da organização do movimento durante esses dez anos de luta: Waldemar Oliveira (advogado), Valdenor Cardoso (advogado), Ailton Ferreira (sociólogo), Laurinha Arantes (cantora) e o vice-presidente da Associação de Moradores Beneficente Educativa e Recreativa Unidos da Fazenda Grande, Dalmo Santos.

Tema: "Festa do Lixo" na Fazenda Grande do Retiro, Salvador – BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político – pedagógico.

Assuntos:

- Movimento social, cultural e político;
- Apoio da igreja com os padres italianos;
- Associação de moradores;
- ACM e o BANEJ;

Elementos da "festa":

- Alvorada;
- Missa;
- Rainha do lixo;
- Peças de teatro e cordel;
- Panfletos e cartazes;
- Enterro do lixo;
- Brincadeiras;
- Samba e barracas.

Você é nosso convidado!

O evento acontecerá na Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, às 19:00h, terça-feira, dia 29 de maio de 2018.

PLANO DE AULA

Tema: “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-Ba: Um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico.

Professora: Ana Paula da Silva Santos

Série: 8º e 9º Ano- EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Aulas previstas: 3 aulas de 40 minutos

Conteúdos: Patrimônio Cultural Imaterial, Ditadura Militar e Movimentos Sociais.

I – Objetivo Geral: Promover através da metodologia do Círculo de Cultura uma reflexão acerca de diversas versões da “Festa do Lixo” observando os sujeitos históricos com suas vivências e experiências, diferentes entre cada um, nas suas falas, na entonação, nas pausas e nos silêncios.

II – Objetivos específicos:

- Compreender de que forma a “Festa do Lixo” ficou registrada nas memórias da “turma do final de linha”.
- Proporcionar a reflexão sobre a “Festa do Lixo” como um movimento político, cultural e social.
- Possibilitar aos estudantes o entendimento acerca da realidade vivida, a condição social, política, econômica e cultural na qual estão imersos.
- Reconhecer e valorizar a “Festa do Lixo” como um bem cultural do bairro da Fazenda Grande do Retiro.

III – Contextualização

A discussão acerca do movimento social da “Festa do Lixo” nos possibilita compreender a existência de equipamentos existentes hoje no bairro como posto de saúde, escolas, iluminação pública, saneamento básico, coleta diária de lixo todos resultados dos protestos presentes no movimento em questão. Ademais, nos inspira a

construir ferramentas para resolvermos atualmente o problema do acúmulo de lixo nas portas das principais escolas do bairro.

IV- Procedimentos/Desenvolvimento

Primeira Etapa- abertura do Círculo de Cultura pelo mediador (educador), apresentando o tema e os convidados para expor suas experiências com a “Festa do Lixo”.

Segunda Etapa: Apresentação dos convidados, cada um terá 10 minutos para contar suas experiências, suas memórias.

Terceira Etapa: O mediador abre para a participação dos educandos, seja contribuindo narrando suas experiências ou fazendo perguntas acerca do tema.

Quarta Etapa: Os convidados respondem as perguntas e na sequência o mediador faz as considerações finais.

V – Recursos didáticos:

- microfone, retroprojektor, computador e atividade xerografada.

VI – Atividade avaliativa

- Análise da participação dos educandos nas discussões sobre o tema e no processo de construção do conhecimento, referente aos objetivos propostos.
- Questionário escrito.

Questões

- 1- O que motivou a mobilização da “Festa do Lixo”?
- 2- Por que a “Festa do Lixo” se tornou notícia de jornal, durante dez anos, na mesma página dos principais jornais de Salvador ao lado da notícia das comemorações oficiais da Festa da Independência da Bahia?
- 3- Quais elementos contidos na “Festa do Lixo” podem sustentar seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro?

- 4- Qual a contribuição da Igreja Católica na formação dos jovens da Fazenda Grande do Retiro no contexto da Ditadura Militar?
- 5- Quais as principais reivindicações, exigidas pelos moradores no período da “Festa do Lixo”?
- 6- Qual a importância da Associação de moradores na organização do movimento da “Festa do Lixo”?
- 7- Por que uma “festa pacífica” realizada num bairro de periferia tanto incomodava ao poder público?
- 8- Quais as estratégias utilizadas pelos poderes públicos para acabar com a “Festa do Lixo”?
- 9- A quem interessa o esquecimento e silenciamento da “Festa do Lixo” na sociedade?

VII – Referências

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**.

Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 set. 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. Recife, 1959.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**– São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

ANEXOS

JORNAL DA BAHIA 02/07/1979 CADERNO 01 p. 03

a convite do Departamento de Turismo da Prefeitura.

moradia, mas disse que poderia colocar algum enfeite na sua janela.

Retirada do lixo, festa para a Fazenda Grande

A já tradicional "Festa da Retirada do Lixo", comemorada pelos moradores da Fazenda Grande, chega ao seu quarto aniversário com intensas programações, tanto na área festiva quanto reivindicatória. Durante os dois dias de festa, ontem e hoje, eles aproveitam o tempo disponível entre as brincadeiras e o "sambão", para se reunirem e identificarem as principais necessidades do imenso bairro onde vivem, e encaminharem as formas de reivindicá-las aos órgãos competentes. Atualmente, exigem a abertura de um posto médico e a recuperação da Escola Prazeres Calmon:

O "Lixão", que motivou a festa, já não existe, pelo menos na rua principal — Melo Moraes Filho — apesar de persistir nas inúmeras transversais que, salvo raras exceções, não possuem nem mesmo calçamento ou esgotos. Hoje em dia, a "festa do lixo" é apenas um "pano de fundo" para alertar as autoridades sobre os problemas de um dos bairros mais populosos da cidade, para o qual "existe um descaso muito grande da Prefeitura, o que demonstra uma contradição entre o que o prefeito está alardeando, de que vai dar tratamento especial aos bairros populares", frisou o presidente da Associação Beneficente e Recreativa da Fazenda Grande.

RAINHA DO LIXO

Entre os festejos, diversas brincadeiras estão preparadas para hoje, pois ontem o ponto alto foi a "festa de largo", com duas barracas armadas para atender aos adeptos da cerveja e dos tiragostos. Entre as programações haverá o concurso da "Rainha do Lixo", título não muito simpático, mas que não representa nenhuma ofensa para as candidatas, e em especial para a vencedora, pois não se considera o fator estético, para a escolha, e sim a participação efetiva na organização da festa.

Ontem pela manhã, em meio aos preparativos para a festa, os organizadores explicaram satisfeitos que desta vez São Pedro não os pegou de surpresa, pois, já preparados para a tradicional chuva de todos os anos, confeccionaram as bandeirolas com plásticos coloridos, imunes a qualquer "toró de lágrimas de São Pedro".

Valdemar Oliveira, presidente da Associação dos moradores da Fazenda Grande, conta as dificuldades que encontraram para organizar a

festa: — "Nos anos anteriores, a Prefeitura fornecia a iluminação e um caminhão de areia. Esse ano, apesar de termos encaminhado um ofício ao Departamento de Festas Populares, não fomos atendidos, o que mostra a contradição entre o que o Prefeito está anunciando, ou seja, de dar um tratamento melhor aos bairros populares. Temos certeza de que se fosse na Graça ou na Barra, seríamos atendidos".

Para os organizadores do festejo, as reivindicações mais prementes para o bairro são: instalação de um posto médico e recuperação da Escola Prazeres Calmon, em Pitangueiras, no fim de linha da Fazenda Grande, e a urgência de um posto médico, devido a total inexistência de casas de saúde, tanto no bairro como também em São Caetano e Capelinha, onde os moradores enfrentam os mesmos problemas e precisam se deslocar para a Liberdade — cujo posto já está sobrecarregado. A situação ainda é mais grave se considerarmos a extensão e a população que esses bairros envolvem.

Sobre a recuperação da Escola Prazeres Calmon, desativada desde 1971, quando foi utilizada pelos desabrigados que lá permaneceram até o ano passado, ainda existem algumas dificuldades, porque ela está abandonada e servindo de oficina e estacionamento de veículos, sem qualquer vigilância, ocasionando roubos que pioram o seu péssimo estado de conservação. No bairro existem apenas três escolas do 1º grau, e promessas de implantação do 2º grau em uma delas, apesar de até o momento não existir nada de concreto, segundo assegurou Valdemar Oliveira, ou "Vavá", como é conhecido pelos vizinhos. Na opinião dos moradores, que sofrem constantemente com a falta de escolas, a reativação da Prazeres Calmon viria solucionar, em parte, a grande carência de vagas.

Na reunião que a Associação promoverá hoje pela manhã, com o maior número de moradores possível, pretende-se elaborar um documento, em forma de abaixo-assinado, contendo as duas reivindicações que consideram primordiais para o momento, e conforme a opinião da maioria serão enumeradas diversas outras precariedades da Fazenda Grande, para serem cedidas por uma comissão aos órgãos competentes — Prefeitura, Secretaria de Educação e de Saúde.

A festa hoje começará com uma "Alvorada Festiva", às cinco horas da manhã, seguindo-se as rodas de samba e brincadeiras populares, no trecho compreendido entre o terminal de ônibus e o Retiro.

JORNAL DA BAHIA 03 E 04/07/1983 CADERNO 01 p. 03

Violência policial na "Festa do Lixo"

O tradicional protesto pacífico dos moradores da Fazenda Grande, a "Festa do Lixo", foi interrompido na madrugada de ontem com desmaios de susto, pessoas acordando sobressaltadas com gritos de dor, e prantos generalizados. E que, sem que houvesse qualquer motivo além dos batucos naturais das festas de largo, um caminhão do Pelotão de Choque da Polícia Militar chegou à Rua Melo Moraes Filho, onde se concentravam os festejos, e acabou com a festa jogando bombas de gás lacrimogêneo, atirando para o alto e espancando violentamente aqueles que tentaram fugir do local, que ainda foram levados presos para a delegacia da Liberdade.

A "Festa do Lixo", que vem sendo realizada há sete anos consecutivos, continuou ontem e ainda hoje, por decisão da própria comunidade, apesar de o comandante do Pelotão de Choque, tenente Matos, ter determinado aos barraqueiros que recolhessem seus apetrechos e fechassem as barracas. Depois de prestarem socorro às pessoas machucadas ou desmaiadas, levando-as para postos médicos e hospitais de bairros vizinhos, os moradores decidiram que vão continuar com o protesto. Apenas uma barraca, entre mais de trinta, foi desarmada.

Por ironia, o protesto da comunidade de Fazenda Grande este ano foi organizado para reivindicar um posto médico para o bairro (já existe apenas uma clínica particular que atende conveniados) e uma área de lazer. No momento da violência, as feixas, cartazes e bandeiras ainda não tinham sido colocadas nas ruas, o que foi feito ontem por volta do meio-dia, quando



Waldemar Oliveira condenou a agressão

o efeito do gás ainda fazia as pessoas chorar. Os barraqueiros, na maioria moradores do próprio bairro, além de alegar o direito de fazer festa "porque ninguém é vagabundo", dizem que investiram o dinheiro que tinham em bebidas e comidas, e precisam vender as mercadorias.

A "Festa do Lixo" é organizada pela Associação dos Moradores Unidos da Fazenda Grande e pelo vereador do PM-DB, também morador do bairro, Waldemar Oliveira. Ainda atordoadas pelo susto, pessoas que nunca viram antes uma bomba de gás ou nunca assistiram a uma repressão policial, a não ser pela televisão, protestavam contra a violência dos policiais do Pelotão de Choque e falavam em "telefonar para o Exército para não permitir que o povo seja agredido daquela maneira, só porque fazia uma festa de largo. Parecia que elas estavam vendo um bando de comunistas reunidos", disse dona Neuza de Sousa Ribeiro, 66 anos, há 30 anos morando no bairro.

O comerciante José Pereira disse que estava dormindo e acordou sufocado com a fumaça do gás. Sua reação foi fechar a porta, levar as crianças para o quarto e ligar o ventilador. Dona América Lopes dos Santos, que trabalha numa das casas da rua como doméstica, garante que não houve morador que não chorasse com o gás, "fora os que têm filhos e gritavam pelos seus nomes nas ruas". No seu desabafo, dona América não sabe porquê da bomba de gás e observa que "em ladrão que anda por aí, ninguém joga bomba".

Antônio Abraão, morador do número 140, conta que também estava dormindo na sala, sua mulher assistia à televisão e os quatro filhos, ainda crianças, dormiam. Ele teve que ser levado para o Hospital Simões Filho (antigo Santa Terezinha) e estava ontem ao meio-dia ainda com os olhos inchados. Antônio Abraão chegou a conversar com o tenente. "Pedi a ele que não jogasse mais tiros nem desse mais tiros perto de minha casa, porque se alguma coisa acontecesse com minha

família eu ia responsabilizar eles. Foi uma estupidez o que fizeram aqui e o governador precisa saber disso".

Cirlene Neri Rosa de Oliveira, moradora da travessa Caetano Velloso, acordou sobressaltada com gritos de um homem em sua porta. Ela está grávida de quatro meses e ontem estava com início de aborto, em consequência do susto. Ela conta que o rapaz gritava "eu tenho documentos", enquanto cinco homens do Pelotão de Choque chutavam e batiam de cassetetes".

Ontem, toda a comunidade da Fazenda Grande estava também preocupada com as pessoas que foram levadas presas, porque tinha os nomes de apenas três delas, que foram liberadas por volta das 9 horas. Waldemar Oliveira disse que telefonou para o quartel do Batalhão de Choque e conversou com o oficial do dia, tenente Genivaldo, que lhe garantiu não ter havido nenhuma determinação de acabar com a "Festa do Lixo". O vereador disse que a associação do bairro vai fazer um documento relatando os fatos e encaminhá-lo ao secretário de Segurança Pública, Coronel Bião Luna.

Segundo ele, a associação solicitou policiamento para a festa, para garantir a integridade dos participantes e os moradores foram surpreendidos pelo Pelotão de Choque. Waldemar disse que tentou conversar com o tenente Matos, que chefiava a operação, e este respondeu às suas perguntas mandando que o soldado jogasse mais bombas. Depois o tenente argumentou que os ônibus estavam sendo apedrejados, o que foi negado pelos moradores.



IPAC e

**Solar
será
den**

Dentro d
Solar do
Convênio n
ção Cultura
trimônio A

As obras
cerca de C
mão-de-obr
da Fundaçã
arquitetônica
Museu de A
as oficinas
permitirá q
vez, sem in

O convên
espaço do S
preservar o
espaços cult
zendo um e
próximos ac
um mirante
pública. Nes
turas, com
baianos.

A solenid
sexta-feira,
da Fundaçã
do IPAC, B
Francisco L
Artes Plásti
Reis.

**Desp
praz
para**

Os despaci
prazo até o
ciamento. A
que for encu
nas imediaç
presa, e lev
Roubos para
A informa

CORREIO DA BAHIA 02/07/1982 CADERNO 01 p. 05

que hoje o carnaval perdurará até a madrugada. Na rua da Legalidade, o asfalto está decorado com os retratos de Telê, Sócrates e Zico, que foram feitos pela pintora Rita Fragoso. Existe ainda o desenho da taça dentro de um coração simbolizando o Brasil e as bandeiras dos países que irão ainda disputar com o Brasil. Segundo a organizadora da festa, Graça Fragoso, o Brasil é um país que merece toda a admiração.

Na Rua da Legalidade

DE TODOS

Fragoso disse que não é de um todos os momentos. No entanto, ao Colégio L... ceu as tintas e todos os decorações de colaboradores. goso, Paulo Carvalho,inho e Heler contribuíram grande real...

Limpurb apóia Festa do Lixo

Responsabilizando-se por toda a limpeza e também a lavagem do largo da Fazenda Grande nos quatro dias de festa, a Limpurb apóia a comunidade do bairro na realização da tradicional "Festa do Lixo", que começou ontem e vai até domingo. Várias barracas já estão armadas para a festa, que tem também um palanque para apresentação de artistas e conjuntos folclóricos. Antes de começar a armação das barracas, a Limpurb fez uma limpeza completa no largo. A Festa do Lixo vem sendo promovida há sete anos, tendo origem eminentemente popular: para ironizar o serviço de limpeza pública da época, a própria população do bairro resolveu acabar, festivamente, com um monte de lixo que se acumulou, durante meses, em frente a uma gráfica.

Centro debate

E diversos terminais contam com televisores

A Secretaria de Saúde assinou contrato ontem

O IAPAS assinou um contrato ontem de Saúde para cessão de uma área de 5. drados, na avenida Luis Viana Filho, o central de ambulâncias

TRIBUNA DA BAHIA 03/07/1976 CADERNO 01 p. 05

"FESTA DO LIXO" COMEMORADA AO LADO DE UM MONTE DE PROBLEMAS

Os moradores da rua Melo Morais Filho, fim de linha da Fazenda Grande do Retiro, comemoraram ontem o 2 de Julho de maneira diferente do resto da cidade. Enquanto no centro de Salvador os desfiles marcavam a passagem de mais um ano da Independência do Estado, numa rua sem asfalto, esburacada e cheia de lama, seus moradores também marcavam uma data que agora consideram "cívica" do bairro: o primeiro aniversário da retirada do lixo que fechava toda entrada da artéria.

As constantes idas à Prefeitura em busca de solução, o mau cheiro permanente e uma tonelada de lixo, que foram abolidos da vida dos moradores da Melo Morais Filho, mereceram para eles uma forte comemoração que começou às seis horas com alvorada e queima de fogos, um sambão com churrasco às 10 horas, feijoada ao meio-dia, pau de sebo, corrida de saco e quebra pote à tarde. Para não esquecer o motivo da festa, outra grande quantidade de lixo foi transferida para a frente da Imprensa Oficial da Bahia.

Valdemar Santos Figueiredo, um dos organizadores da "Festa do Lixo", explicou tudo: "Nós vivíamos ilhados pela grande quantidade de lixo que se amontou na entrada da rua. A Limpeza Pública não mandava caminhões para vir apanhar. Tentamos várias vezes com o prefeito e nenhuma solução foi tomada. Então, em forma de protesto no ano passado, resolvemos transferir todo o lixo da rua para a frente da Imprensa Oficial. Foi no dia 2 de julho, por isto hoje estamos comemorando".

"FESTA DO LIXO"

Apesar da lama e da água que se acumulou em toda extensão da rua Melo



Povo sem lixo é povo festivo

Morais Filho, o local estava animado: bandeirinhas coloridas e palhas de coqueiro enfeitavam os postes. Na entrada da rua uma faixa com letras bem fortes: "Viva o primeiro aniversário da retirada do Lixo". Uma palhaça foi armada e quando o regional de "João Taboca" — figura popular — chegou, a animação aumentou, não faltando a batida de mangaba e o churrasco.

Valdemar explicou que a idéia da "Festa do Lixo" surgiu dos moradores mais antigos, que há muito sofriam com o lixo que se acumulava no local. Eles queriam lembrar o ano passado quando todos se reuniram, juntaram dinheiro, transferiram o lixo e depois compraram quatro caminhões de arenoso para colocar na lama fétida.

"O movimento contou inicialmente com 10 ou 20 pessoas, mas depois todos se juntaram e demos um duro danado. Houve intervenção da Polícia Militar, querendo impedir nosso trabalho. Eles queriam que o lixo continuasse no mesmo lugar. Depois, quando já estávamos acabando tudo, chegaram três caminhões da Limpeza Pública para retirar toda sujeira da frente da Imprensa Oficial, o que prova que não é falta de condições e sim má vontade deles. Ficou estabelecido que ninguém jogaria mais lixo no local antigo, mas na frente da Imprensa Oficial. O problema, apesar do acordo, continuou. Veio um fiscal da Prefeitura tentando impedir que o lixo fosse colocado lá, querendo que tudo voltasse a ser como antes".

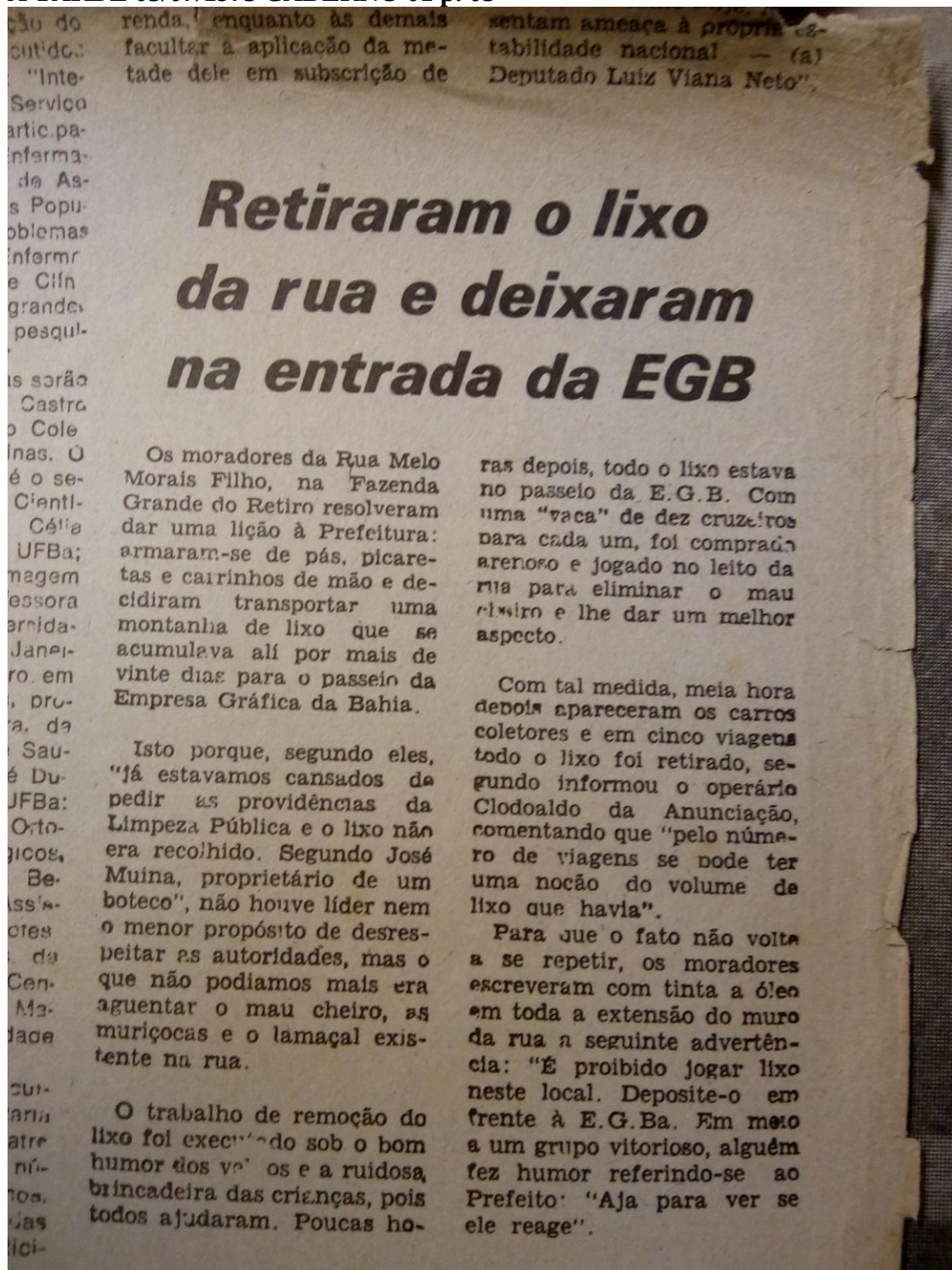
DESCASO DA PREFEITURA

Os moradores da Melo Morais Filho não têm apenas o lixo como problema. Eles dizem que, apesar de existir uma sociedade de bairro, nenhum problema é solucionado por ela: "Lá só se joga dominó. Quem tem de fazer tudo mesmo são os moradores, em comissão". Valdemar contou que vários apelos já foram feitos à Prefeitura, para sanar o problema. Ele contou que durante algum tempo Jorge Hage cumpriu o prometido, mandando caminhões da Limpeza Pública. Em meados de junho do ano passado, voltou tudo ao estado anterior com o lixo atingindo proporções de uma tonelada, com toda sorte de animais mortos em decomposição, fedentina e muriquoca.

Valdemar citou ainda, como problema local, a falta de água: "Só à noite é que conseguimos um pouco". A solução foi fazer reservatórios nas casas, mas salientou que a maioria é pobre e não teve condições para construir tanques. Além disso, não existem escolas primárias ou ginásio. Os alunos da Escola Prazeres Calmon, que serve agora de moradia para os desbragados da chuva, ficaram sem aulas durante um ano, e agora só têm uma hora e meia de aula por dia. O ginásio funciona somente à noite e em condições precárias.

Há quinze dias foi entregue um documento à Prefeitura pedindo solução para o problema de transportes, que também é muito deficiente. Além disso, à noite a rua fica escura, pois o Departamento de Iluminação não se interessa de mudar as lâmpadas queimadas. Não existe policiamento e até hoje o problema de assaltamento da rua não foi resolvido.

A TARDE 05/07/1975 CADERNO 01 p. 05



Retiraram o lixo da rua e deixaram na entrada da EGB

Os moradores da Rua Melo Moraes Filho, na Fazenda Grande do Retiro resolveram dar uma lição à Prefeitura: armaram-se de pás, picaretas e carrinhos de mão e decidiram transportar uma montanha de lixo que se acumulava ali por mais de vinte dias para o passeio da Empresa Gráfica da Bahia.

Isto porque, segundo eles, "já estávamos cansados de pedir as providências da Limpeza Pública e o lixo não era recolhido. Segundo José Muina, proprietário de um boteco", não houve líder nem o menor propósito de desrespeitar as autoridades, mas o que não podíamos mais era aguentar o mau cheiro, as muriçocas e o lamaçal existente na rua.

O trabalho de remoção do lixo foi executado sob o bom humor dos vizinhos e a ruidosa, brincadeira das crianças, pois todos ajudaram. Poucas ho-

ras depois, todo o lixo estava no passeio da E.G.B. Com uma "vaca" de dez cruzeiros para cada um, foi comprado areoso e jogado no leito da rua para eliminar o mau cheiro e lhe dar um melhor aspecto.

Com tal medida, meia hora depois apareceram os carros coletores e em cinco viagens todo o lixo foi retirado, segundo informou o operário Clodoaldo da Anunciação, comentando que "pelo número de viagens se pode ter uma noção do volume de lixo que havia".

Para que o fato não volte a se repetir, os moradores escreveram com tinta a óleo em toda a extensão do muro da rua a seguinte advertência: "É proibido jogar lixo neste local. Deposite-o em frente à E.G.Ba. Em nome de um grupo vitorioso, alguém fez humor referindo-se ao Prefeito: "Aja para ver se ele reage".

1. Igreja católica Dom Grego Brandão Velho
 Pluma = háis 250
 professora =
 Juma = 50

2. Pessoas que moram a mais de 40 anos

3. Você já ouviu falar sobre a festa do lixo da
 Fazenda Grande do Retiro?

4. Nome: Maria Lelide

Idade: 56

Endereço: Travessa São Roque

Tempo que mora aqui: 50 anos

Sim ()

Não (X)

Obs: Nunca ouviu falar da festa.

Nome: Nivaldina

Idade: 62

Endereço: Vila natal

Tempo que mora aqui: 50 anos

Sim (X)

Não ()

Obs: já ouviu falar, mais já faz anos que ouviu
 falar

Pessoas que moram aqui a menos de 20 anos

Você já ouviu falar sobre o festa do lixo aqui na Fazenda Grande do Retiro?

Nome: Karina

Idade: 22

Candeeiro: Mandimho

Tempo que mora aqui: 19 anos

Sim ☒ Não ☐

Obs: Já ouviu falar dessa festa, e que queria ter participado, pois acha muito interessante.

Nome: Yagueline

Idade: 24

Candeeiro: Rb natal

Tempo que mora aqui: 15 anos

Sim ☐ Não ☒

Obs: Nunca ouviu falar, nem sabia que tinha festa do lixo.

Alimara de C. Silva
Turma = Lixo SC

21 05 18

"Pesquisa de História"

- Perguntar a 4 pessoas que moram na Fazenda Grande do Retiro se já ouviram falar da festa do Lixo? Duas que moram a mais de 40 anos e duas que moram menos de 20.

1ª Pessoa

Sim ()

Não (X)

Nome: Sueli de Carqueira Silva

Idade: 48

Endereço: 1ª Travessa Pacheco de Oliveira

Moradia: 40 anos

2ª Pessoa

Sim ()

Não (X)

Nome: Eliana Mendes Carqueira

Idade: 39

Endereço: 1ª Travessa Pacheco de Oliveira

Moradia: 13 anos

3ª Pessoa

Nome: Maria Edmilides Alves

Idade: 47 anos

Endereço: 1ª Travessa Pacheco de Oliveira

Moradia: 39 anos

Sim () Não (X)

Bem Amigos Brindes
 Prof. Ana Paula
 Aluna Ana Luiza, Rafael dos Santos

11.06

Atividade

01- Qual a importância de conhecer a história do lugar em que a escola está inserida? É importante saber a história do bairro que eu vivo pois muita coisa vem sendo esquecida e eu quero muito saber mais sobre a história da minha cidade.

02- O que você achou da roda de conversas, da forma como foi organizada, a roda de conversa que você fez bem sobre um pouco sobre a história da cidade e gostei muito do que aconteceu.

03- O que mais lhe chamou atenção nesse processo? O que poderia melhorar? A importância da luta pelos nossos direitos. Acho que não mais poderia melhorar.

04- Poderia haver outras momentos como esse roda de conversas, outras vezes sobre assuntos diferentes? Porque? Claro sim, porque é a história do meu bairro. E gostei muito de saber que existia.

credeal

IIº

data

Episódio 2 com Priscila Vilela
 Livro: História
 Série: 2º e 8º FICXO 5C

Paulina

HISTÓRIA

Atividade

- 01 Qual a importância de conhecer a história do lugar em que a escola está inserida?
 Porque é uma história de um bairro que os-
 pessoas lutam pela igualdade social.
- 02 Você acha da roda de
 conversas, da forma como foi organi-
 zada? Eu achei o assunto muito inter-
 ssante que fala da luta do lixo da Favela grande
 do Petróleo por um bairro e guernição
- 03 O que mais lhe chamou atenção nesse
 processo? O que poderia melhorar?
 O que mais chamou atenção foi esta luta-
 rada, desorganizada na porta da escola.
 O como deveria fazer a coleta mais vezes
- 04 Você acha que deveria ocorrer outros
 momentos como esse da roda de
 conversas, outras vezes sobre assuntos
 diferentes? Se sim, em que?
- Sim, para que as pessoas saibam, módulos -
 Policial, nos bairros, e mais portas de saída
 mais redes nos bairros, nos escolas mais
 equipamentos básicos, mais saúde para população
 mais redes de esgoto etc

Jaime

Perguntas

1º Durante os 10 anos de "Festa do Pixo" alguma das reivindicações foram cumpridas?

2º Durante alguns anos, a prefeitura forneceu iluminação e um caminhão de areia. Segundo o "Jornal da Bahia" do ano de 1979, não houve mais esse fornecimento. Por que isso ocorreu?

3º Segundo o "Jornal da Bahia" de 1979, iria ser elaborado um documento tipo um traço-assinado contendo duas reivindicações. Esse traço-assinado deu certo?

Afinidade

1º Qual a importância de conhecermos a história do lugar em que a escola está inserida? Por quê?

Conhecemos a história do lugar onde a escola está inserida e basicamente o mesmo que estamos estudando a nossa história. É importante sabermos o que nossos "antepassados" sofreram para nos entregar tudo que nos foi dado, mesmo ainda tendo o que conhecer através de muitas coisas para melhorar.

2º O que você achou da roda de conversas, da forma como foi organizada?

Foi ótimo, toda a história passada a nós, todo conhecimento, algumas das nossas dúvidas foram

sonados.

3º O que mais lhe chamou atenção nesse trabalho?
O que poderia melhorar?

O trabalho como um todo foi muito interessante. Com ele podemos aprender ainda mais sobre o Brasil em que vivemos.

4º Você acha que deveria ocorrer outros momentos como esse da roda de conversas, durante o ano letivo? Por quê?

Sim, deveria ocorrer outras rodas de conversas. É muito interessante ler outras versões de pessoas que viveram determinada época/momento e passar para nós a visão delas da história.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DO PROFHISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
 HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE
 SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (____) _____ / (____) _____ /

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “FESTA DO LIXO” NA FAZENDA GRANDE DO RETIRO, SALVADOR-BA. UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E SEU CARÁTER POLÍTICO-PEDAGÓGICO.

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Ana Paula da Silva Santos

Cargo/Função: Mestranda

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-Ba: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico, de responsabilidade da pesquisadora Ana Paula da Silva Santos, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo - identificar a “Festa do Lixo”

como Patrimônio Cultural Imaterial do bairro da Fazenda Grande do Retiro, valorizando-a como instrumento de ensino e aprendizagem nas aulas de História.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como o conhecimento de parte da História do bairro da Fazenda Grande do Retiro. Caso aceite o Senhor (a) participará de uma metodologia chamada de Círculos de Cultura, ou seja, uma roda de conversas com os estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos), do turno noturno, da Escola Estadual Dom Avelar Brandão Vilela, sobre a história de uma festa intitulada “Festa do Lixo” que aconteceu durante dez anos (1975-1985), no referido bairro e esses momentos serão gravados via celular para posterior análise dos dados e criação de um vídeo pela aluna Ana Paula da Silva Santos do curso de pós-graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História. Devido à coleta de informações o (a) senhor (a) poderá lembrar-se de momentos difíceis em que o bairro onde morava necessitava de infraestrutura como a coleta de lixo em todas as ruas e de momentos divertidos, nos quais festeja com seus amigos as conquistas de melhorias para o bairro. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr (Sr^a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Ana Paula da Silva Santos

Endereço: Rua Padre Daniel Lisboa, ED. Lara, Ap. 1501, Daniel Lisboa, Salvador-BA. CEP: 40283-560. **Telefone:** 71 988018010. **E-mail:** paula.ike@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-

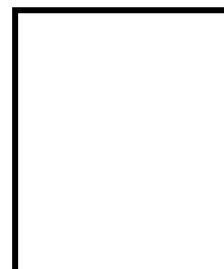
BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.



Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)



**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP**

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

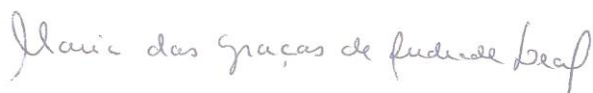
Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Salvador, 10 de julho de 2018


.....
Assinatura do responsável pelo projeto

Assinatura da orientadora





Universidade do Estado da Bahia
Comitê de ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Ana Paula da Silva Santos a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado “Festa do Lixo” na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 05 de julho de 2018.

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Tarciso Ferreira de Jesus
Escola Dom Avelar Brandão Vilela
Aut. 10110/16 NR26
Diretor



**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o (a) pesquisador (a) Ana Paula da Silva Santos a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado "Festa do Lixo" na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-Ba: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 10 de julho de 2018.

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Prof.ª MA. ADELAIDE ROCHA BACARDI
DIRETORADO DE EDCI / UNEB
Port. 1.646/2018- D.O.E 16/06/2018
Mat. 74001110-3



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: FESTA DO LIXO, NA FAZENDA GRANDE DO RETIRO, SALVADOR-BA: UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E SEU CARÁTER POLÍTICO-PEDAGÓGICO.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 5			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Ana Paula da Silva Santos			
6. CPF: 923.780.305-25		7. Endereço (Rua, n.º): PADRE DANIEL LISBOA DANIEL LISBOA Ap 1501 Ed. Lara SALVADOR BAHIA 40283560	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 71988018010	10. Outro Telefone:	11. Email: paula.ike@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 29 / 06 / 2018		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade do Estado da Bahia		13. CNPJ:	
14. Unidade/Órgão: Universidade do Estado da Bahia		15. Telefone: (74) 3611-5617	
16. Outro Telefone:		Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.	
Responsável: <u>Adeleide Rocha Badaro</u>		CPF: <u>227.418.875-00</u>	
Cargo/Função: <u>Diretor Departamento</u>			
Data: 29 / 06 / 2018		 Assinatura	
RECEBI EM 16/06/2018 DE: ADELEIDE ROCHA BADARO POR: 1646/2018 - D.O.E 18/06/2018 Mat. 74001110-3			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de ética em Pesquisa - CEP**

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO
DO PROJETO DE PESQUISA**

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado "Festa do Lixo" na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico vinculado à instituição Universidade do Estado da Bahia- Campus I que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, 05de julho de 2018.

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Maria das Graças de Andrade Leal (orientadora)	
Ana Paula da Silva Santos	



Universidade do Estado da Bahia Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada "Festa do Lixo" na Fazenda Grande do Retiro, Salvador-BA: um patrimônio cultural imaterial e seu caráter político-pedagógico cujos dados serão coletados através de entrevistas nos círculos de cultura, na Escola Estadual dom Avelar Brandão Vilela, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no DEDC Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a Ana Paula da Silva Santos. Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, 05 de julho de 2018

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Maria das Graças de Andrade Leal (orientadora)	
Ana Paula da Silva Santos	

Secretaria de
Cultura e Turismo

SALVADOR
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO SALVADOR
SETOR DE ARQUIVOS AUDIOVISUAIS

[illegible]


ANA PAULA DA SILVA SANTOS
CESSIONÁRIA

Bondini
ELIDINEI M. BONFIM
TÉCNICA AHMS

Data: 14 / 06 / 2018

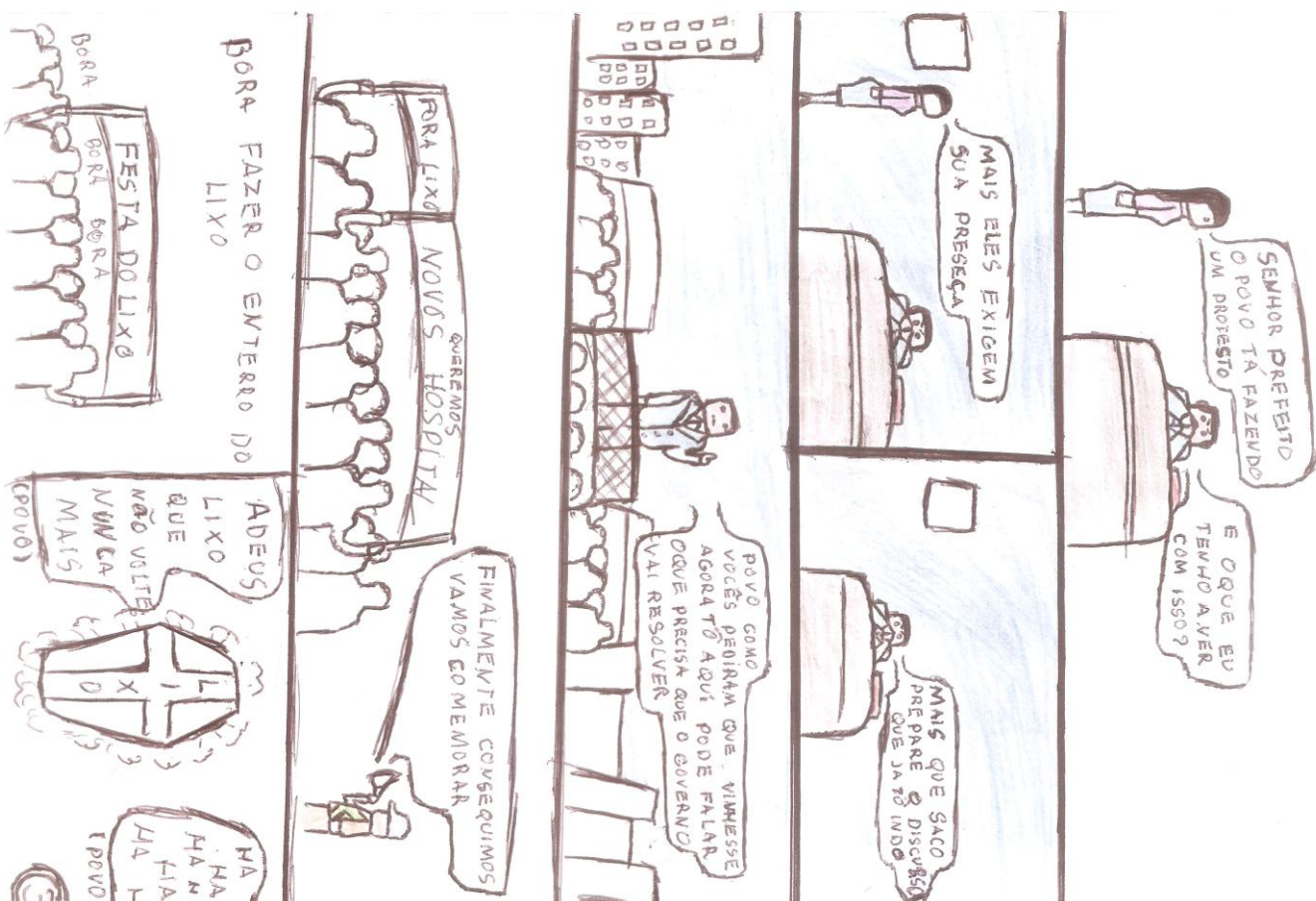
OBS: A CESSIÃO fica obrigada a conceder expressamente os créditos das imagens digitais ao **Fotógrafo**, quando houver, e ao **Arquivo Histórico Municipal de Salvador/ SECULT**, explicitando o Fundo ou Coleção a que a mesma pertence e o Número do Documento.

Feste Mundo de boana



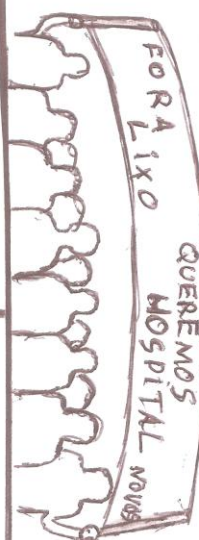






ANOS DEPOIS

VOLTAMOS POIS O SENHOR
NÃO RESOLVEU NADA



TEMHO QUE ACABAR

MADEM POLICIAIS
ACABAR COM
ESSA FESTA

POLICIAIS CAUSAM
TUMULTO EM JOVEN
MORRE E ACABA A FESTA
DO LIXO

FIM

